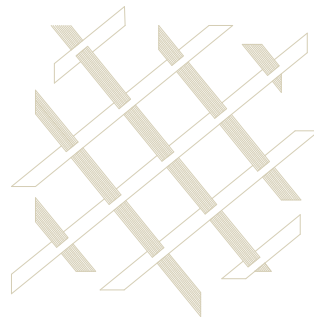


FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE DE LISBOA



A RUÍNA . ENTRE A MEMÓRIA E A MATÉRIA

DA TINTURARIA AO FABLAB DE DESIGN TÊXTIL

Dalila Maria dos Santos Pereira (Licenciada)

Projeto Final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Equipa de Orientação

Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira

Júri

Professor Doutor Victor Manuel Mota Ferreira

Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Documento Definitivo

Lisboa, FAUL, Julho, 2019

A RUÍNA . ENTRE A MEMÓRIA
E A MATÉRIA

DA TINTURARIA AO FABLAB DE DESIGN TÊXTIL

Dalila Maria dos Santos Pereira (Licenciada)
Projeto Final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Equipa de Orientação

Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira

Júri

Professor Doutor Victor Manuel Mota Ferreira

Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Documento Definitivo

Lisboa, FAUL, Julho 2019

RESUMO

TÍTULO

A RUÍNA . ENTRE A MEMÓRIA
E A MATÉRIA

NOME

Dalila Maria dos
Santos Pereira

EQUIPA DE ORIENTAÇÃO

Professor Doutor José Aguiar
Professor Doutor
Paulo Pereira

MESTRADO INTEGRADO
EM ARQUITETURA

FAUL

Lisboa, Julho de
2019

PALAVRAS CHAVE

Vale de Chelas
Reabilitação
Industrial
Ruína

Numa cidade como Lisboa, em que a regregação social e os processos de heterogeneidade e de (re) centralização são problemas atuais dado que cada vez mais se expandem os limites urbanos, são patentes algumas lacunas e insuficiências no tecido urbano. A oriente da cidade existem espaços de transição que serão o ponto de partida para a nossa intervenção.

Tratando-se de um território deixado ao acaso e ao abandono durante largos anos e que resume a ligação entre o Centro Histórico e o Parque das Nações - o Vale de Chelas repleto de preexistências que remetem para a era industrial - assume-se como um território onde é imperioso reconhecer um lugar de memória que se pretende preservar.

Debruçamo-nos sobre questões do nosso quotidiano e colocamos a interrogação vital: qual será o desfecho e o futuro deste território?

Conduziremos esta investigação de maneira a que consigamos obter respostas ou soluções às diversas fragilidades do lugar em análise, tanto a nível urbano como a nível social.

Desta forma, interpretamos a Ruína enquanto um objeto ou matéria que alimenta o vínculo entre a memória daquilo que representou, em tempos, e como matéria ou elemento físico que permite transpôr para o futuro a sua resistência e refuncionalização através de um processo de reinterpretação.

ABSTRACT

TITLE In a city such as Lisbon, where the social reaggregation and the process of heterogeneity and (re)centralization are current problems, the urban space is usually characterized by some gaps or insufficiencies. At the eastern part of Lisbon there are spaces of transition which will be the starting point for our intervention.

The Ruin . Between the Memory and Substance

NAME As a territory forsaken and left at random for decades, it's assumed that it is absolutely imperative to recognise it as a place of memory that we intend to preserve. In itself represents the valuable between the Historic Center and Parque das Nações, where Chelas valley is filled with preexistences from the Industrial Age – it's assumed that it is absolutely imperative to recognise it as a place of memory that we intend to preserve.

Dalila Maria dos Santos Pereira

ORIENTATION TIME As we ponder over matters of everyday life and we shall the vital question: what will be the outcome and future of this territory?

Arq. PhD. José Aguiar

Arq. PhD. Paulo Pereira

INTEGRATED MASTER IN ARCHITECTURE This investigation shall be conducted in a way that we can obtain answers or solutions to the diverse fragilities of the place under analysis, from the urbanist point as well as the social point.

LISBON SCHOOL OF ARCHITECTURE

Lisbon, July 2019

KEYWORDS Thus, we interpret the Ruin as an object or matter that feeds the bound between the memory of what it stood and the matter or physical element that allows to transpose its resistance and refunctionality to the future through a process of reinterpretation.

Industrial Rehabilitation
Ruin
Vale de Chelas

AGRADECIMENTOS

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

Antoine de Saint-Exupéry, 1943

A todos os que estiverem presentes ao logo deste percurso.

Ao Professor José Aguiar, por dar-me liberdade para voar e incentivar a arriscar. Por todas as vezes que me fez duvidar e repensar ou apenas deixar de duvidar.

Ao Professor Paulo Pereira, por todas as conversas, toda a tranquilidade e boa energia infundável. Por conseguir trazer sempre a calma a bom porto.

À Juliana e “Ana Bia”, por estarem sempre presentes. À Beatriz, à Telma e à Carina por serem verdadeiras companheiras ao longo deste percurso.

Aos meus pais pelo apoio incondicional e acreditarem em mim. À minha irmã por todas as palavras de apoio, por nunca me deixar desistir.

À Lia e à Carminho por me demonstrarem que a felicidade esta na simplicidade das coisas.

Ao Gil por toda a paciência, motivação e amor.

O meu sincero Obrigada.

ÍNDICE DE FIGURAS

CAPA

Imagem elaborada pela autora

ÍNDICE

Fotografia da Chaminé da Tinturaria
Capturada pelo Professor Arquiteto Pedro Pacheco, 2018

INTRODUÇÃO

001. Fotografia Panorâmica da Zona Oriental de Lisboa, 1992 010
Capturada por Filipe Jorge, 1992 em Lisboa Vista do Céu. Lisboa:
Argumentum, 2013

A ESSÊNCIA DA CIDADE

002. Ortofoto da localização do Vale de Chelas na cidade de Lisboa, 010
Imagem elaborada pela a autora, 2018 (baseado em google earth)
003. Topografia da cidade de Lisboa 012
Imagem elaborada pela a autora, 2019
004. Vista sobre o Vale de Chelas em 1990 016
Autor desconhecido em Arquivo Municipal de Lisboa
005. Vista sobre a "foz" do Vale de Chelas do cemitério do Alto de 016
São João, 2018
Capturada pela autora, Março 2018
006. Inauguração da Grande exposição do Mundo Português em 1940 026
em <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/06/exposicao-do-mundo-portugues-em-1940.html>
007. Demolição das Fábricas junto à Torre de Belém, 1950 026
Autor desconhecido em Arquivo Municipal de Lisboa
008. A Central Tejo, 1930 026
em <https://www.fundacaoedp.pt/pt/conteudo/central>
009. Mapa Industrial de Lisboa 030
Imagem elaborada pela autora, 2019
010. Vista da estrada de Chelas sobre o lado norte do Complexo 032
Industrial da Tinturaria Portuguesa
Fotografia capturada pela autora, 2019

A MEMÓRIA

011. O troço da estrada de Chelas junto à Tinturaria Portugália 036
Fotografia capturada pela autora, 2019
012. Praça de Xabregas 038
Autor desconhecido, s/d. em Arquivo Municipal de Lisboa
013. Mercado no Largo de Marques de Nisa, Xabregas 039
Autor desconhecido, s/d. em Arquivo Municipal de Lisboa
014. Atualmente como se encontra o "largo" de Marques de Nisa 039
Fotografia capturada pela autora, 2019
015. Chafariz na esquina do Pátio José Inglês junto ao núcleo 042
industrial da Tinturaria, 1966
Fotografia de João H. Goulart, 1966 em <http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.com/2009/05/rua-gualdim-pais-v.html>
016. Atualmente como se encontra o Chafariz na Estrada Gualdim Pais 042
Fotografia da autora, 2019
017. Areal de Xabregas 048
Eduardo Portugal, 1940/48 em Arquivo Municipal de Lisboa
018. Fotografia que abrange o aterro do Beato, avistando-se o antigo 048
convento de Xabregas, 1949
Eduardo Portugal, 1949 em Arquivo Municipal de Lisboa
019. Diagrama da evolução do edificado em Xabregas 050
Elaborado pela autora, 2019

A RUÍNA

020. Fachada Principal da Fábrica em Estudo 051
Fotografia capturada pelo Professor Pedro Pacheco, 2018
021. Fachada em Ruína no Funchal 057
Fotografia capturada pela autora, 2019
022. "Vedute di Roma - Rovine d'una Galleria di Statue nella Villa 058
Adriana a Tivoli"
Gravura de Giovanni Battista Piranesi
023. "Ruins of one of the chambers` soldiers at one of the leading 058
factories in Hadrian`s Villa in Tivoli His"
Gravura de Giovanni Battista Piranesi
024. Panorâmica sobre a cidade de Havana, Cuba 061
Autor desconhecido, s/d. em <https://www.publico.pt/2015/03/23/mundo/noticia/nos-telhados-de-havana-uma-cidade-pendurada-no-ar-1689979>
025. Antiga Industria de Bethlehem Steel, intitulada como "Happy 062
sleep"
Fotografia Matthew Christopher, 2009
026. Ruínas da Igreja de St.Bonaventure, Philadelphia 062

	Fotografia Matthew Christopher, 2014	
027.	Citação do Fotografo Matthew Christopher em https://www.citylab.com/design/2012/01/psychology-ruin-porn/886/	062
028.	Relação entre os arcos da Fábrica e a vegetação adjacente Fotografia capturada pelo Professor Arquitecto Pedro Pacheco, 2018	065
029.	Fachada Norte da Fábrica Fotografia capturada pela autora, 2019	066
030.	Excerto da Carta de 1835, onde podemos ver a "Fábrica de Chitas" Cartografia em Arquivo Municipal de Lisboa	068
031.	Capa do Jornal "O Fuso", com a greve dos trabalhadores da Tinturaria, Dezembro de 1974 Notícia acedida em https://1969revolucaoessaca.blogspot.com/2014/12/1974-12-00-o-fuso-n-02.html	069
032.	Diagrama da Evolução da Fábrica Elaborada pela autora, 2019	070
033.	Pormenor da fachada em alvenaria para a Estrada de Chelas Fotografia capturada pela autora, 2019	072
034.	Relação entre a fachada da Estrada de Chelas o muro de suporte do cemitério do Alto de São João Fotografia capturada pela autora, 2019	072
035.	Relação entre a fachada principal e os edifícios adjacentes que fazem parte do complexo industrial Fotografia capturada pela Professor Arquitecto Pedro Pacheco, 2018	072
036.	Pormenor dos arcos da fachada principal Fotografia capturada pela Professor Arquitecto Pedro Pacheco, 2018	072
037.	Vestígios da estrutura em madeira da cobertura Fotografia capturada pela autora, 2019	074
038.	Os marcos em Lioz na fachada da estrada de Chelas Fotografia capturada pela autora, 2019	075
039.	Lajes da preexistência em betão junto ao pátio Fotografia capturada pela Professor Arquitecto Pedro Pacheco, 2018	075
040.	Lajes com vigas metálicas e abobadilha de tijolo, nave nascente/ sul Fotografia capturada pela Professor Arquitecto Pedro Pacheco, 2018	075
041.	Composição do sistema murário no interior da fábrica Fotografia capturada pela Professor Arquitecto Pedro Pacheco, 2018	075
042.	Fendilhação transversal, junto à moldura do vão, na fachada poente Fotografia capturada pela autora, 2019	076
043.	Desagregação na fachada na nave sul na fachada da Estrada de Chelas Fotografia capturada pela autora, 2019	076

044.	Sinais de humidade, no interior na nave norte/Estrada de Chelas Fotografia capturada pela Professor Arquitecto Pedro Pacheco, 2018	076
045.	Florescência, na fachada principal Fotografia capturada por autor desconhecido	079
046.	Criptoflorescência, na fachada principal Fotografia capturada por autor desconhecido	079
047.	Destaques na fachada principal Fotografia capturada por autor desconhecido	079
048.	Vegetação parasita, é possível ver em várias zonas o edifício Fotografia capturada pela Professor Arquitecto Pedro Pacheco, 2018	079
049.	Bolores no interior, é observado na nave a sul do lado nascente Fotografia capturada pela Professor Arquitecto Pedro Pacheco, 2018	079
050.	Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas. Açores em https://www.archdaily.com/597622/arquipelago-nil-contemporary-arts-centre-menos-e-mais-arquitectos-joao-mendes-ribeiro-arquitecto?ad_medium=gallery	083
051.	Centre du visiteur Dans le Moulin de L'Abbaye. Bélgica em https://www.archdaily.com.br/br/802865/centro-de-visitantes-do-monasterio-de-villers-binario-architectes?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user	083
052.	Ixi'im Restaurant. México em https://www.archdaily.com.br/br/884445/restaurante-ixiim-jorge-bolio-arquitectura-plus-lavalle-plus-peniche-arquitectos-plus-mauricio-gallegos-arquitectos-plus-central-de-proyectos-scp	083
053.	Museu de Arte MORITZBURG. Alemanha em https://www.archdaily.com/132838/moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos	084
054.	Alçado do SESC Pompeia em https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi?ad_medium=gallery	086
055.	Secção transversal do conjunto em https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi?ad_medium=gallery	086
056.	Planta do conjunto em https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi?ad_medium=gallery	086
057.	Corredor central entre os edifícios em https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi?ad_medium=gallery	087
058.	Promenor das ligações aéreas entre os volumes em https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi?ad_medium=gallery	087
059.	Espaço de lazer interior na nave central em https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi?ad_medium=gallery	087

	sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi?ad_medium=gallery	
060.	Fachada principal do edifício de Escritórios e Armazéns na Adémia em https://www.archdaily.com.br/br/779018/armazem-e-escritorios-na-ademia-joao-mendes-ribeiro	088
061.	Axonometria do volume em https://www.archdaily.com.br/br/779018/armazem-e-escritorios-na-ademia-joao-mendes-ribeiro	090
062.	Composição da Fachada em https://www.archdaily.com.br/br/779018/armazem-e-escritorios-na-ademia-joao-mendes-ribeiro	090
063.	Planta do piso térreo em https://www.archdaily.com.br/br/779018/armazem-e-escritorios-na-ademia-joao-mendes-ribeiro	091
064.	“Caixa” que faz a conexão à nave em https://www.archdaily.com.br/br/779018/armazem-e-escritorios-na-ademia-joao-mendes-ribeiro	091
065.	Interior de uma sala em https://www.archdaily.com.br/br/779018/armazem-e-escritorios-na-ademia-joao-mendes-ribeiro	091
066.	Materialidade usada na fachada em https://www.archdaily.com.br/br/779018/armazem-e-escritorios-na-ademia-joao-mendes-ribeiro	092
067.	Interior da Casa dos Cubos em https://www.archdaily.com.br/br/01-29175/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	092
068.	Secções transversais em https://www.archdaily.com.br/br/01-29175/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	094
069.	Planta do segundo piso em https://www.archdaily.com.br/br/01-29175/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	094
070.	Secção longitudinal em https://www.archdaily.com.br/br/01-29175/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	094
071.	Espaços interiores em https://www.archdaily.com.br/br/01-29175/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	095
072.	Caixa de acessos em https://www.archdaily.com.br/br/01-29175/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	095
073.	Fachada principal em https://www.archdaily.com.br/br/01-29175/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	095
074.	Interior da nave da Fábrica de Santo Thyrso	096

	em https://www.archdaily.com.br/br/01-29175/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	098
075.	Diagrama com os usos do complexo em https://www.archdaily.com.br/br/01-29175/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	099
076.	Vista para a Fachada exterior em https://www.archdaily.com.br/br/01-29175/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	099
077.	Vista sobre o espaço interior em https://www.archdaily.com.br/br/01-29175/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	099
078.	O pátio interior da fábrica em https://www.archdaily.com.br/br/01-29175/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	099

PROJETAR PARA A RUÍNA

079.	O interior pelo portão da Estrada de Chelas Fotografia capturada pela autora, 2019	101
080.	Área de Intervenção no Vale de Chelas Imagem elaborada pela a autora, 2019 (baseado em google earth)	105
081.	Proposta de Plano Urbano para o Vale de Chelas Elaborado pela autora, 2019	106
082.	Planta com a proposta de demolições no Vale Elaborado pela autora, 2019	109
083.	Desenho da Rua Gualdim Pais Elaborado pela autora, 2019	110
084.	Planta de Percursos em redor da Fábrica Elaborado pela autora, 2019	112
085.	Maquete da proposta arquitetónica. Escala 1/200 Elaborado pela autora, 2019	114
086.	Maquete da proposta arquitetónica. Escala 1/200 Elaborado pela autora, 2019	114
087.	Desenho da Nave Central, vista sul Elaborado pela autora, 2019	116
088.	Maquete de Estudo no novo edifício à Fábrica. Escala 1/100 Elaborado pela autora, 2019	118
089.	Desenho da "adição" à Fábrica Elaborado pela autora, 2019	119
090.	Maquetes de Estudo da forma da cobertura/estrutura. Escala 1/200 Elaborado pela autora, 2019	119
091.	Maquete de Estudo da estrutura da cobertura. Escala 1/100 Elaborado pela autora, 2019	120

092.	Fotomontagem de como ficará a fachada da Estrada de Chelas Elaborado pela autora, 2019	121
093.	Maquete de estudo do padrão para esculpir a fachada principal Escala 1/100 Elaborado pela autora, 2019	122
094.	Zinco ao Natural utilizado na cobertura em http://www.asa.com.pt/zinco.html	123
095.	Tom do Betão utilizado em https://www.dezeen.com/2019/05/16/tim-van-laere-gallery-office-kerstengeers-david-van-severen-antwerp/	123
096.	Pavimento metálico das áreas de circulação e guardas - Aço corten com tratamento em https://www.architonic.com/en/product/apavisa-metal-titanium-lappato-mosaico/1224902	123
097.	Microcimento aplicado no pavimento interior em https://cimentart.pt/productos/microcimento-cimentart/	123
098.	Obra do Vhils que podíamos observar em Alcântara em https://pt.euronews.com/2018/01/26/percorra-as-obras-de-vhils-em-lisboa-numa-experiencia-em-360-graus	125
099.	Diagrama dos Usos Elaborado pela autora, 2019	126
100.	Vestígios da Fábrica de Roupa Kiddie Kloes, 2007 Fotografia Matthew Christopher, 2014	129

1 . INTRODUÇÃO	003
1.1 OBJETIVOS	007
1.2 METODOLOGIA	009
2 . A ESSÊNCIA DA CIDADE	011
2.1 METAMORFOSE DO TERRITÓRIO	013
2.2 A PAISAGEM	017
2.3 SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO	019
2.4 OS VESTÍGIOS INDUSTRIAIS	027
2.5 LUGARES EXPECTANTES	033
3 . A MEMÓRIA	037
3.1 COLECTIVA E INDIVIDUAL	039
3.2 IDENTIDADE	043
3.3 DA RURALIDADE À INDUSTRIALIZAÇÃO	047
4 . A RUÍNA	053
4.1 RUÍNA	055
4.2 PASSAGEM DA RUÍNA NO TEMPO	059
4.3 O FASCÍNIO PELA DECADÊNCIA	063
4.4 A FÁBRICA	067
4.5 A VERSATILIDADE	081
5 . PROJETAR PARA A RUÍNA	101
5.1 REGENERAÇÃO	105
5.2 APROPRIAÇÃO	113
5.3 MATERIALIZAÇÃO	121
5.4 DA INDÚSTRIA AO FABLAB	127
6 . CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
BIBLIOGRAFIA	135
ANEXOS	141



. JUNHO 2019

001. Fotografia Panorâmica da zona Oriental de Lisboa, 1992



1. INTRODUÇÃO

"Assinalando épocas, marcando o tempo, fornecendo-nos sinais das tempestades ou das bonanças, barroca, clássica, moderna ou pós-moderna, realista, surrealista, seja o que for ou o que vier a ser, a arquitetura cria, recria e abole o "passado", a fim de o restituir ao "presente" como memória inesquecível do que fomos e advertências para o que seremos."

TÁVORA, 2006

Muitas vezes somos confrontados com a existência de vestígios de edificado esquecidos ao longo do tempo, preexistências que fazem parte do panorama da cidade e que são muitas vezes vestígios, ora ténues, por vezes monumentais, de uma arquitetura perdida no tempo.

Desses vestígios fazem parte fábricas e armazéns que revelam a identidade do território na zona oriental da cidade.

Atualmente considerado o "cemitério das

fábricas", que outrora tiveram dinâmicas participativas na economia da cidade, a zona de Xabregas surge como porto fluvial da zona ocidental de Lisboa, sendo um dos mais expressivos exemplos neste domínio.

A presença de algumas vilas e pátios ajudam a caracterizar uma zona industrial que teve o seu auge na segunda metade do século XIX.

Ora, o desenvolvimento deste trabalho corresponde à proposta de investigação da temática "Construir no (e com) o Construído" abordado na unidade curricular de Laboratório de Projeto do quinto ano.

Daqui surgiu o interesse em explorar o sortilégio e fascínio das Ruínas e, ao mesmo tempo a deslocação do tema para um subtema que poderá ser entendido, efetivamente, como "Construir com a (e na) Ruína".

O projeto final de mestrado, centrar-se na zona oriental de Lisboa, mais precisamente no Vale de Chelas tendo como foco as preexistências do complexo Industrial da Fábrica da Tinturaria Portugália.

Com o propósito de conferir uma nova vida àquele espaço cuja essência se pretendemos manter sendo esse o objetivo primordial, avançamos com uma proposta de implementação de um programa que compreenda uma ligação à indústria têxtil, mas com uma nova abordagem que devolva dinâmica e um conjunto com intuitos produtivos associando-o ao seu poder evocativo e á sua própria história, no que respeita à proposta de função: na realidade, uma revisitação à antiga condição da fábrica e um reencontro com essa mesma antiga vocação.

Qual será o desenlace daquele lugar?

Ao observar a cartografia da cidade de Lisboa, percebemos que entre o centro e a zona oriental da cidade existe uma lacuna, um espaço de transição que foi deixado ao acaso, consequência da desindustrialização. Assim surgem as inquietações do qual será o futuro deste património industrial.

A intervenção tem como objetivo a regeneração e a revitalização do Vale de Chelas, transformando-se assim numa mais valia para a atração dos cidadãos e visitantes proporcionando novas dinâmicas para um conjunto e um contexto urbano que atualmente se encontra em declínio social, cultural e ambiental.

O que propomos é um projeto que crie coesão neste espaço de transição na cidade, que suscite um novo polo na cidade: não propomos uma nova centralidade, mas sim um refúgio da cidade, um novo espaço de lazer e simultaneamente um núcleo produtivo com uma boa capacidade de integração no parque urbano.

Como resolver o problema? Para encontrar uma solução para qualquer questão é necessário primeiro compreendê-la, observá-la, já que só assim poderá ser possível perceber a essência do problema, fazendo-o através do uso das ferramentas mais adequadas que tenham a devida eficácia.

O núcleo industrial fábrica em estudo faz parte da panóplia de edifícios fabris que constituem o "cemitério das fábricas" no Vale de Chelas.

Entre os restantes edifícios de arquitetura

fábrica implementados no Vale, esta fábrica sobressai pela grandiosidade dos seus arcos remanescentes, que são por si só uma pontuação de carácter monumental.

Hoje este troço do Vale continua com vestígios bem claros da época industrial. A existência de diversos marcos industriais, como as muitas estruturas fabris desafetas e as evocativas chaminés que ainda permanecem erguidas promovem uma percepção da paisagem urbana ou periurbana, que possui uma atração, se não enigmática, pelo menos de redescobertas, esse mesmo sortilégio que sabemos ser característico de atmosferas pós-industriais.

A intervenção no lugar decorre, portanto, da atratividade e da sua discreta monumentalidade, algo que visto de fora proporciona uma visualização compositiva riquíssima, sem nunca podermos, porém, contemplar a sua totalidade. Enfiamentos localizados ao acaso para a sua esbelta estrutura, entre os cheios e vazios que estão adjacentes ao edifício constituem outros tantos pontos de vista e provas de um metabolismo urbano, que combina a história, a geografia e a economia "abstractamente", mas convoca também o domínio da estética.

1.1 OBJETIVOS

O nosso objetivo é criar uma nova percepção daquele local, baseada nas diversas características do mesmo, procurando englobar o lado temporal, físico e imaterial de forma a que não perca a sua essência, sempre em consonância com os novos usos e as novas intervenções.

A nossa intenção passa por redesenhar a charneira negligenciada entre o Vale e a Cidade e o Parque das Nações, de forma a revitalizar aquela zona para que esta deixe assim de ser apenas um conjunto de fragmentos dispersos, carecendo de presença, de continuidade e de usos, em suma, reurbanizando.

O processo pressupõe a promoção da memória da indústria na cidade, como também da paisagem e do património industrial no Vale de Chelas, devolvendo àquele local o dinamismo de outrora e que hoje é quase inexistente.

Acresce a intenção em demonstrar que as ruínas conseguem preservar a história e a memória do lugar e que é possível compatibilizar o novo com o preexistente, de modo a que o resultado final seja algo de harmonioso e coerente. É necessário e evidente, portanto, compreender o modo como os materiais podem ajudar a enriquecer esta relação entre o novo e o preexistente.

"O encontrar de um sentido, de uma comunicação,
de um propósito desta arquitetura, do motivo
pela qual esta se torna relevante preservar"

ARAGÃO, 2015

1.2 METODOLOGIA

DESENCADEAMENTO DA ANÁLISE AO PROJETO

Na procura de respostas para o núcleo industrial da Tinturaria Portugália, abordámos diversos temas intrínsecos aos problemas com que somos confrontados no Vale de Chelas tais como a paisagem, os vestígios industriais que fazem parte do panorama da mesma, a evolução da indústria ao longo dos séculos e também o futuro da monumentalidade destas unidades fabris e a versatilidade que podem assumir para os mais diversos usos.

O intuito é coligar conhecimentos prévios necessários ao exercício de intervenção sobre a preexistência.

O facto de intervir sobre os vestígios da fábrica faz com que seja vantajoso conhecermos intimamente o lugar e desta forma propor uma intervenção assertiva.

A Ruína desperta-nos para a leitura da natureza física e material da condição atual da Fábrica, que nos leva para o campo afetivo da memória, que por sua vez proporciona a especulação sobre o que foi, e o que será futuramente.

A matéria significa o que dará forma ao idealizado para aquele espaço, ou seja, é percepção conseguida através de diferentes abordagens que permitirá problematizar a forma de regenerar e revitalizar as ruínas.

JUNHO 2019
002. Ortofoto de Localização do Vale da Gheiras na cidade de Lisboa



2. A ESSÊNCIA DA CIDADE

Instaurada num território peculiar, Lisboa é a fusão de várias épocas. Consideramos pertinente abordar diversos temas que a compõem, de forma a desenvolver uma base que vá ao encontro da compreensão do território em estudo.

As temáticas essenciais à composição do pensamento sobre a cidade apresentam características tais como o território e as premissas da composição da paisagem, o seu percurso ao longo do tempo e, em primeira instância sobre os vestígios industriais na cidade de Lisboa. Assim faremos um percurso de ocidente para oriente com a sua evolução a nível da linha de costa e os marcos que permaneceram ao longo das décadas, sem descurar de forma sintética os parâmetros por que se rege a salvaguarda do Património.

É também ponto fulcral no desenvolvimento deste trabalho, a melhor compreensão da ocupação industrial neste território.



2.1 A METAMORFOSE

DO TERRITÓRIO

O território de Lisboa é composto por diversas características que o tornam tão singular, como a sua morfologia, que se traduz em vales, colinas e planícies, pela sua composição, pelo nível e recortes das linhas de água e linhas de fecho, fatores estes que determinam a maneira como a cidade se desenvolve.

Poderíamos considerar que numa cidade tão sedimentada como Lisboa, que o seu relevo seria o ADN do território, e que por mais mutações que a cidade sofra, nunca deixarão de existir, as sete colinas; e o desenho multiplica-se pelas curvas de nível acentuadas no resto do seu entorno.

É isto que nos leva a “pensar no território como estrutura esquelética de suporte inicial, na evidência da cidade sobre ela, na sua construção como devir, permite-nos pensar na transformação desse mesmo território em cidade”¹, assim compreendermos a singularidade do território em estudo.

Ao abordamos a metamorfose do território compreende-se que no crescimento da cidade de Lisboa é notória a presença de dois “vazios” urbanos devido ao acentuado relevo que delimitam a cidade, eixos que se complementam pela sua simetria e que criam o

¹ GRAÇA, João Luís Carrilho da. “Metamorfose” em JA nº206. Lisboa, 2002 p.9

“limite” da área urbana bem consolidada.

Referimo-nos ao Vale de Chelas que é demarcado pelo Alto de São João e o Vale de Alcântara que por sua vez é delimitado pela Serra de Monsanto.

O foco desta análise centra-se no Vale de Chelas, território este que sofreu tantas mutações e que se insere num contexto de “tecidos urbanos aleatoriamente (mal) formados”².

Um lugar que durante décadas foi palco de diversos usos, em que a morfologia do terreno e os vestígios industriais determinam estes espaços intersticiais, torna evidente a desconexão do espaço urbano existente entre o Oriente e o Ocidente da cidade de Lisboa.

Podemos dizer que foi esquecido no tempo, ficou confinado à época industrial (ou melhor, tardo-industrial) e que são poucas as novas intervenções ou aquelas que foram realizadas acabaram por não ter sucesso, ou ganharam diferentes usos do que aqueles para os quais foram idealizados.

Estes usos precários descaracterizam o território, convertendo-o, tão só, num lugar de passagem, um lugar que não convida à permanência, algo que se acentua devido à falta de infraestruturas que dinamizem aquela área, já que é também patente a ausência de fácil mobilidade no local.

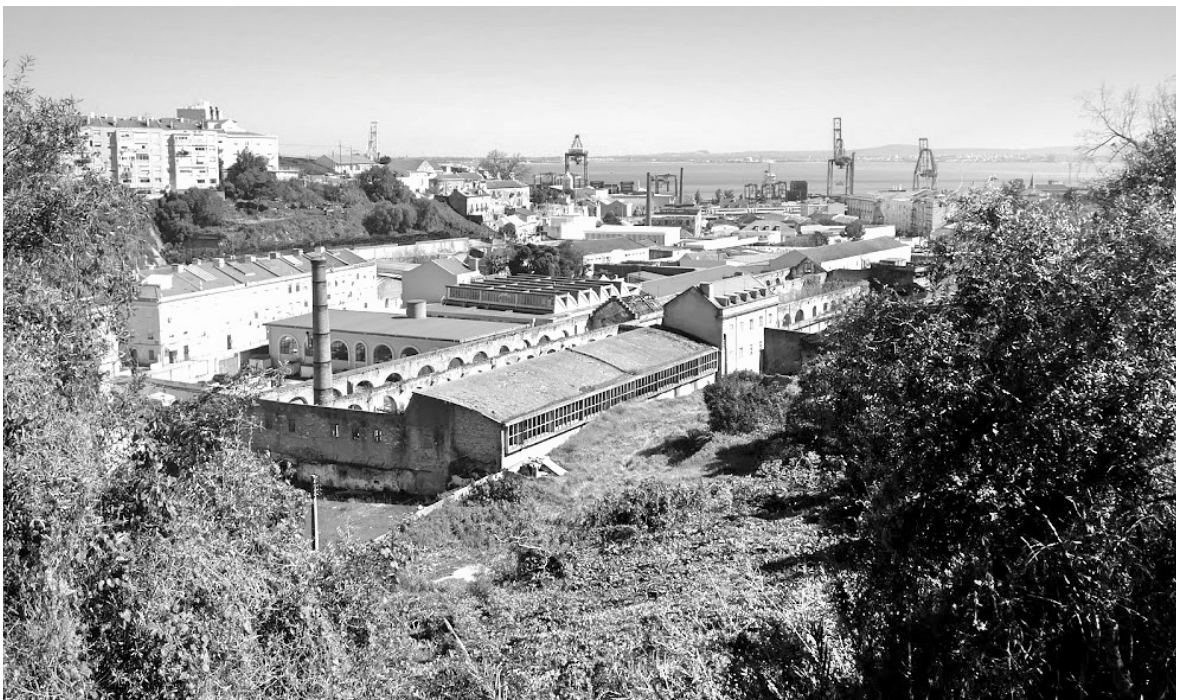
É necessário recorrer a processos que visam a requalificação urbana destes espaços precários, de

² PORTAS, Nuno e TRAVASSOS, Nuno. “As transformações do espaço urbano” em Políticas Urbanas II, FCG, 2011, p. 164

forma a conseguir uma melhor articulação destas áreas com a urbanidade em que estão envolvidas, já que a "revitalização assenta na implementação de um processo de planeamento estratégico, capaz de reconhecer, manter e introduzir valores de forma cumulativa e sinérgica. Isto é, intervém a médio e longo prazo, de forma relacional, assumindo e promovendo os vínculos entre territórios, atividades e pessoas"³

Existe uma proposta, macro ecológica, para àquela área da autoria dos arquitetos NPK, a qual prevê conferir uma nova vida ao vale de Chelas, propondo um eixo arborizado que se ligaria ao rio e permitindo assim a melhora da qualidade de vida no centro da cidade. Porém, permitimo-nos adiantar, sem que tal signifique uma crítica negativa ao projeto/proposta em apreço, que a solução negligência os vínculos daquele território com as atividades industriais e a população que o habita, questões essenciais que abordaremos nesta proposta.

³ GUERRA, Isabel; "A Revitalização Urbana. Contributos para a Definição de um Conceito Operativo"; em Políticas Públicas de Revitalização: reflexão para formulação estratégica e operacional das atuações a concretizar no QREN, pp. 14-57; Lisboa, Outubro de 2005



2.2 A PAISAGEM

DO VALE AO RIO

A paisagem é um conjunto biológico e orgânico, em que cada elemento que a compõe, influência e é influenciado pelos restantes. É a geração de ação que cria uma reação, que permanece em constante alteração, concebendo como critérios determinantes o ambiente e a sua recriação por parte do Homem.

É uma composição de elementos físicos do passado, um complexo que foi humanizado em que perduram formas naturais, é a herança da evolução criativa de sucessivas gerações, que deram forma à Natureza e geraram espaços indispensáveis à caracterização do local.

Como refere Gonçalo Ribeiro Teles, a paisagem é "A identidade e cultura dum Povo, que se refletem na Paisagem, bem como também a qualidade do seu desenvolvimento e as crises da sua existência"⁴. Se aplicarmos esta ideia ao Vale de Chelas, percebemos com exatidão que a paisagem do vale reflete todos estes parâmetros, desde a população que lá habitou, à crise pós-industrial que sofreu, até ao abandono das unidades fabris, que permanecem na paisagem, mas de forma passiva.

A paisagem está relacionada com a memória, já que diversas paisagens que estavam "guardadas" no subconsciente de cada um, atualmente já não

004. Vista sobre o Vale de Chelas em 1990

005. Vista sobre a "foz" do Vale de Chelas do cemitério do Alto de São João, 2018

4 TELES, Gonçalo Ribeiro. "A Perca da complexidade da Paisagem Portuguesa". JA, 2002. p. 73

permanecem iguais, ou desapareceram alguns elementos ou foram fortemente alteradas impedindo um trabalho necessário sobre a memória e a sua construção e reconstrução.

2.3 A SALVAGUARDA

DO PATRIMÓNIO

O património é presença constante da memória nas nossas cidades, e é a maneira como conseguimos assimilar o nosso passado.

Os ideais da salvaguarda do património tiveram um extenso desenvolvimento que levou à criação de premissas que tornaram possível a definição do que seria o restauro e a conservação, um processo que contou com diversas visões de autores que tiveram grandes contribuições para a elaboração das diretrizes que iriam definir quais os valores que são essenciais à salvaguarda do património.

Com a revolução industrial, surge a preocupação e as incertezas sobre qual seria o futuro dos monumentos e a melhor maneira de os salvaguardar e preservar a memória das cidades.

É nesta altura que o restauro começa a ter grande relevância, multiplicando-se as teorias e até constituindo-se escolas com metodologias e pressupostos distintos. Por exemplo a Teoria do Restauro Estilístico defendida por Viollet-le-Duc (1814-1879), Arquiteto, propõe que os edifícios sejam restaurados de forma a retomarem a sua forma original, como condição de preservar e devolver o monumento à cidade.

Na mesma época Ruskin defende o oposto através daquilo a que poderemos chamar a Teoria do Restauro

Romântico, o naturalista, propõe prioritariamente a conservação tal como o estado em que se apresenta, como forma cautelar de conservar a memória do patrimônio de modo a assegurar o seu caráter evocativo, mesmo que se trate de uma ruína - ou por isso mesmo.

Estas duas vertentes do restauro despertaram-nos o interesse sobre tais inquietações e, desde logo, associam-se a outros autores que irão contrapor teorias derivativas ou originais que complexificam estas duas visões primordiais.

Camilo Boito (1836-1914), que avança com uma teoria de compromissos ponderados, científicos mesmo e ancorados na história e na arqueologia, substancialmente mais equilibrada e com nuances em função do elemento a intervir, com a Teoria do Restauro Filosófico, enfatizando o valor artístico que era defendido por Beltrami, mas assegurando, sobretudo, a integridade e a importância do monumento enquanto vestígio histórico.

O seu contributo foi imprescindível para o "rumo" do III Congresso de 1883 em Roma, que estipula os princípios base para a "primeira carta italiana da conservação", que sucintamente dizia que os monumentos arquitetónicos, não serviam apenas para documentar os estudos sobre a arquitetura, mas também para demonstrar a sua vivência na história e dos povos que o habitavam, e que deveríamos respeitar a sua autenticidade de forma a evitar quaisquer equívocos de interpretação e, em especial, que pusessem em causa a autenticidade.

Com Alois Riegl (1858-1905), surgem noções sobre o valor do património, que abrem portas para a classificação de diversos tipos de património sustentado nos valores culturais e outros de que são incutidos. Talvez que o contributo maior deste historiador de arte austríaco resida, precisamente em algo que no nosso caso, nos interessa de sobremaneira. Com efeito, a distinção entre "monumento" comemorativo e o "monumento" simbólico - que contem a sua potência no ato histórico que o viu nascer criando um elo entre o passado e o presente - faz com que as distinções entre tipologias comecem a ganhar um novo fôlego. Isto é, dentro do fenómeno de patrimonialização, a questão da identidade e da relação identitária dos povos - e logo, das populações - com determinado tipo de monumentos poderia tornar obsoleta a estrita formulação artística como valor absoluto.

Naturalmente que em 1902, quando Riegl pensava nestas questões, não se colocava ainda a problemática que aqui nos assiste, a saber, o valor intrínseco do património industrial.

Era antes a estética que imperava num pensamento de ação que foi, no entanto extremamente marcante. Podemos assim, então, compreender hoje o impacto deste fundador, mais do que de uma teoria do restauro, antes de uma "condição ética" - diríamos assim - do monumento: é monumento aquilo que o observador considera ser um monumento, por razões afetivas e materiais. Ora, é neste plano que, na nossa opinião, se move, em grande medida, o património industrial, que começa a ser percecionado a partir de meados do século XX como um elemento

mais na paisagem existencial do homem.

Luca Beltrami (1854-1933), Arquiteto e Historiador, com a Teoria do Restauro Histórico defendia a conservação da herança artística, de tal forma que o restaurador poderia proceder à recomposição dos elementos necessários para fazer transparecer a essência da arte presente nos monumentos e permitir assim a continuidade da sua interpretação enquanto obra de arte.

Também Gustavo Giovannoni (1873-1947), Engenheiro, Arquiteto, Urbanista (Restauro Científico) foi bastante relevante para a constituição da teoria de conservação contemporânea, com base nos fundamentos de Boito, defendendo a importância dos laços que a arquitetura cria com o sítio onde se insere, e a relação do monumento com a sua envolvente, promovendo a ideia que não apenas teríamos de preservar o monumento como também os elementos que caracterizam o seu entorno e, desta feita dando finalmente o devido destaque ao património "urbano".

Por fim, a Carta de Atenas em 1931, apresenta as diretrizes da salvaguarda do património, onde foram discutidas as principais preocupações para salvaguarda dos monumentos a nível histórico, artístico e científico.

Estas medidas foram necessárias para consolidação do início das políticas de conservação.

No mesmo ano em Itália e com base na Carta de Atenas, constituiu-se a Carta del Restauro, que

para além de contemplar as normas já estipuladas, englobava uma nova forma de visualizar as práticas do restauro. A premissa que diferenciava esta carta da Carta de Atenas era a preocupação com a atmosfera onde o monumento estava inserido.

Como está citado na carta, (...) "O critério que deriva do próprio sentimento dos cidadãos, do espírito da cidade, com as suas recordações e nostalgias"⁵, é o que despoleta a sensibilidade com a conservação do lugar enquanto preservação da identidade e memória.

Após o desmantelamento que se sucedeu por toda a Europa, devido à II Guerra Mundial, e às necessidades emergentes de reerguer as cidades mais afetadas ou parcialmente arruinadas, tornou-se imperioso repensar as teorias anteriormente aplicadas.

Nesta altura surge a teoria do Restauro Crítico com a reflexão de diversos autores sobre as cartas anteriores.

Entre eles distingue-se Cesare Brandi (1906-1938), que elabora uma doutrina sobre a conservação à qual intitula a Teoria Del Restauro, "a verdadeira "bíblia" para a formulação teórica da conservação, enquanto disciplina"⁶, publicada em 1963.

Esta "nova" teoria abre portas para outras

5 Carta del Restauro de 1931, conforme citado por **AGUIAR**, José. Cor e Cidade Histórica, Cap. 2. Restauro e(ou) Conservação?. p. 44

6 **AGUIAR**, José. "Cor e Cidade Histórica", Cáp. 3. Referências Doutrinárias, da Carta de Veneza ao Documento de Nara, p. 2

visões, que equilibram o valor histórico associado ao valor artístico, repensando todas as características e qualidades enquanto monumentos e obras de arte e atribuindo a sua devida importância mais em função das circunstâncias vivenciais - no que não andaria longe das teorias de Rigel - mais do que estritamente artísticas.

Foi fulcral para o solucionar os problemas do restauro de obras de arte, como também foi possível aplicar esta teoria em edifícios.

No ano seguinte, ocorre II Congresso Internacional dos Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, com a presença de 61 países de todos os continentes, que dá origem à Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios, onde são revistos os princípios da Carta de Atenas.

Realça-se, desta carta, a redefinição de monumento histórico, que passa a englobar locais urbanos ou rurais e não apenas o monumento arquitetónico, como também se estende de modo definitivo a preservação do espaço envolvente, não sendo permitido grandes variações a nível do edificado.

Esta carta apela à sensibilidade: conservar um monumento é aspirar que este tenha repercussão e eco no tempo e que dele seja possível irradiar a sua genuinidade.

Já o valor do patrimonial de edifícios fabris só começou a ganhar ênfase no final do século XX e inícios do século XXI. Tal se deve ao facto destes objetos não terem sido projetados para

serem símbolos de uma cidade, ou, prioritariamente, depoimentos estéticos (pelo menos à partida), mas sim para serem espaços funcionais.

Passamos não apenas a dar ênfase à componente arquitetónica e estética, como incorporamos agora, e em definitivo, critérios como o valor técnico/tecnológico, o valor urbano, paisagístico e territorial, o interesse histórico, o interesse material e o interesse social, critérios que irão determinar o reconhecimento cultural destes objetos.

“Adaptados a novas funções e perpetuam, em simultâneo, a “aura” que lhes confere o direito de passaporte para o futuro, têm que ser considerados como “monumentos” portadores de referências significativas”⁷

O querer conservar a matéria é crucial, mas a reconstrução ou a recriação fidedigna de um objecto arruinado, consiste na gestação de algo novo em que o tempo ainda não deixou as suas marcas.

Preservar a imagem e a autenticidade da sua materialidade, de forma a que seja facilmente perceptível a sua génese e a ação do tempo ao longo da sua existência, eis um dos desafios que se colocam ao patrimonialismo do século XXI.

O intuito deste processo de pesquisa, e de todo os temas abordados é a criação de razões para dar uma segunda oportunidade à herança industrial, resguardar a aspecto identitário destas áreas, preservar a sua estética fabril, mas principalmente

⁷ FOLGADO, Deolinda; “Memória ao Negro” ou a salvaguarda como reduto de memória”, em Estudos do Património nº6. Lisboa, 2004



006. Inauguração da Grande exposição do Mundo Português em 1940

007. Demolições das Fábricas junto à Torre de Belém, 1950

008. A Central Tejo, 1930

2.4 VESTÍGIOS

INDUSTRIAIS

Não podemos considerar que Lisboa seja uma cidade de cariz eminentemente industrial, como tantas outras com frente de rio/mar, mas são notórios os escombros pós-época industrial em várias zonas da cidade que até hoje continuam presentes e marcam a nossa história. Desde fábricas desativadas ou devolutas, passando pelas pequenas vilas operárias que ainda são habitadas e que deixam a memória de épocas de incremento industrial em Lisboa.

A zona ocidental da cidade perde o seu cariz industrial na transição do século devido à grande Exposição do Mundo Português em 1940, que elege o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém como ícones da "Alma Portuguesa", tendo como consequência a extinção da vivência industrial naquela zona, mobilizando-se parte da indústria ali existente para a zona oriental da cidade, prevalecendo hoje apenas um dos edifícios icônicos dessa época, a Central Tejo.

Com os PDM's⁸ da segunda metade do século XX, a zona oriental da cidade mantém as indústrias existentes entre Santa Apolónia e Braço de Prata, como também se expande até Sacavém e consolida assim a malha industrial a oriente da cidade, dando lugar a novas unidades produtivas nos dois grandes eixos viários que são a Avenida Marechal Gomes da Costa e

⁸ Planos Diretores Municipais

a Avenida Infante D . Henrique.

O gradual fim da indústria a Oriente da cidade de Lisboa culmina com o impacto económico e social do 25 de Abril, que afeta não só a indústria existente anterior ao “boom” industrial como também as áreas industriais mais recentes que apesar da sua modernidade são grandemente prejudicadas pela “crise”.

A EXPO 98 proporcionou, porém, a consciencialização dos usos que poderíamos dar aos tecidos periurbanos entre o centro da cidade e Sacavém, culminando com a revitalização da orla ribeirinha, onde outrora imperavam maioritariamente aterros, criando nova centralidade que é o Parque das Nações.

É de facto importante, por se tratar de um ambicioso e conseguido projeto integrado, que levou a Regeneração Urbana a um novo patamar de exigência e pôde instituir uma metodologia (entre outras, está claro) de como a regeneração se refere à diversidade com que se requalificam as cidades, recorrendo a processos como a criatividade, a sustentabilidade e a cidadania.

Segundo Ana Brandão “a uniformização aumentam à medida que se desenvolve o modelo, mas atenuam-se quando, por exemplo, permanecem elementos vivos da cultura local, sobreviventes de uma identidade anteriormente dominante”⁹, pelo que podemos observar que, à medida que fomos desenvolvendo a cidade

9 BRANDÃO, Ana Luísa; BRANDÃO, Pedro. *Do industrial ao pós-industrial: transição e diversidade urbana - lx/bcn*. Lisboa: IST, 2012. p. 109

pós-industrial com a desativação das indústrias circunscritas ao vale, permanecem elementos que remontam a essas mesmas vivências industriais do local, como os bairros operários que continuam habitados apesar de muitos dos seus habitantes já serem os descendentes da população que presenciou o auge da indústria neste local.

A gestão equilibrada destas questões pode assegurar elementos de continuidade na transição do industrial para o momento pós-industrial; e só assim se pode criar uma transformação mais estável e bem acolhida.

A reinterpretação dos espaços "tradicionais" ou a criação de novos espaços que correspondam a desejos de transformação, criam relações e conduzem a identidades múltiplas.

Apesar das intervenções trazerem melhorias, a alteração da paisagem, diminui as referências consolidadas. A chegada de nova população, a gentrificação do local, o aumento do sector terciário e a extinção do sector primário, são uma situação que, aparentemente ou quase sempre não constrói referências localmente consideradas positivas, pois reflete apenas um conjunto de interesses exteriores.

A viabilidade do planeamento reflete-se em aspetos estratégicos e estruturantes, ferramentas flexíveis e híbridas, de forma a não criar barreiras nos espaços de transição. Uma perspetiva menos canônica e mais centrada na potencialidade de uma mutação progressiva, conduzidas pelas diferentes alternativas e baseadas numa visão diversificada pode inclusivamente levar à criação de uma "nova cidade" a nível qualitativo, promovendo uma visão evolutiva







010. Vista da estrada de Chelas sobre o lado norte do Complexo Industrial da Tinturaria Portugália.

2.5 LUGARES *EXPECTANTES*

“O lugar é a concreta manifestação do
habitar humano”¹⁰

Tal como referido inicialmente, as infraestruturas industriais abandonadas, são referências de uma época que desapareceu, sendo instaurada a “ausência” de espaços vividos, convertendo-se em vazios urbanos que são presença constante ao longo dos percursos da cidade.

É nesta atmosfera, hoje de terrenos vagos ou ociosos urbanos que se enquadram as ruínas, entre o místico e o romântico, uma sensação forte que fica vinculada a estes fragmentos esquecidos ou definitivamente comprometidos, que perderam os usos e, sobretudo, formas de produzir e habitar.

Os edifícios industriais devolutos são, para além de um subproduto da evolução da cidade, a prova de um processo complexo de carácter sociocultural e socioeconómico.

Existe, porém, uma consequência material que leva a que a ruína traga consigo uma problemática paradoxal; mais especificamente, o crescimento da cidade, tal como a sua mutação, implica muitas vezes o aparecimento de atividades clandestinas nesses vazios, que se preenchem de forma arbitrária e insalubre.

Constituem, é claro, formas de revivescência, mas sem enquadramento nem possibilidade de sobrevivência

¹⁰ NORBERG-SCHULZ, Christian: *Genius Loci: towards a phenomenology of architecture*, New York, Rizzoli, 1980, p.6

a não ser de uma forma marginal e disruptiva.

Estes remates da cidade mal consolidados têm, no entanto, grande potencialidade para a criação de novos equipamentos destinados à população, como também de espaços verdes de recreio.

A ruína será, assim, a passagem da qualidade de objeto edificado, absorvido pela natureza ao Homem, como o inverso do ciclo em que o Homem é que se sobrepõe à Natureza para agora a Natureza se sobrepor ao ato Humano.

A sua permanência ao longo do tempo em silêncio e estagnada, sendo presenças assíduas nos contornos da cidade, conserva a memória do passado e aspira ser promessas para um futuro.

Os vazios urbano "são lugares aparentemente esquecidos, onde parece predominar a memória do passado sobre o presente. São lugares obsoletos onde somente certos valores residuais parecem manter-se apesar da sua completa desafeição da atividade da cidade. São, em definitivo, lugares externos, estranhos, que ficam fora dos circuitos, das estruturas produtivas. Desde um ponto de vista económico, áreas industriais, estações de comboio, portos, áreas residenciais inseguras, lugares contaminados".¹¹

11 SOLÀ-MORALES, 1994. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/01-35561/terrain-vague-ignasi-de-sola-morales>>.

. JUNHO 2019
011. O troço da estrada de Chelas junto à Tinturaria Portugália



3. A MEMÓRIA

"A maior glória de um edifício não está nas suas pedras, ou no seu ouro. Sua glória está na sua Idade, e naquela profunda sensação de ressonância (...) que sentimos em paredes que há tempos são banhadas pelas ondas passageiras da humanidade."

RUSKIN, 1987

A relevância de um objeto arquitetônico não corresponde somente à representação formal e documental da sua construção. Abrange outros parâmetros como a percepção sensorial e fenomenológica, a suposição do seu percurso ao longo do tempo, incutido nas suas marcas e vestígios; assim, uma interpretação relacionada com o valor emocional e não somente histórico faz com que se possa olhar para a ruína como algo sublime e desafiante.

O tempo é imaterial e muitas vezes escasso, o que nos resta desse tempo passado é o fragmento de momentos vividos e lugares que a memória retém.



012. Praça de Xabregas

013. Mercado no Largo de Marques de Nisa, Xabregas

014. Atualmente como se encontra o "largo" de Marques de Nisa, Xabregas

3.1 **A MEMÓRIA**

COLETIVA E INDIVIDUAL

A primeira percepção da memória tende a ter um carácter individual, relativo ao íntimo da própria pessoa. É, contudo, base da memória coletiva pois é ao coletar memórias individuais que obtemos informações acerca de acontecimentos que se sucederam em determinados espaços, como também elementos espaciais que já deixaram de existir.

Assim conseguimos aceder ao conhecimento de memórias de épocas que marcaram muitas pessoas ou aglomerados, ou acontecimentos que de alguma forma tiveram importância, como catástrofes naturais, revoluções que tiveram grande impacto no quotidiano das pessoas, todos estes factos, reiteramos, criam memórias invariantes e imutáveis.

Tomemos como exemplo o Terramoto de Lisboa em 1755, que perante os imensos relatos e descrições do que se sucedeu na cidade, essa memória está presente até aos dias de hoje. Podemos caracterizar esse facto como "memória quase que herdada", e é eterna porque existe um registo desses acontecimentos, que transformam a memória coletiva em memória histórica. Dessa forma são fortemente estruturados e encontram-se presentes na memória.

Estes acontecimentos muitas das vezes não fazem parte do espaço-tempo da maior parte da população, mas marcaram a cidade e a sua memória. Poderá ser transmitida ao longo dos séculos com um altíssimo grau de identificação.

Como diz Halbwachs "a história, sem dúvida, é a compilação dos factos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens.

Mas lidos em livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são escolhidos, aproximados e classificados conforme as necessidades ou regras que não se impunham aos círculos de homens que deles guardaram por muito tempo a lembrança viva. É porque geralmente a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social"¹².

A memória é uma herança, que corresponde somente à vida de um elemento, sendo sujeito a oscilações que são função do momento ao qual está vinculada, e ao momento em que está a ser expressa.

A memória individual traz consigo a incerteza, consequência de que só guardarmos as memórias que nos marcam, o que a torna abstrata, e por vezes deformada por haver perturbações devido à falta de noção entre o "espaço real" e o "espaço de memória".

O momento é um elemento estruturante na composição da memória. Isto também ocorre na memória coletiva, ainda que haja menor margem para imprecisões, visto que todos temos conhecimento dos momentos mais marcantes na história - e até da nossa história individual -, pelo que dessa forma são fortemente estruturantes e bem presentes na memória coletiva ou singularmente, na memória de um indivíduo: "se entendermos que conhecemos nossa memória pessoal somente do interior, e a memória

12 HALBWACHS, 1990

coletiva do exterior, haverá com efeito entre uma e outra um vivo contraste”¹³.

A relevância de conseguir registrar essa informação através das pessoas, que vivenciaram ou cresceram num determinado local, é imprescindível para conseguirmos caracterizar a identidade do lugar.

O lugar é um elemento incluso à memória, um lugar que foi compartilhado por um grupo durante um tempo, seja ele um ponto de mobilização laboral, um bairro, ou mesmo a residência familiar.

“Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individual, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.”

POLLAK, 1992

13 Idem



015. Chafariz na esquina do Pátio José Inglês junto ao núcleo industrial da Tinturaria, 1966

016. Atualmente como se encontra o Chafariz na Estrada Gualdim Pais, 2019

3.2 **A IDENTIDADE**

Como anteriormente citado "A memória é um elemento constituinte do sentido da identidade"¹⁴, tanto individual como coletiva é de extrema relevância na composição do sentimento de encadeamento e correlação de uma pessoa ou de um grupo e a recomposição entre si.

Para a construção da identidade do lugar existem dois elementos que são essenciais à sua composição.

1. O carácter físico, isto é o sentimento de haver fronteiras físicas;
2. E a percepção da continuidade do tempo, no sentido físico mas também relativamente ao sentido moral e psicológico.

Segundo Proshansky, a definição de identidade do lugar é a estrutura psicológica que resulta do espaço dos indivíduos para regularem a sua evolvente.

Na Idade Média os habitantes tendiam a habitar o mesmo local durante a sua vida inteira, já que eram socialmente catalogadas para residir em determinadas zonas devido ao seu estatuto. O conceito de identidade do lugar tinha elementos de referência ao ambiente que as relações sociais proporcionavam.

Hoje, na contemporaneidade já não nos podemos guiar pelas ideologias que caracterizavam a

14 Idem

identidade do lugar, ou as relações entre as pessoas e os lugares, já que hoje não são constantes, não podendo ser consideradas como estruturas fixas, mas sim em constante alteração.

Como descreve Marc Augé, a “supermodernidade” é produtora de não-lugares.

A transformação de espaços em lugares surge do vínculo das pessoas com os lugares e o encadeamento de significados e sentidos atribuídos.

Esta apropriação tem dois processos, à “priori”, que surgem da criação ou transformação quando existe uma intencionalidade, resultando no desenho de um espaço simbólico que poderá ser ou não ser apropriado pela população. Posteriormente são lugares que foram ocupados pela população local, e que ao longo do tempo ganharam características e formas de uso do quotidiano colectivo que o habita.

Segundo Tuan¹⁵, a diferença entre “lugar” e “espaço” é que o lugar está estritamente ligado ao objecto, e deste transparece o sentimento de segurança, estabilidade e proximidade; já o espaço representa a ideia de amplificação, liberdade e dinamismo.

As qualidades do espaço, lugar e não-lugar, a sua interação dialéctica de significado, a proximidade e distância, seguro e livre, o reconhecimento e o estranhamento são estas as condições a ter em conta.

O lugar e o espaço são encarados pela sua mobilidade e a sua transição. Não existe lugar fixo

15 TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

e imutável, porque as relações e as vivências é que dão origem à identidade do lugar, como diz Sawaia: "cristalizar essa identidade, é como retratar a cidade sem oxigénio, habitada por seres sem vida"¹⁶.

As crises e as mudanças de era não trazem consigo apenas benefícios e progressos, mas também acarretam perdas, muitas delas irrecuperáveis, e assim podemos caracterizar a desindustrialização, com descaracterização de muitos lugares.

"Durante as últimas décadas temos assistido, por toda a Europa, a um processo de desindustrialização das cidades e de reconversão das áreas industriais em grandes projetos urbanos, ora integrando as memórias da indústria, ora, frequentemente fazendo tábua rasa da identidade dos lugares."¹⁷

A industrialização assinala um período da evolução da sociedade a vários níveis, e por isso "o património industrial tem de ser analisado à luz da sua importância arquitetónica, técnica/tecnológica, urbana - paisagística - territorial, histórica, social e imaterial e será dentro desse universo de referências que se poderão reconhecer os bens do património industrial"¹⁸.

16 SAWAIA, 1995, p.21

17 DOMINGUES, Álvaro; et al. - *Introdução: atas do Colóquio de Museologia Industrial "Reconversão e Musealização de Espaços Industriais"*, Porto, 2002". [S.l.]: Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. p. 5.

18 FOLGADO, Deolinda; "Património industrial. Que memória?", "Conversar para quê?", 8ª Mesa Redonda de Primavera, Faculdade de Letras Universidade

A sensibilidade com que hoje observamos as estruturas fabris, baseia-se no fascínio por aquela arquitetura arrojada concretizada para colmatar as necessidades das indústrias, que Deolinda Folgado descreve como uma "apreensão afetiva do mundo fabril, dos lugares, das paisagens, do que hoje se poderá caracterizar como patrimônio, constituiu para varias gerações, (...), lugares de referência, que quando destruídos causam uma espécie de desolação"¹⁹.

Estes traduzem valores sociais que simbolizam a identidade que surge da importância do espaço industrial, enquanto espaço laboral para as pessoas que lá trabalharam e ao qual dedicaram grande parte das suas vidas. "É na manutenção de uma identidade, de uma cultura material, neste caso, que o Homem se reconhece e identifica, buscando nesses bens do passado uma estabilização e uma afetividade para um futuro mais regrado que sagrado"²⁰.

do Porto, 2005. p.362

19 Idem. p.358

20 Idem. p.365

3.3 DA RURALIDADE À INDUSTRIALIZAÇÃO

“Depois da Industrialização, S. Bartolomeu, à semelhança de tudo resto, não ficou como antes. Foi a época de trocar a paisagem serena e límpida do rio e das paisagens campestres, pelo toque de sirenes das fábricas existentes. Sinais dos tempos, que, por vezes, não se compadecem com a perfeita conjugação da natureza e os novos conhecimentos tecnológicos adquiridos pelo homem.”

FERREIRA, 1995

A implementação das indústrias no Vale de Alcântara e no Vale de Chelas, perto das fontes de energia, como rios e florestas, a proximidade a meios de transporte, que inicialmente eram feitos por via marítima e à posteriori pelas linhas férreas, foram fatores de extrema relevância para o enraizamento destas áreas industriais.

No caso do Vale de Chelas a sobreposição de diferentes tipos de urbanidade, é presença constante e ao longo do mesmo. Anteriormente ao estabelecimento das primeiras unidades industriais a ocupação dominante do Vale era de carácter rural ou de vilegiatura, ou a combinação das duas, juntando quintas de lazer à componente produtiva da exploração da terra, numa atividade agrícola considerável. Caracterizava-se (e ainda subsistem

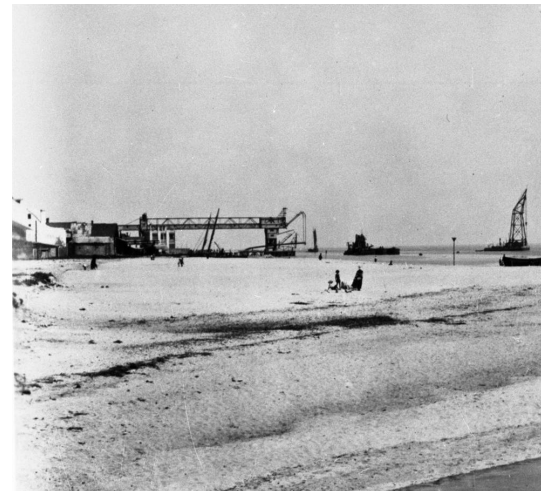
importantes testemunhos desse ciclo que vai do século XV ao século XVIII) por quintas e azinhas que subdividiam o vale em frações a montante, em que o culminar do Vale é assinalado pelo Convento de Chelas e a jusante, junto à orla ribeirinha a par da existência de palacetes e outros conventos.

Das quintas às azinhagas, dos conventos aos palácios que caracterizaram esta zona da cidade, o Tejo estendia a sua influência com as suas praias fluviais, aptas ao embarque e desembarque de matérias-primas e já transformadas servindo as indústrias que encontraram neste espaço uma área privilegiada devido à extensão de terrenos vagos.

A revolução liberal de 1832/34 foi decisiva para a transformação deste território, com o desaparecimento das Ordens Monásticas e os privilégios que lhes foram concedidos pelo Estado durante séculos.

A industrialização e o incremento da burguesia, proporcionada pelos Governos Liberais, a venda em hasta pública das propriedades e edifícios pertencentes a estas ordens que se extinguíram, originou que as fábricas fossem erguidas a partir das casas religiosas.

Com efeito, a desafetação dos mosteiros e conventos levou à oferta de amplas estruturas construídas aptas para a sua metabolização e a sua transformação e conversão – que aqui muitas vezes ocorreu – surgindo unidades industriais, aliás, de uma atividade produtiva nascente cuja revolução também só agora entre nós começava.



018. Fotografia que abrange o aterro do Beato, avistando-se o antigo convento de Xabregas. 1949

As zonas periféricas da cidade, como o Beato e Xabregas, presenciam a expansão da “burguesia industrial” em processo inicial e o mesmo ia acontecendo a oriente da cidade, fomentado pelo desenvolvimento do porto de Lisboa e pela linha férrea, no século XIX.

Surge na época um nova classe social, o operário, que se irá radicar, em especial, na freguesia do Beato devido ao número de fábricas ali fundadas.

O vale de Chelas é considerado o núcleo de onde partiu o impulso industrial da zona oriental de Lisboa, em meados do séc. XIX. Existe porém o reconhecimento de que antes do surto já haveria indústria, mas de menor capacidade relacionada à indústria manufaturada de tecidos.

A sua origem surge na segunda metade do século XVIII, e ali se enraizavam as primeiras unidades fabris de transformação de algodão e aos têxteis em geral. Seriam os primeiros passos para a Revolução Industrial.

Neste vale consta que em 1814, já existiriam três estamarias, segundo dados recolhidos por José Acúrsio Neves²¹, dados esses da Junta do Comércio. Estas unidades têm grande relevância se pensarmos que em 1821, só existiriam 16 estamarias em Lisboa.

Entre elas, a estamaria de Ignácio de Magalhães Bastos, um importante industrial da capital, era uma fábrica que já empregava 80 operários, e a de José Pedro de Mattos, com um total de 150



017. Areal de Xabregas. 1908



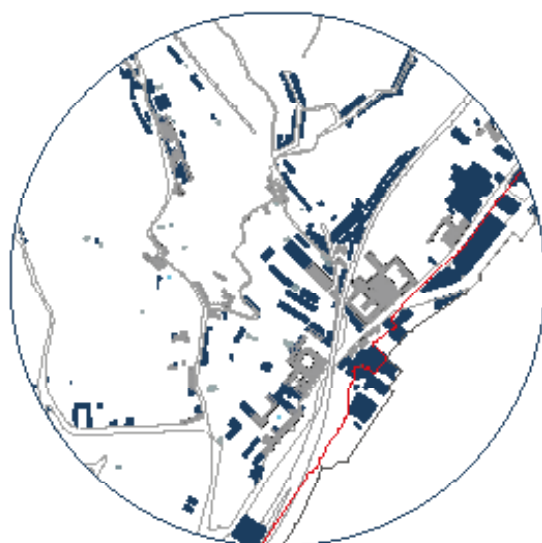
21 José Acúrsio Neves (1766-1834). Político, magistrado, historiador, ensaísta e pioneiro dos estudos sobre a economia portuguesa, foi um dos precursores do industrialismo em Portugal.

trabalhadores. Fabricavam camisas, lençóis, flanela e lãs comercializadas por todo o país, pelo que estas unidades tiveram a sua relevância no sector, e estavam em atividade ainda no final do século XIX.

É essencial acrescentar que este tipo de indústria, é particularmente ligada ao Vale de Chelas, nos leva a constatar que as principais infraestruturas industriais que permanecem erguidas são relacionadas com os têxteis.



1888










1911



149



148

-  Local de Xabregas
-  Lagos de Água
-  Novo Edificado
-  Novo Existente
-  Linha de costa anterior
-  Linha férrea
-  Linha de costa



4 . A RUÍNA

“Preservar a “caixa” arquitetónica e sobre ela operar um sentido do futuro, que as ruínas são palácios de memórias, prontas a ser reabilitadas, em visões de futuros possíveis, ou mesmo prováveis”

LOUÇÃO, 2016

Pelo sortilégio e misticismo das Ruínas, procuramos esclarecer o fascínio que existe pela decadência por diferentes autores. Posto isto aproximamo-nos à Fábrica de forma a clarificar aspectos sobre a sua história de adições e subtrações ao longo das décadas que a caracterizam.

Por fim, a versatilidade que estas estruturas industriais podem adquirir para outros usos, e que são muitas das vezes negligenciados pela sociedade, são factores a levar em consideração, permitindo o resgate daquilo que parece estar definitivamente condenado.

4.1 **Ruína**

“Embora o uso e o desgaste subtraíam, eles também permitem um tipo significativo de adição. Ao longo do tempo e do uso, conjuntos arquitetônicos ganham legitimidade ao fazer a crônica dos padrões de vida que acomodaram. O tempo não passa na arquitetura, ele acumula. Se ele passasse, não deixaria traços – o que acaba ocorrendo. Tudo ao nosso redor exhibe sinais de história, desenvolvimento ou deterioração. Todas as coisas físicas, especialmente corpos e edifícios, se oferecem à experiência visual como sedimentação de ações e comportamentos.”

LEATHEBARROW, 2009

A ruína é a consequência da intervenção humana no passado, que é deixada à sociedade do presente, de tal forma que os edifícios de hoje poderão transitar para o futuro num estado de arruinamento: é a ação que o tempo exerce sobre as coisas naturais e artificiais.

A condição de ruína/arruinamento poderá ser consequência de acontecimentos efêmeros, que são o resultado muitas das vezes de transição de ERA ou a queda de impérios. De forma sucinta são rastros da evolução da sociedade, muitas vezes provocadas por crises, ou destroços de guerras que permanecem na cidade de hoje.

Aquí, o passar do tempo em sintonia com a natureza torna-se no “arquitecto” destes objetos

permitindo que permaneçam vestígios da sua atuação.

Estes vestígios espraiaram-se por todas as áreas sejam elas rurais ou centros urbanos, tornando-se parte do património nacional, porque apesar de terem sobrevivido durante décadas, não serão eternos, sem qualquer tipo de cuidado e manutenção.

“São ruínas silenciosas mas ainda cheias de vozes que as habitam, migalhas de tempos arcanos que ainda sussurram fios de histórias, que põem perguntas e nos convidam a saber mais”²²

A salvaguarda das ruínas e de marcos do passado são a causa do surgimento do património, são registos e elos de ligação ao passado, que elucidam a história de determinados períodos e esclarecem muitas vezes a identidade do lugar onde estão inseridos.

Espaço em desobstrução, é uma dicotomia entre a nostalgia do que foi no passado e a inquietação do que será no futuro, vinculado à degradação do presente.

22 **SILVA**, Gastão Brito e. Portugal em Ruínas. Fundação Manuel dos Santos. Lisboa 2014,p.11



021. Fachada em Ruína, Funchal 2019



022. " Vedute di Roma - Rovine d'una Galleria di Statue nella Villa Adriana a Tivoli", Gravura de Giovanni Battista Piranesi.

023. "Ruins of one of the chambers' soldiers at one of the leading factories in Hadrian's Villa in Tivoli His", Gravura de Giovanni Battista Piranesi.

4.2 PASSAGEM DA RUÍNA NO TEMPO

É no Renascimento que afloram os interesses pelos monumentos, que são entendidos como evocações do passado, relacionado com grandes conquistas e grandes contribuições para a evolução da sociedade. É desta forma que a antiguidade clássica começa a ter importância e existe a necessidade de resgatar estas obras deixadas ao abandono.

Mas será o século XVII a consagrar o gosto pelas ruínas. Neste caso, trata-se de um valor moral, em alguns casos, outras vezes de um valor simbólico, que anda muito próximo da sensibilidade pós-barroca. Ou seja, quer a prática do Grand Tour pelos aristocratas e burgueses constituindo uma elite de visitantes ilustres de grandes monumentos, alguns dos quais da Antiguidade, inclusivamente conhecendo já o Egito e a grandeza das civilizações orientais desaparecidas, quer os primeiros casos de Arqueologia "científica" (a descoberta e escavação das ruínas de Pompeia e de Hercculanum) irão conferir ao "ruinismo" uma categorização estética.

Nos finais de setecentos, a própria ideia e teorização do Sublime, baseia-se, também, nas ruínas, vestígios de um passado heroico e poderoso que, no entanto, tal como uma fábula moral, desapareceu dele restando apenas esqueletos formidáveis. É esta a lição do êxito das gravuras de Piranesi (1720-1778), gravuras de ruínas, anatomia de civilizações que se apagaram no Tempo.

O carácter pitoresco, a procura pelo belo e sublime leva a reproduzir as ruínas “falsas” para complementar de forma estética, jardins ou parques existentes.

Com efeito, o século XIX em Inglaterra prossegue já, e o interesse pelas ruínas agora desloca-se para os vestígios da Idade Média num claro cenário de romantismo exacerbado. Mesmo as teses de recuperação do património, precisamente em Inglaterra, são pontificadas pelos ensinamentos de Ruskin, que prefere a “aura” da ruína ao falseamento de um edifício/monumento como propunha a escola dominante, francesa, através dos trabalhos de Viollet-Le Duc.

A ruína como valor estético e como rigor por se tratar de um timbre de autenticidade, vai sendo considerada como um elemento no mundo, um elemento que é fruto de um Tempo, mas de um Tempo Histórico que deverá ser respeitado.

Com o século XX estas considerações começam a desvanecer-se, o conceito de ruína desconstrói-se, toda a admiração e esplendor devido a escala de brutalismo e destruição.

A devastação da Grande Guerra admite um primeiro momento de refutação da ruína, ou seja, da ruína como violência ou acidente. E já com a Segunda Guerra Mundial, a ruína não será mais do que o resultado da Guerra. Sem nobreza e com uma história curta, são apenas escombros.

Atualmente temos várias visões sobre as ruínas, aquelas que remontam aos ideias do passado, que transmitem o fascínio, que leva ao *Ruin Porn*²³, a paixão por estes elementos perdidos no tempo. Mas também por outro lado temos o sentimento de decadência e depressão, como é apresentado no filme *Havana: The new art of Making Ruins*²⁴, que apresenta o estado da cidade de Havana, entendida como uma cidade em ruínas e reflexo de um sistema político.

Neste documentário podemos evidenciar que existem dois tipos de ruínas, as desabitadas, que são reflexo nostálgico que leva ao sentimento de melancolia pela civilização, e as habitadas que não permite este fascínio, porque é um sentimento penoso. O testemunho dos seus habitantes é um misto de sentimentos, porque quem lá vive tem receio de habitar a sua própria casa, mas no entanto existe nostalgia daquilo que era a cidade de Havana.



024. Panorâmica sobre a cidade de Havana, Cuba

23 É um movimento fotográfico, que tem como foco a ruína e ambientes destruídos, edifícios degradados ou até mesmo cidades.

24 Documentário de Florian Borchmeyer e Matthias Hentschler, 2006



**They're marginal spaces filled with old and obscure objects.
You can see and feel things that you can't in the ordinary
world.**

4.3 FASCÍNIO PELA DECADÊNCIA

Ao observar as ruínas estas aparecem como uma incógnita, em que é possível detetar a sua ambiguidade, mas que em certos elementos que a constituem potencializam o seu fascínio.

Surge a incerteza daquilo que se conhece e do que está para além do que é possível observar, sendo presença constante do chamado "culto" das ruínas.

"O obscuro e o familiar, o concordante e o discordante, aqui emerge a controvérsia entre o olhar e a ação do arquitecto, com presenças e ausências, diferenças entre o que há e o que houve, ou o que poderia haver, de tal forma que marca a distância exata entre a ruína e a arquitetura"²⁵

As desigualdades e sobreposições são o ponto de partida para o diálogo entre a ruína e arquitetura, dado que a maneira como "emerge" a ruína tem um carácter identitário que é possível observar.

O arquitecto manifesta-se pela ruína, como algo que encontra, como alguém que redescobre a arquitetura, desde o esquecido ao óbvio, no prazer criativo do encontro com renovadas concordâncias.

Assim o exercício de restauro das ruínas converte-se num modo empírico para a aprendizagem do arquiteto, mais ainda na prova da sua capacidade

025. Antiga Industria de Bethlehem Steel, intitulada como "Happy sleep", 2009.

026. Ruínas da Igreja de St. Bonaventure, Philadelphia, 2014

027. Citação do Fotografo Matthew Christopher.

25 USTÁRROZ, Alberto. La lección de Las Ruinas, pg. 26 Traduzido pelo autora.

como tal.

Segundo Ustárroz as ruínas revelam ao arquitecto um mundo de afinidades para partilhar de, permanências sentidas como próprias, e a mesma sensibilidade do presente, que é toda uma garantia de continuidade essencial ao tempo. Afinidades estas sentidas e escolhidas livremente pelo arquitecto, com a intersecção entre o que procura e o que as ruínas podem proporcionar.

A atração pela ruína nasce da incógnita de um vazio ao acaso que desperta a curiosidade do arquitecto, apto a resolver o caos que desvanece, "o último silêncio que resiste", demasiado equívoco como sempre para pretender que cada síntese pessoal seja a definitiva.

O caos - "do que já não é", compreende "a sedução pela decadência do construído".

A sua resistência ao tempo é a sobra que acolhe o passado e o futuro num único objeto. O presente é a espera que o seu destino venha a concretizar-se um dia.

A interpretação do passado que lhe confere um presente e um futuro, que é incerto, mas que serve um mundo em constante alteração proporcionam espaços no qual o visível e o invisível, o material e o imaterial se intersectam, pois as pessoas idealizaram, projetaram, construíram e habitaram.

A ruína é a decomposição da matéria, que outrora presenciou vivências e que hoje é somente a memória. A matéria essa que irá estabelecer o diálogo entre a

intervenção e a ruína.

“Do que foi, do que não chegou a ser, e do
que poderia ter sido”²⁶





4.4 A FÁBRICA

A sua aparência apresenta uma fase em que o edifício perdeu as suas guarnições, e a obliteração violenta de elementos que permitem que a natureza atue intrinsecamente e com passar do tempo haja desgaste que levam à fadiga da estrutura existente.

Elemento simbólico, histórico e arquitetónico, a área em questão é demarcada pela existência de ruínas de carácter industrial.

4.4.1 EVOLUÇÃO

O que hoje consideramos o núcleo industrial da Tinturaria Portugália sofreu vastas alterações ao logo do tempo como é possível verificar nas plantas do Arquivo Municipal de Lisboa²⁷.

Salienta-se que adição e sobreposição foi recorrente na composição da sua arquitetura e que datam de épocas distintas, é algo que é igualmente notório ao nível da sua composição construtiva e estrutural.

Entre os restantes edifícios de arquitetura fabril implementados no Vale, esta fábrica exhibe, porém, a monumentalidade dos seus arcos, com grandes vãos e os sinais de parte das chaminés existente que permanecem quase intactas.

A sua marca já é representada na Cartografia da Topográfica da Linha de Defesa de Lisboa em 1835, que integra o território rural nos arredores de Lisboa, que inclui o Vale de Chelas. Podemos assim

²⁷ Ver em Anexos 1

Lda, com o mesmo intuito de aumentar o edifício das caldeiras, existe registo de um projeto que nunca foi executado, mas constando que a fábrica regressa de novo ao sector da indústria têxtil.

Dois anos mais tarde, a mesma firma solicita a ampliação e alteração deste complexo industrial. O anteprojeto efetuado pelo arquitecto Manuel Mendes Tainha (1922-2002), que elabora a planta do existente, que surgiria novas alterações.

Nesta planta é fácil a percepção da organização espacial do edifício, desde as áreas de produção, à área de tinturaria e estamparia, devido à legendagem da planta. Surge um novo acesso ao núcleo industrial através da Avenida de Berna, atual Rua Gualdim Pais. A parte a sul deste projeto nunca foi elaborada e o edificado adjacente entre à Rua Gualdim Pais e o edifício principal, sofre alterações mas só é erguido em 1951.

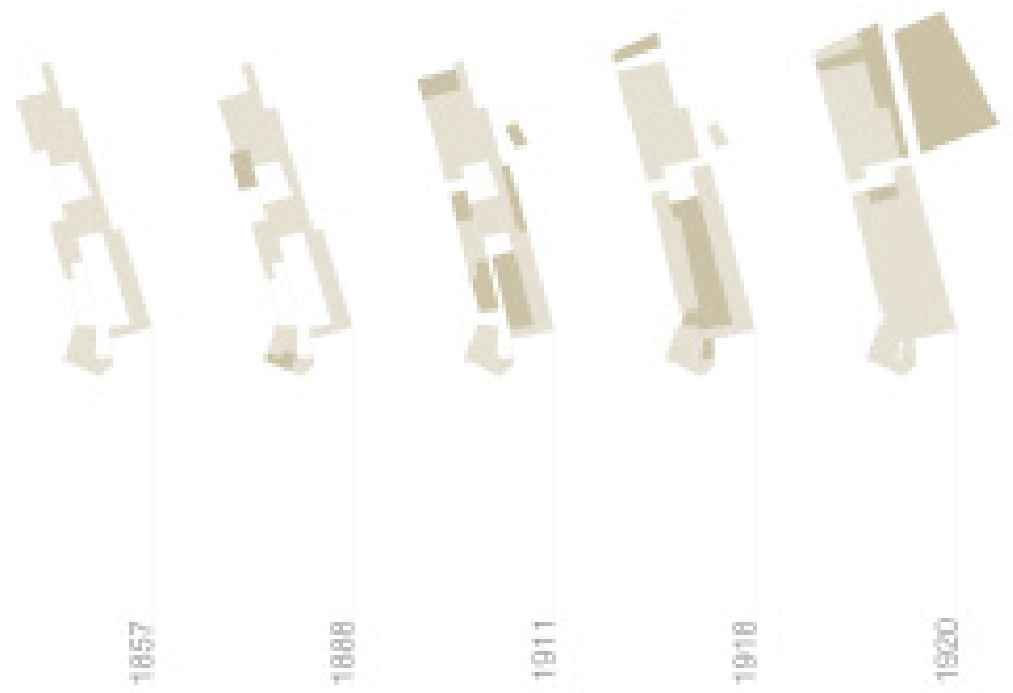
Em 1957, o mesmo arquitecto que projetou as alterações descritas anteriormente, elabora o projeto da nave a norte, junto à Estrada de Chelas, executado como consta nas plantas do Arquivo Municipal de Lisboa, com traços bem acentuados da arquitetura industrial na década de 50.

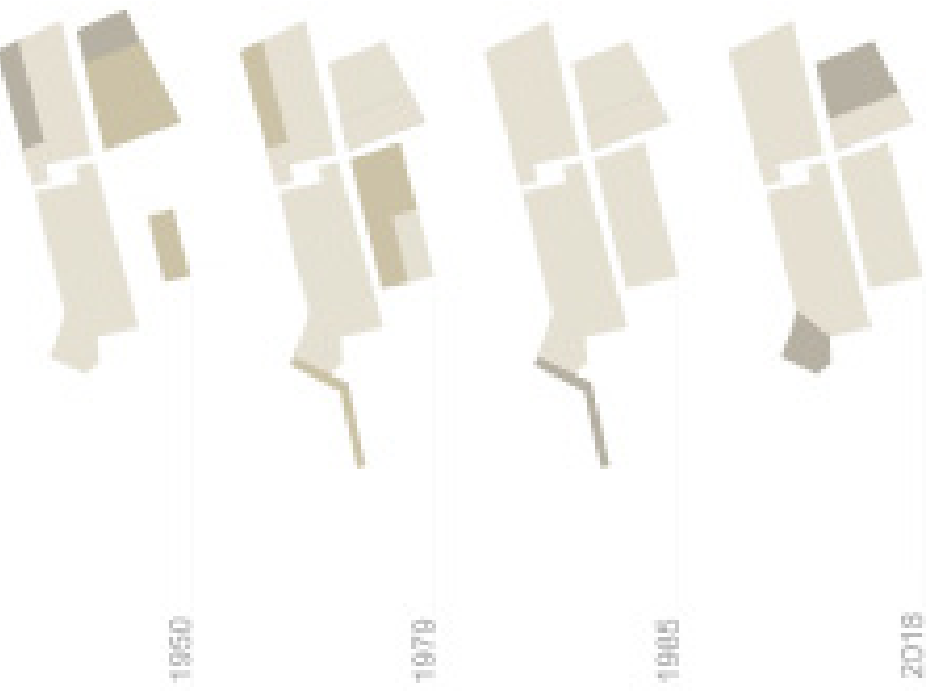
Desde aquela época não existe registo de alterações no AML. Apenas sabemos que após o 25 de Abril é decretada falência durante o governo de Mário Soares.

Prescindindo assim das suas funções até hoje, a sua estrutura sofre as consequências do seu abandono, permanecendo durante quase meio século à mercê dos agentes corrosivos da natureza, que proporcionaram a sua fragmentação.



031. Capa do Jornal O Fuso, com a greve dos trabalhadores da Tinturaria, Dezembro de 1974





- Existente
- Demolições
- Novas adições



4.4.2 *SISTEMA CONSTRUTIVO E
CARACTERIZAÇÃO*

O sistema estrutural presente no edifício em estudo é principalmente constituído por paredes autoportantes de alvenaria mista. Existe ainda uma estrutura anterior a esta, que é a parte mais antiga da fábrica que se suspeita ser de meados do século XIX, compartilhando também o sistema de paredes autoportantes, mas desta vez em alvenaria de pedra sem aparelhamento.

O sistema utilizado para suportar as coberturas é o sistema de asnas em madeira que formavam a cobertura de duas águas, ainda é possível visualizar os seus vestígios.

A fábrica, portanto, e como é característico deste tipo de edificado, sofrendo constantes alterações, como foi citado anteriormente, como é possível verificar na nave que fica a norte com frente para a Estrada de Chelas em que o seu sistema estrutural já é de pilar e viga em betão armado. Também podemos verificar que pontualmente existem elementos de betão armado em algumas partes do edifício, como na zona de atravessamento entre as duas naves.

Encontram-se presentes no edifício lajes aligeiradas com vigas metálicas com abobadilhadas cerâmicas. Existem ainda vestígios de estruturas em madeira, em algumas partes do edifício que formavam os pavimentos dos andares superiores.

O seu sistema construtivo não é todo coerente, devido às adições ao longo do tempo de diversos

033. Pormenor da fachada em alvenaria para a Estrada de Chelas

034. Relação entre a fachada da Estrada de Chelas o muro de suporte do cemitério do Alto de São João

035. Relação entre a fachada principal e os edifícios adjacentes que fazem parte do complexo industrial

036. Pormenor dos arcos da fachada principal

espaços e elementos arquitetônicos.

A parte mais antiga do edifício é formada por pedra sem aparelhamento, composta por pedras toscas, irregulares ligadas entre si por argamassas e com marcos de colunas de lioz.

O uso do tijolo não aparente é usado na composição da maior parte do aparelho murário, composto por tijolo com perfuração horizontal de dois furos.

Alcança a sua expressividade pela moldura dos seus arcos na fachada principal (ao longo dos seus 134m), pelas ombreiras das portas em lioz na fachada da Estrada de Chelas como também pelos vestígios de linteis de algumas janelas em tijolo.



037. Vestígios da estrutura em madeira da Cobertura

038. Os marcos em Lioz na fachada da estrada de Chelas

039. Lajes da preexistência em betão junto ao pátio

040. Lajes com vigas metálicas e abobadilha de tijolo

041. Composição do sistema murário no interior da fábrica





4.4.3 ANOMALIAS

As características dos materiais utilizados em projeto bem como a sua execução e a sua manutenção são factores decisivos para a prevenção do edifício, o que faz com que minimize o aparecimento de anomalias no edificado.

Existem diversos tipo de patologias num edifício, que estão subdivididas em três grupos, as anomalias de origens químicas, as mecânicas e as biológicas.

ANOMALIAS MECÂNICAS

Podemos observar a *Fendilhação*, que ocorre quando se ultrapassa a resistência à tração. Neste caso em específico podemos dizer que a ação ocorre devido ao abatimento da verga. Esta ação poderá ter ocorrido devido a assentamentos diferenciais.

A *Desagregação* é a perda de coesão, que corresponde ao desgaste dos elementos ligantes, que é recorrente em paredes de alvenaria. Ocorre por diversos motivos como ações climáticas (vento) ou humedificação dos materiais.

ANOMALIAS QUÍMICAS

Está presente em algumas paredes interiores do edifício sinais de *Humidade*. Neste caso, como podemos ver na imagem 044, a humidade é ascendente, o que quer dizer que é de origem freática, provém do terreno ao qual esta parede encontra-se adjacente.

A causa deste fenómeno também poderia ser devido à ascensão capilar por meio das fundações ou das paredes em contacto com a água existente

042. Fendilhação transversal, junto à moldura do vão, na fachada poente.

043. Desagregação na fachada na nave sul da Estrada de Chelas

044. Sinais de humidade, no interior na nave norte/Estrada de Chelas.

no solo, mas neste caso é proveniente da pressão hidrostática, devido a esta parede se encontrar enterrada relativamente ao nível da cota de estrada.

A *Eflorescências* é um depósito cristalino de sais solúveis, sobre a alvenaria de tijolo, neste caso e manifesta-se através de manchas de cor clara ou brancas. A *Criptoflorescência* é a florescência quando corre abaixo da superfície, provocando fissuras e destaques.

O *Destaque* ocorre devido à camada superficial deixar de aderir ao substrato, isto acontece antes da queda da matéria. A principal causa deste fenómeno é devido a processo químicos despoletados pela humidade.

ANOMALIAS BIOLÓGICAS

O aparecimento de *Vegetação Parasita* é devido a processos biofísicos em que a planta alimenta-se de nutrientes contidos na alvenaria e que as suas raízes originam um ataque mecânico.

O desenvolvimento de microrganismos, como fungos, líquenes e patina, é recorrente nos locais húmidos e com pouca ventilação, tem como consequência alterações à coloração e ao aspecto e que traduz a libertação de substâncias químicas.

Em suma podemos considerar que algumas das patologias existentes no edifício são devido ao envelhecimento natural da estrutura, consequência do estado de degradação dos materiais e ao próprio colapso da construção em si. Podemos verificar que, da mesma forma existem algumas anomalias devido à falta de elementos construtivos, nas zonas em que a construção é mais recente.

045. Florescência, na fachada principal.

046. Criptoflorescência, na fachada principal.

047. Destaques na fachada principal

048. Vegetação parasita, é possível ver em várias zonas o edifício.

049. Bolores no interior, é observado na nave a sul do lado nascente



4.5 A VERSATILIDADE

DE EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS

“Nos edifícios, nas cidades ou no território sempre humanizado, a arquitetura dos próximos anos será marcada pela prática da recuperação. Recuperação e criação serão complemento e não especialidades passíveis de tratamentos autónomos. Reconhecer-se-á que não se inventa uma linguagem. Reconhecer-se-á que a linguagem se adapta à realidade para lhe dar forma. Tudo será reconhecido como património colectivo e, nessa condição, objecto de mudança e de continuidade. Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a transformação chama-se Arquitetura. Uma sem a outra chama-se fracasso da arquitetura contemporânea, dizemos nós.”

(Álvaro Siza, 2009)

Um projeto destinado a uma preexistência é capaz de incorporar novas funções e proporcionar novas vivências, como também dinamizar a sua envolvente.

Desta forma ao longo deste subcapítulo iremos apresentar diferentes casos de estudo que de uma forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho.

Temos como exemplo um projeto na Bélgica, o Centre du visiteur Dans le Moulin de l'Abbaye de Villers-la-ville, projeto dos Binario Architects, em que parte das suas preexistências dão forma a novos

objetos, introduzindo pontualmente novos elementos de circulação de forma a que o conjunto no seu todo crie um percurso.

Existem outras referências como o projeto nos Açores, Arquipélago – Contemporary Arts Centre dos João Mendes Ribeiro + Menos é Mais Arquitectos, em que existe um dialogo entre a diferença de escalas e tempo, como também de materialidade.

Outro projeto em que se preserva a materialidade original adicionando novos elementos arquitetónicos é no Ixi'im Restaurant numa antiga Fábrica Têxtil Mexicana projetado pelo Jorge Bolio Arquitectura. Entre outros temos como exemplos o Moritzburg Museum extensão do atelier Nieto Sobejano Arquitectos como também o tão famoso projeto da SESC Pompéia -de Lina Bo Bardi.

Em suma, podemos refletir que com a análise do lugar, temos o intuito de preservar o cariz industrial deste fragmento da cidade, reconvertendo-o num novo polo. Ao intervir sobre estes património industrial arruinado temos como principal objetivo preservar o seu valor documental e material, bem como a sua capacidade narrativa como suporte de memória, conservando deste modo a sua identidade arquitetónica.

050. Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas. Açores

051. Centre du visiteur Dans le Moulin de L'Abbaye. Bélgica

052. Ixi'im Restaurant. México

053. Museu de Arte MORITZBURG. Alemanha





SESC POMPEIA
SÃO PAULO

Projeto de Lina Bo Bardi

Em São Paulo conhece-se o grande centro de lazer de nome Sesc Pompeia projetado por Lina Bo Bardi (1914-1992), recuperando e revitalizando uma antiga fábrica de tambores de óleo construída na década de 30 do século XX. O projeto que se apropriou deste conjunto industrial que se encontrava praticamente abandonado incluiu valências como sejam biblioteca, piscina, salas de estar, exposição, auditório, restaurante, oficinas de arte, teatro, sala polivalente, ginásios polidesportivos, vestiários, espaços multiusos e terraços, numa partilha conjunta dos espaços nas diversas atividades.

O facto de as estruturas da fábrica resultarem da adoção do método inventado por François Hennebique, pioneiro do betão armado, levou-a a uma pesquisa acerca da identidade tectónica através da recuperação do edificado. Assim, os grandes armazéns da antiga fábrica foram recuperados e mantidos, embora tenham sido acrescentados elementos destinados aos novos usos, numa primeira fase que levou à inauguração no ano de 1982.

Resolve chamá-lo Centro de Lazer, afastando-o de um processo de institucionalização da cultura: pelo contrário, pretendeu criar uma espaço "sem filtros" onde tudo pudesse acontecer (e acontece, destinado a uma multitude de faixas etárias e classes sociais).

O que era . Fábrica de tambores de pompeia

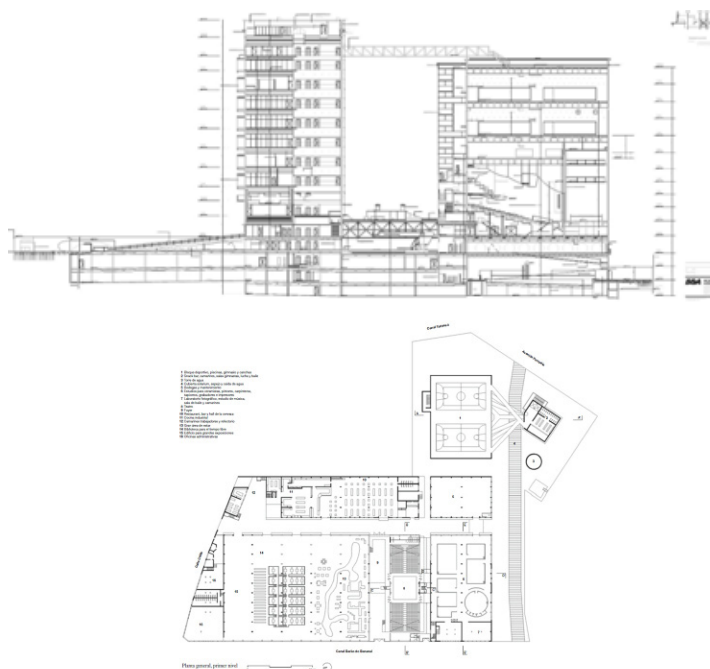
O que é . Centro de Cultura e Lazer

Idealizado por . Lina Bo Bardi

Ano do projeto . 1986

Note-se que na requalificação do espaço, se veio a manifestar uma preocupação em manter os sinais de uso e linguagem da antiga fábrica, realçados e perceptíveis aos olhos do público em geral, matéria que é de interesse programático para a nossa proposta. Com efeito, a resposta do que um novo projeto de extensão, recuperação e multiplicação pode oferecer resultará, apenas, ao que cremos, se existir, como insistiremos mais adiante, estes sentidos de presença rememorativa, de presença física do passado, sem o comprometer apenas através de roupagens novas.

O carácter fabril do conjunto, a escala e a matéria, novas edificações evocando os enormes silos industriais e as mangas elevadoras que ligam as esteiras para transporte de matérias primas, tudo contribui para que o conjunto não perca o sentido que antes possuiu plasticamente, embora agora com um fim alternativo.



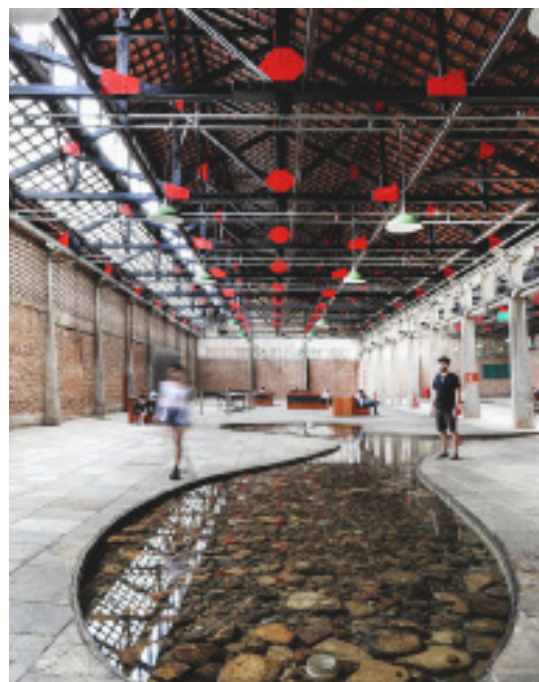
055. Secção transversal do conjunto

056. Planta do conjunto

057. Corredor central entre os edifícios

058. Pormenor das ligações aéreas entre os volumes

059. Espaço de lazer interior na nave central





ESCRITÓRIOS E ARMAZÉNS NA ADÉMIA
COIMBRA

Projeto de João Mendes Ribeiro com
Catarina Fortuna, Joana Brandão.

Situado na R. Barca Ribeira de Eiras, o projeto foi concluído em 2015.

Aqui interessa-nos não propriamente um processo de recuperação – que não existiu já que é uma construção completamente de raiz – mas antes o vocabulário usado pelo arquiteto. É que João Mendes Ribeiro foi buscar aquilo que é precisamente a caracterização urbana de um edifício pavilhonar e de edifício anexos, segundo a lógica dos grandes espaços de armazenamento, fugindo ao processo de representação, eventualmente mais comum e até banal, do chamado edifício de escritórios. Pelo contrário, criou um conjunto de volume coberto com telhados de duas águas, em série, com uma interrupção onde se estende o armazém propriamente dito.

A imagem é, de facto, a da uma “fábrica”, porém edificada com materiais contemporâneos, com um exterior e um interior onde se utilizou o betão polido, a par de um chapa ondulada e tirantes de metal.

Por outro lado, o interior é tratado modularmente, com espaço para a colocação de células de uso para escritório, criando uma extensão no volume interior percorrível e racional, sem o peso de um sistema portante com paredes e portas estanques, tal como aconteceria num edifício dito “de escritórios”.

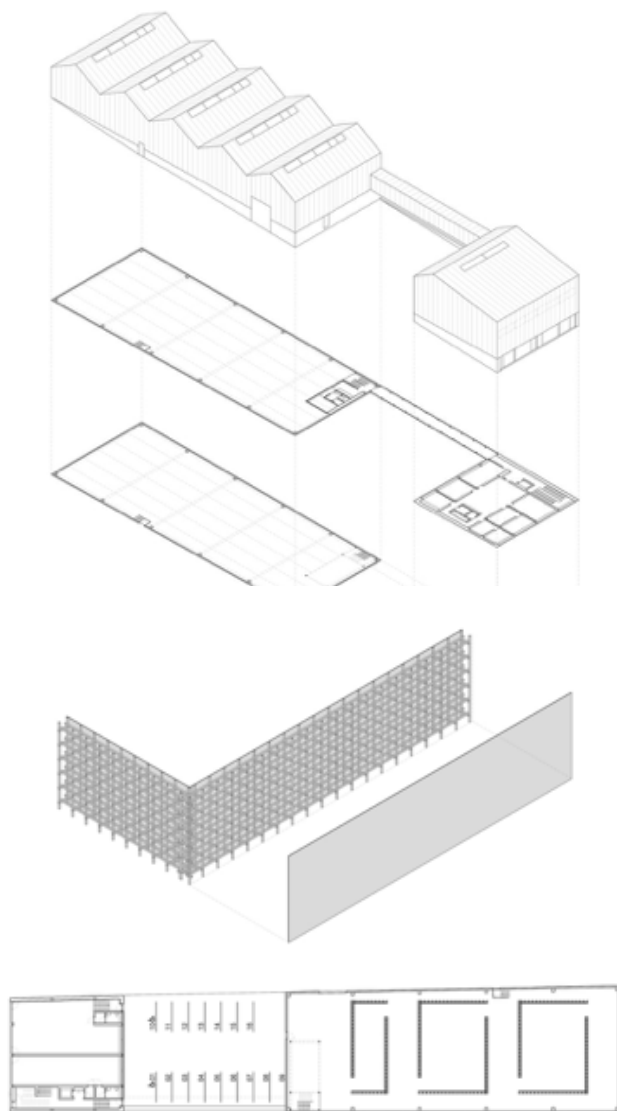
O que era . Terreno Vago

O que é . Armazém, escritórios e espaço de comércio

Idealizado por . João Mendes Ribeiro

Ano do projeto . 2015

Contrariando, portanto, essa visão empobrecedora, o edifício apresenta uma imediata identificação com um espaço de comércio e de troca, e com a manifesta tessitura fabril da zona, enriquecendo-a, porém, com a qualidade do desenho e a harmonia das proporções dos cinco volumes telhado e o paralelepípedo liso do armazém propriamente dito, apto no recheio, a uma apropriação multiusos.



061. Axonometria do Volume

062. Composição da Fachada

063. Planta do seu interior

064. "Caixa" que faz a conexão a nave

065. Sala interior

066. Materialidade usada na fachada





CASA DOS CUBOS

TOMAR

Projeto de EMBAIXADA Arquitetura

Neste caso, a materialidade do edifício não é, imediatamente, conotável com um edifício fabril, apesar da sua função ter sido em grande medida essa, mas muito anterior à Revolução Industrial. Parece-se, com efeito, com um edifício quinhentista, robusto e impositivo, construído como um volume único.

O processo consiste aqui, no que nos interessa em termos de projeto, não tanto em providenciar ou manter uma imagem fabril tradicional oitocentista ou novecentista, mas antes a forma como o espaço interior, o miolo, foi trabalhado de maneira a proporcionar um conjunto de atividades com um máximo de racionalidade e ao mesmo tempo incorporando os valores plásticos da arquitetura contemporânea.

Convém dizer que o edifício se encontrava em muito mau estado: era, em suma, uma ruína. Mas aqui jogou mais o sentido da adequação ao programa, e de apropriação total, sem qualquer intuito "arqueológico" do miolo.

O programa de uso contem-se nos destinos mais relacionados com a prática das ares e impõe uma fluidez no interior contrariando o monolitismo preexistente: exposições, encontros ou conferências podem ter aqui lugar, e o mesmo se pode dizer dos apoios organizativos também assegurados por módulos espaciais controlados no interior do edifício. Cria-se um pavimento suspenso, ou um mezanino com

O que era . Uma casa de armazenamento e contagem de produtos agrícolas

O que é . Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental

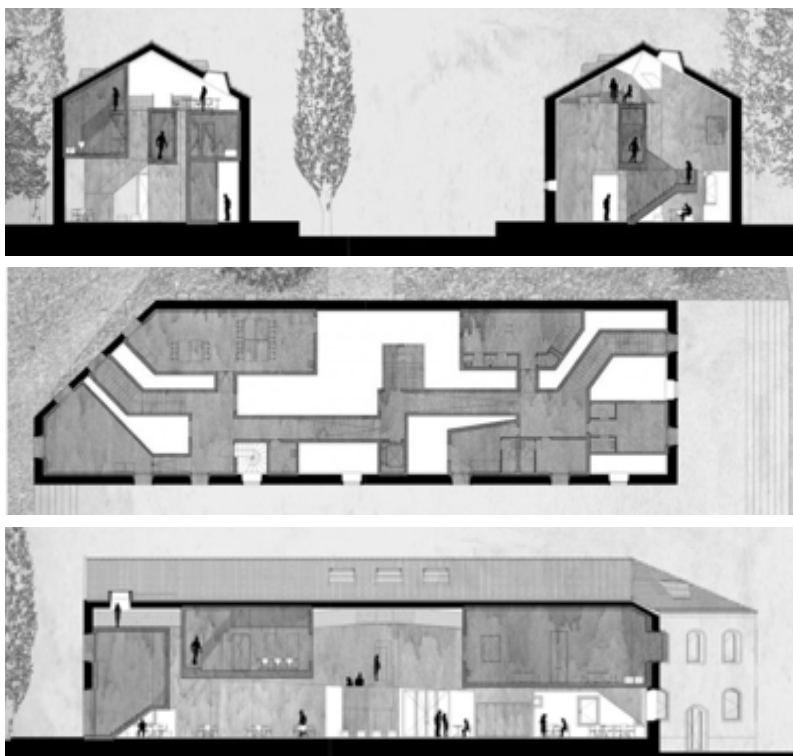
Idealizado por . Embaixada

Ano do projeto . 2007

uma expressão de percurso interior. A animação que esta estratégia oferece cria inúmeros e distintos pontos de vista com um valor estético inegável: um interior dentro do interior.

É esta estratégia que faz a ponte com a nossa proposta onde este sistema que não é propriamente a da "box in box", mas de verdadeira arquitetura, com tectónica e construção, permite o resgate e o reuso das estruturas previamente existentes reconduzindo-os a um "ótimo" espacial.

Assim, ainda como referem os próprios arquitetos, o edifício é utilizado como uma "concha" apta a acolher os materiais novos (o betão, epoxy, tintas vivas) e as passerelles de acesso motivando uma animação interior notável.



- 068. Seções transversais
- 069. Planta do segundo piso
- 070. Seção longitudinal
- 071. Espaços Interiores
- 072. Caixa de acessos
- 073. Fachada principal





FÁBRICA DE SANTO THYRSO

SANTO TIRSO

Projeto de Nuno Pinto

Aproximamo-nos aqui do projeto conforme o concebemos, através de um caso de estudo proveitoso, já que se trata de uma questão de vocação e de uso a partir de um grande edifício fabril dedicado aos têxteis.

É um facto que a reabilitação desta antiga fábrica, conhecida como Fábrica Teles (ou Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, fundada em 1898), não promoveu o seu reuso através da indústria têxtil, que esmoreceu desde os anos 80 na zona do Rio Ave e nem Santo Tirso em especial, com uma queda abrupta da produção e depois o fecho e falência de sucessivas fábricas de lanifícios.

O feliz desenlace para este caso foi devido á intervenção da Câmara Municipal de Santo Tirso, que promoveu a recuperação da imensa nave da fábrica.

O projeto de Nuno Pinto não é arrojado: mas é certo. Na realidade reabilitaram-se as estruturas preexistentes, com uma valia estética menor já que o sistema de portamento era convencional, mas introduziram-se novas valências. Funciona hoje com um amplo espaço onde têm assento diversas pequenas empresas e *start-ups's*, funcionando objetivamente como uma incubadora.

O que era . Fabrica de Fiação
de Tecido de Santo Thyrsó

O que é . Incubadora de Moda

Idealizado por . Nuno Pinto

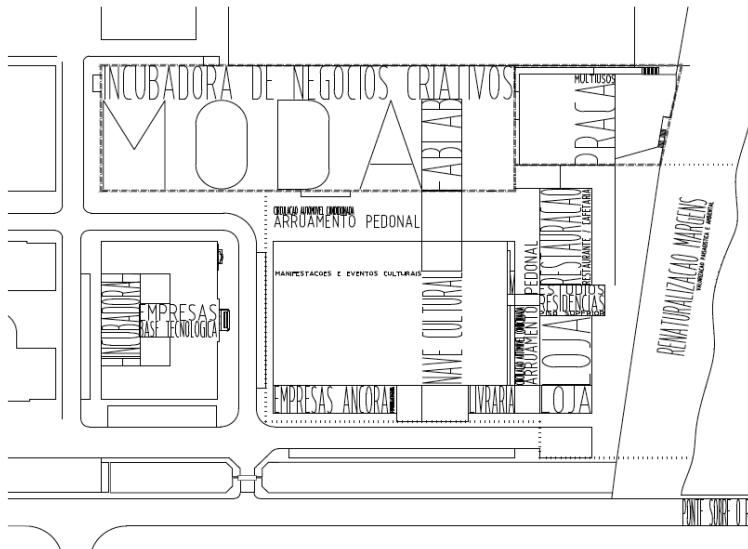
Ano do projeto . 2005

Para mais, a vastidão do espaço tem permitido uma reutilização multiusos positiva, com exposições (de que se destaca, entre outras, a da Deutsche

Werkbund, ou a monográfico de Alberto Carneiro), bem como encontros de marketing ou feiras locais de produtos industriais.

Este reviver da fábrica, contou também com um polo museológico, localizado na sala da turbina da Fábrica de Fiação. Aqui, para além de uma exposição que descreve a história da atividade, exhibe-se também o filme "A Fábrica" produzido e realizado por Mariana Bártole.

Neste caso trata-se, portanto, não tanto de um caso de linguagem arquitetónica, apesar do cuidadoso processo de restauro das componentes mais antigas da fábrica, de finais do século XIX, e mais de um processo de refuncionalização que demonstra à sociedade que os edifícios fabris - este, a seu tempo arruinado - não perderam a sua interação potencial com o público.



075. Diagrama com os usos do complexo

076. Vista Exterior da Fachada

077. Vista sobre o espaço interior

078. O pátio no interior da fábrica





5. PROJETAR PARA A RUÍNA

“A Ruína arquitetónica é a matriz para a matéria da reabilitação, num registo de efemeridade”

LOUÇÃO, 2016

O efeito do tempo na arquitetura do edifício é o ponto de partida para o desenvolvimento deste projeto.

Preservar a memória arquitetónica do período industrial e em simultâneo assegurar a adição de novos elementos arquitetónicos que tenham a capacidade de harmonizar o antigo e o novo sem conflito e proporcionando um gesto de continuidade apesar dos seus contrastes.

A intenção é a de promover um projeto de arquitetura que crie atmosferas que se mesclam entre o público e o privado, o lazer e o trabalho, a arte e a vida.

Qual é o resultado da nossa proposta?

Durante o desenvolvimento desta proposta estabelecemos diretrizes, desde as recolhas necessárias para o conhecimento sobre o local, equacionando propostas destinadas à salvaguarda do património, e acrescentando a compreensão do que é a ruína e o misticismo e poética que a envolve.

Como anteriormente citado, o arquiteto neste tipo intervenção não tem o arbítrio total, porque não parte somente de premissas instauradas por si próprio ou determinadas pelo local onde o objecto a intervir se encontra inserido. Não está em condições de assegurar todas as qualidades que necessita para "inventar" o espaço, porque as preexistências, criam limitações na forma como devemos intervir, na forma como devemos pensar o projeto.

Está subentendido que pretendemos que a ruína persista como elemento de diálogo entre o passado e o futuro, com a proposta de uma nova edificação de modo a conseguir promover a sua convivência com as preexistências, sendo para tal necessário a compreensão de como irão conectar-se, tendo em consideração a coerência da linguagem arquitetónica aplicada, estabelecendo tais relações de forma equilibrada e consciente.



5.1 **REVITALIZAÇÃO**

“As ruas e suas calçadas, são os principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar numa cidade, o que lhe vem à cabeça? São Ruas, se as ruas de uma cidade parecerem monótonas, a cidade parecerá monótono.”²⁸

Trata-se de um processo de regeneração onde coexistem diversas dimensões morfológica, sociais, visuais, funcionais e temporais. É determinante a compreensão das necessidades destas componentes serem humanizadas e projetadas conforme as particularidades dos destinatários.

Tanto Gehl como Matthew defendem que o espaço público deve ser desenhado à escala do Homem. É necessária a intervenção nestes espaços desqualificados que foram deixados ao longo do tempo desarticulados e até desertos pela evolução dos usos do território.

Inserido num território transitório, o Vale de Chelas, determina a charneira entre o Ocidente da cidade de Lisboa e o Oriente, enunciando razões para o desenvolvimento de uma proposta de revitalização urbana, de forma a conseguir qualificá-lo e reintegrá-lo novamente nas dinâmicas da cidade.

080. Área de Intervenção no Vale de Chelas

28 JACOBS, Jane. *A vida e a morte das cidades*, 2000, p.29



1. Convento de Chelas
Arquivo Militar
Centro Intergeracional
2. Tinturaria Portugália
FabLab de Design Têxtil
3. ArCO
Escola de Arte e Comunicação Visual
4. Samaritana
Comércio, Restauração
Centro de Artes Recreativas

Existe já uma proposta de projeto para o Vale dos Arquitetos NPK, que prevê a criação de uma nova área intensamente arborizada de forma criar um "pulmão verde oriental" para a cidade de Lisboa. Propõem ainda uma demolição da maioria dos vestígios industriais.

A nossa intenção difere parcialmente desta, articulado-se com a proposta de um amplo espaço verde, uma vez que pretendemos requalificar o entorno de forma a revitalizar as indústrias presentes que passarão doravante a fazer parte do contexto desta nova área verde, como acontece, a título de exemplo, no projeto do Centre du visiteur Dans le Moulin de L'Abbaye²⁹.

Tornando-as de tal forma cativantes que permitirão devolver a vitalidade a toda esta área nuclear e circundante tornando-o num novo polo dinamizador na cidade.

O principal objectivo é revitalizar a área de forma a reconstruir a relação com a cidade. Para tal é necessário a compatibilidade entre o que já existe, articulado com o que iremos propor, de forma a reforçar a relevância que esta zona já teve para a cidade.

A descontinuidade entre a Baixa da Cidade e o Parque das Nações, faz com que propuséssemos, em extensão complementar, a requalificação da zona ribeirinha de Xabregas. A proposta desenvolve-se, assim, longo do eixo perpendicular ao rio - o Vale

29 Ver em Anexos, 2. Referências Complementares, pg. 154

de Chelas - algo que nos remete ao lado norte da cidade tendo, como objetivo a revitalização das suas ramificações, usando como conceito base este novo eixo verde urbano.

Dada a importância do sistema verde e hidrográfico da cidade, é proposto ao longo do Vale uma série ponderada de bacias de retenção, com o propósito de evitar ou mesmo impedir, em absoluto, eventuais inundações na zona ribeirinha.

A falta de acessibilidades é um fator importante para conectar esta área à cidade, pelo que propomos novas vias de acesso, tanto vias pedonais como viárias, com o intuito de promover uma maior acessibilidade e qualidade, reintegrando o Vale num contínuo urbano.

Está prevista a permanência de azinhagas, zonas verdes programadas e não programadas, com o intuito de preservar parte da identidade do Vale.

A nível do edificado existente propomos a requalificação das vilas operárias bem como novos usos para as infraestruturas fabris desativadas, avançando com a criação de novos equipamentos/serviços, aliás, uma das sintomáticas carências da população local, a que acresce um programa que leve os visitantes a (re)conhecer aquele lugar. Para tal é necessário recorrer a demolições de edifícios obsoletos e de alguns "barracões", de forma a desobstruir esta área cedendo espaço a nível urbano para desafogar alguns edifícios reconvertendo-os em espaços qualificados de lazer ou permanência.



082. Planta com a proposta de demolições no Vale



083. Desenho da Rua Gualdim
Pais

Cercada pela Estrada de Chelas e a Rua Gualdim Pais, esta fábrica está inserida num contexto de complexo industrial, totalmente esquecido das dinâmicas que outrora teve, tais como o uso enquanto praça ou pátio pelos habitantes das vilas operárias e da população de Chelas-sul. Pretendemos requalificar os espaços existentes tornando esta faceta conceptual um elemento que enquadra em termos de vocação urbana global a estratégia projetual. É criado em redor da Fábrica um espaço ajardinado, através do alinhamento compósito mas rememorativo de vários eixos que se ligam a vários pontos estratégicos de forma a suscitar um fluxo pedonal no interior ou miolo do local a intervencionar: consequentemente asseguramos a presença de população com diferentes propósitos convertendo-o num espaço seguro, habitado e densificado pelo movimento de vai-e-vem do quotidiano e não apenas entendido como resíduo para usos esporádicos.

Para a criação de fluxos que permitem atravessamentos, recorreremos à desobstrução e unificação o espaço, que neste momento está muito fragmentado, pelos vestígios espúrios que permanecem adjacentes à Fabrica.

À escala da Rua Gualdim Pais, planeia-se o desenho de elementos que permitam a vivência do espaço público, o que atualmente não ocorre, bem como a sua requalificação, perfilando numa via arborizada, com largos passeios dotados da devida iluminação estabelecendo a distinção clara entre o que é estacionamento e vias pedonais, com o intuito a

que seja convidativo a vivenciá-la.

Já a Estrada de Chelas passará a ser em grande parte pedonal, retomando ou revendo o traçado da antiga azinhaga do Vale, para que seja parte integrante da nossa proposta para o parque em redor à fábrica. O desenho urbano estabelecido a sul da fábrica faz com que a forma orgânica da estrada de Chelas seja o culminar dos percursos. Junto ao muro do cemitério do Alto de São João, é proposto um jardim vertical de forma a encobrir a muralha de suporte.



084. Planta de Percursos em redor da Fábrica

5.2 **APROPRIAÇÃO**

“A Arquitetura não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construídos que contêm o espaço, mas precisamente do vácuo do espaço contido, do espaço interior em que os homens andam e vivem”

ZEVI, 1957

Intervir sobre a preexistência tem as suas ponderações e o antigo núcleo industrial da Fábrica Tinturaria Portugália não será exceção.

De forma sucinta podemos dizer que o projeto nasce da apropriação de uma ruína industrial tendo como objectivo voltar reintegrá-la no contexto urbano.

A nossa intervenção toma posse desta preexistência, mas com cautela relativamente à conservação dos elementos que caracterizam a sua genuinidade, com o intuito de ser possível deambular no seu interior, ao longo de um “percurso”, que dê a descobrir algo mais acerca das suas características, seja pela contemplação de um arco, seja por partilhar o mesmo espaço com outros transeuntes num sistema de arcadas, seja apenas observar entre as suas frestas.



5.2.1 DA RUÍNA

A apropriação da ruína, é o método adotado quando o nosso intuito é manter a preexistência do edifício.

Desperta-nos a vontade de querer incutir um "percurso" no seu interior, percurso esse que estabelece a matriz que dá forma à sequência de espaços que vão surgindo com as suas próprias dimensões em função da direção e contrariando a métrica que é imposta pelos arcos, poderosa estrutura intrínseca à ruína.

Assim desenvolve-se uma nova matriz, que segue um princípio ortogonal mas descontínuo, independente ao paralelismo retilinear induzido pela preexistência, que ao tocar em vários pontos da preexistência, quer pelo contraste propositado assim provocado, atribui ao miolo do edificado uma nova direção, agora de dinâmica perpendicular à anterior; conferindo-lhe um novo sentido simbólico.

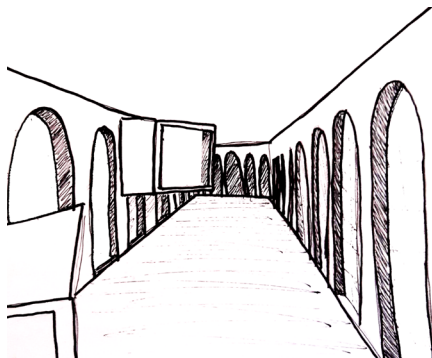
Este novo corpo que se apropria da ruína, passará a constituir o termo de identidade que habita o vazio, ou seja: é como um "parasita" (salvo seja, claro) que se alojou no seu interior e se desenvolveu ao longo das suas entranhas com uma razão mutante.

Olhamos para a arquitetura pelo lado substantivo: a desconstrução da narrativa de espaços que seriam expectáveis no interior da ruína, dando lugar a uma forma de reabilitação antagónica que incute a possibilidade de habitá-la de forma divergente das convenções, mas que se pretende que seja o

catalisador do rejuvenescimento da fábrica.

A estratégia para a organização interior passa por usar o pátio que está no centro da fábrica, retomando a ligação das memórias dos pátios, tão comum nas vilas operárias, tornando-se assim no ponto central, tanto no desenvolvimento das conexões - relembramos - entre a estrada de Chelas e a Rua Gualdim Pais tornando aquele espaço público e para o uso colectivo. Como também as passagens entre as naves ao nível superior e aos acessos do piso térreo serão feitos em torno do pátio, algo que assumimos como o motor do projeto.

As naves centrais convertem-se em espaço exterior de passagem ou permanência de forma controlada, onde é possível observar alguns espaços interiores, que vão surgindo para (e através) do vazio da nave central, tanto no lado sul como também a norte.



087. Desenho da Nave Central
vista Sul

As duas naves lado sul da fábrica serão de cariz mais público, já que a nível superior desencadeiam uma ligação para o novo edificado.

Em contrapartida o lado norte, terá um cariz mais resguardado em termos de uso, sendo destinado a áreas laborais, com espaços mais restritos na nave nascente/norte e a nave poente/norte uma área mais ampla, multifacetada.

O acesso às naves é feito através do desenho de um elemento que convida à entrada e nos leva para um "átrio" em que nos oferece um duplo pé direito, conduzindo aos acessos que nos levam ao primeiro piso. São generalizadas áreas "abertas" em ambos os pisos: apenas se materializa aí uma estrutura que separa a zona de circulação e de estar através de elementos verticais não opacos permitindo o percurso pelos corredores, solicitando a atenção e os sentidos do visitante/utilizador/usufruidor, motivando diversas sensações, de visualidade e de tatibilidade.

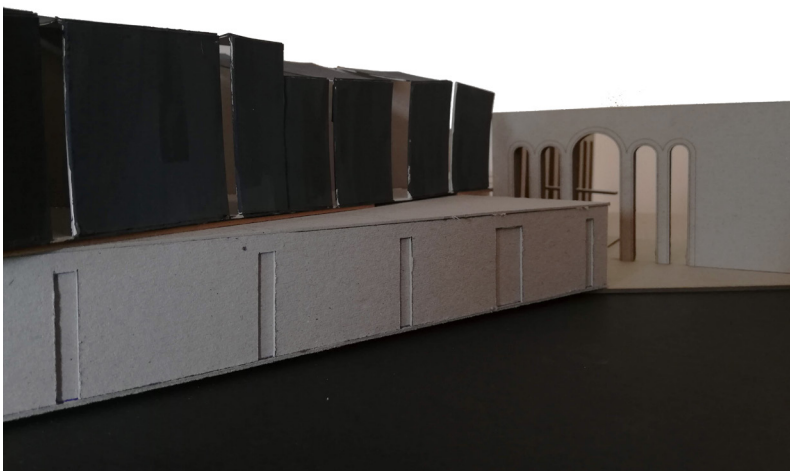
Por vezes sugerem ser demasiado oclusos, mas sucedendo-lhes um espaço mais amplo com o propósito da amplificação da qualidade espacial, não se restringindo sempre ou apenas às dimensões dos corredores. Ganha-se, assim uma noção de cheios e vazios no interior da fábrica, algo que é possível igualmente experimentar sempre que perante um vão haja um vazio que abrange os dois pisos.

O fim destes percursos culminam com passagens de acesso às naves adjacentes, sobre a zona exterior.

O edifício de habitação que está inserido no complexo industrial, converte-se em área de serviços

administrativos do complexo, com ligação ao exterior e ao interior da fábrica. Foi modificada a sua organização interior, de modo a adaptá-la para os novos serviços administrativos com a consequente alteração dos vãos existentes e das coberturas.

Já o antigo edifício das caldeiras, manteve-se, abrindo, apenas os vãos que teriam sido fechados: converte-se num espaço de restauração complementar ao parque e ao edifício.



088. Maquete de Estudo no novo edifício à Fábrica
Escala 1/100

089. Desenho da "adição" à Fábrica

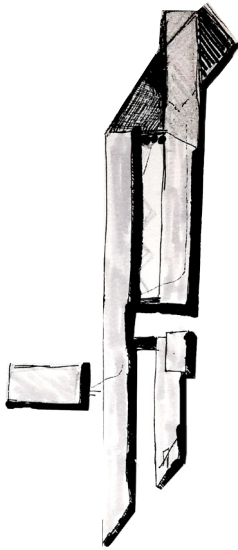
090. Maquetes de Estudo da forma da cobertura/estrutura
Escala 1/200

5.2.2 E ADIÇÕES

O novo volume a nível térreo apresenta uma descontinuidade da preexistência, tendo um carácter mais público sendo o seu uso destinado à comunidade, um auditório que assume a separação física entre o novo e do existente por intermédio de uma pequena praça que permite o atravessamento entre as duas vias adjacentes.

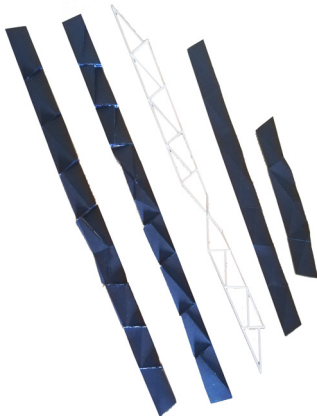
O nível superior nasce de dentro da ruína, dando a noção de continuidade, assegurando, assim, a conexão entre o novo e o antigo. No entanto, cabe à materialidade distingui-los para que tenhamos a precisa noção de rotura de épocas, - apesar de ser facilmente perceptível quando estamos na praça: quando termina o aparelho murário da fábrica, que se desenvolve o novo edifício, que ira assentar sobre o auditório tendo conexão interior.

As adições surgem como complementos à preexistência, desenvolvem-se e dão forma a áreas mais públicas, que está à mercê do publico em geral.

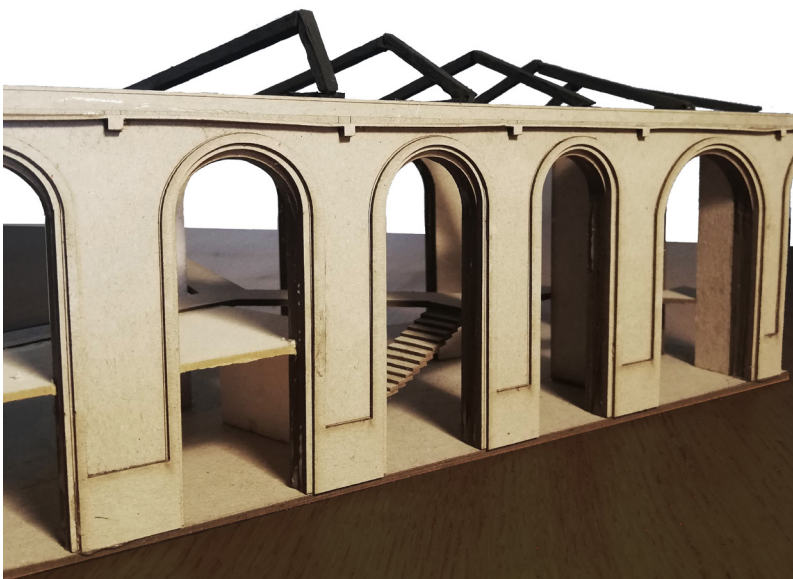
**COBERTURAS**

Decidimos partir da matriz que adotamos para o interior da ruína, optando por algo mais dinâmico, que usa como base as duas águas, que caracterizavam a cobertura original, mas pousado sobre as diagonais, já que quando cruza com a preexistência enuncia uma rutura criando uma distorção da forma original.

A cobertura não é continua, tendo quebras sobre os eixos secundários através da sua divisão em



várias partes, assegurando pontualmente a entrada de luz zenital através de frechas que surgem nas interseções da cobertura. Mas esta é contínua em todo edifício, tanto na preexistência como na adição do novo volume, permitindo uma noção de repetição, continuidade e de sucessão.



091. Maquete de Estudo da estrutura da cobertura.
Escala 1/100

092. Fotomontagem de como ficará a fachada da Estrada de Chelas.

5.3 MATERIALIZAÇÃO

A ruína é o vestígio da passagem do tempo, de tal forma que pretendemos respeitar a sua memória e optamos por escolher por manter as materialidades relativamente à fábrica, atribuindo materialidades distintas ao novo edificado.

Pretendemos que seja compreensível a diferença entre duas temporalidades, o passado na conservação da matéria da ruína e o presente através do uso de matérias brutas para a nossa intervenção.

Os materiais escolhidos para conceber esta intervenção remetem-nos, no entanto para a arquitetura industrial, o que passou pela escolha de materiais mais rígidos onde o metal e o betão ganham grande destaque.

A preservação integral das paredes existentes da ruína, que é composta na sua maioria de alvenaria em tijolo e mista é efetuada por uma consolidação, preenchendo as lacunas existentes, usando argamassas com base em cal hidráulica natural, para que haja compatibilidade com a alvenaria antiga, o que permitem também garantir um aspecto areado e semelhante ao existente.

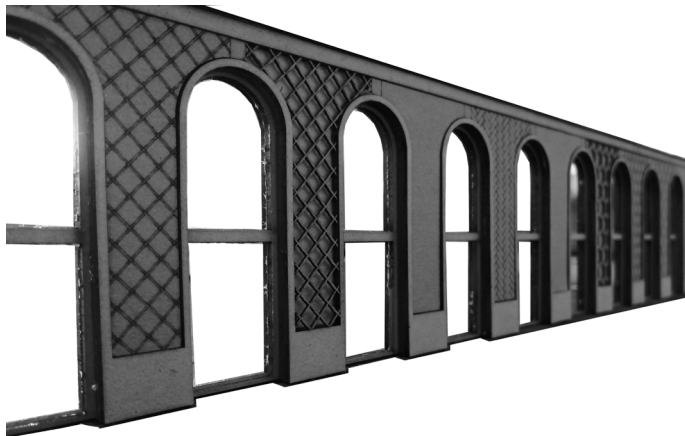


Na Fachada da Estrada de Chelas, tanto na nave a norte que é de betão, como no antigo edifício de habitação usa-se reboco aparente, de cal hidráulica, para que tenha uma textura areosa.

A restante fachada que é composta por alvenaria mista, mantém a sua fisionomia, podendo ver-se todas as suas irregularidades, cicatrizes e diferentes

materiais de edificação (pedra, tijolo betão).

Recorremos ao betão para dar suporte à expansão dos vãos presentes e optamos por cair num tom bege toda a fachada de alvenaria mista, de forma a que seja possível aperceber-se destas diferentes texturas e assimilar o que é original e o que é intervenção.



093. Maquete de estudo do padrão para esculpir a fachada principal
Escala 1/100

094. Zinco ao Natural utilizado na cobertura e revestimento

095. Cor do betão utilizado

096. Pavimento metálico das áreas de circulação e guardas - Aço corten, com tratamento

097. Microcimento aplicado no pavimento interior

É nossa intenção apresentar no interior a alvenaria aparente, de modo a observar o seu relevo que é, aliás, propício a este tipo de composição murária com um valor plástico positivo e táctil.

Persequimos algo mais brutalista ao nível dos materiais novos, matérias em cru, e procuramos escolher as que são pouco tratadas, ou apenas o necessário para comprimir as diversas funções.

Não só na qualidade estética, mas também estrutural, é escolhido o metal para dar forma a diversos elementos que compõem a intervenção como cobertura, através de coberturas em zinco, que ao longo do tempo ganhará uma pátina natural e deixará o seu vestígio, que podemos considerar os indícios da sua nova vida do edifício, o seu suporte construído em vigas metálicas visíveis do interior, com pormenorização, como seja o emolduramento dos arcos que estão no interior das naves da fábrica.

A nível do pavimento, teremos dois materiais distintos de forma a demarcar áreas de percurso: chapas metálicas de forma a dar continuidade ao percurso que “apodera-se” da fábrica, por um lado; por outro nos restantes pavimentos interiores, que determinam os diferentes espaços optamos por microcimento devido à sua fácil aplicação sem juntas muito demarcadas.

O tratamento que escolhemos dar à fachada principal da Fábrica, é relacionado com o seu uso intrínseco: os têxteis. É um símbolo, um elemento de “arquitetura falante”, de forma a que seja evidente o poder evocativo daquele lugar, o que ele foi e



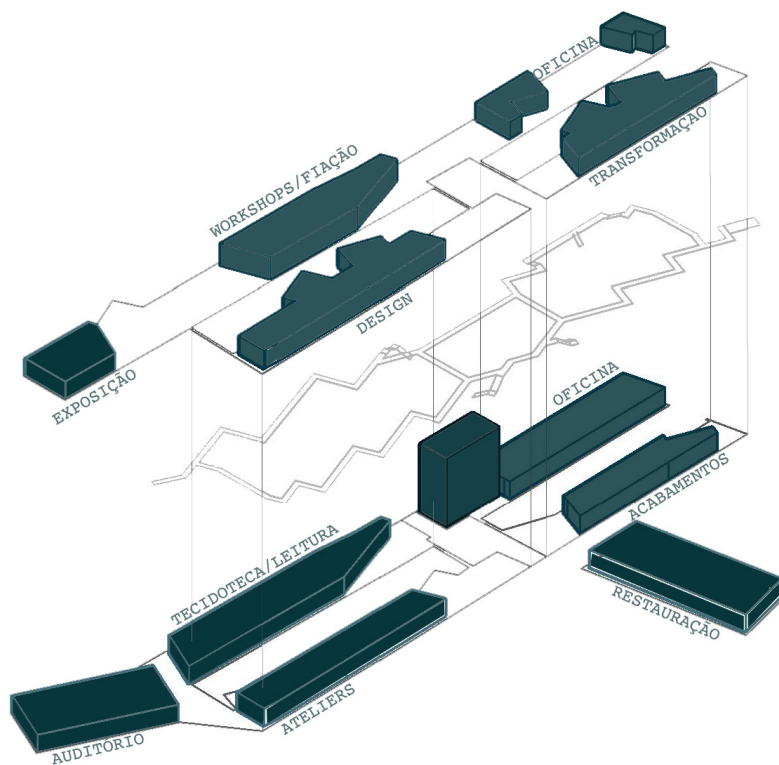
no que ele se tornou, agora como permanência, com atividade convergente com o passado

Expomos assim um padrão têxtil com base na técnica do esgrafito que terá como subcamada original os tijolos da fábrica, rebocada de tom bege; posteriormente o desenho é subtraído ao reboco, sendo possível observar o padrão pelo contraste entre o reboco e os tijolos, inspirando-se, ainda que livremente no artista urbano português Vhils, que extrai fragmentos da camada exterior e dessa forma dá vida as fachadas dos prédios, na sua maioria devolutos.

“Um dos conceitos fundamentais que exploro reside no ato de destruição enquanto força criativa, um conceito que trouxe do graffiti – um processo de trabalho através da remoção, decomposição ou destruição ligado à sobreposição de camadas históricas e culturais que nos compõem. Acredito que, de forma simbólica, se removermos algumas destas camadas, deixando outras expostas, podemos trazer ao de cima algo daquilo que deixamos para trás”.

Vhils





099. Diagrama de usos

5.4 DA INDÚSTRIA AO FABLAB

“É um projeto transdisciplinar cuja missão é divulgar, criar e produzir cultura emergente: um espaço de troca e de interface para as pessoas, conhecimento e eventos.”³⁰

Sendo o Vale de Chelas um dos polos de implementação de indústrias têxteis em Lisboa, torna-se pertinente salvaguardar a memória do que foi a antiga fábrica de lanifícios e tinturaria. Deste modo o programa proposto é converter a ruína num *FabLab* de *Design Têxtil*, ou seja: uma “Fábrica Laboratório” para proporcionar a todos um espaço de experiências e de criação, onde se pode aprender a manusear os têxteis, bem como todo o seu processo de fabrico e mutação, desde a matéria primária ao produto final.

Existe a intenção de reativar parcialmente a fábrica e, desta forma, reintegrar novos conceitos a nível das artes têxteis em simultâneo com o design têxtil e conseqüentemente o design de moda.

O intuito não é converter a fabrica novamente num sistema fabril de grandes proporções industriais, mas sim dar espaço a que pequenos criadores possam produzir as suas peças, bem como assegurar a partilha de conhecimentos.

A criação de um polo de formação relacionados

30 Excerto da descrição do Projecto Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas do Archdaily

com o *design* e os processos da tinturaria, pressupõe a existência de um laboratório de cor, no qual damos ênfase ao uso das plantas tintureiras, laboratório de design de padrões e estampagem, de maneira a conseguir conservar parte dos processos tradicionais e equiparando-os com as novas tecnologias.

Com a proposta de áreas híbridas para exposições, eventos relacionados com a temática da fábrica e também zonas destinadas a workshops para a população local de forma a que tenham um papel ativo.

O projeto assume uma transversalidade evidente: por um lado recupera e resgata uma antiga estrutura industrial, mediante um processo projetual contemporâneo; por outro mantém a memória da ruína e dos elementos que definem a sua composição no tecido urbano de Chelas; revive, ainda, a tradição e reconduz a estrutura, tanto quanto possível, à sua antiga condição de uso, que era e continuará agora a ser de carácter produtivo, embora com novos parâmetros, baseados na possibilidades de cruzar experiências entre vários especialistas e várias disciplinas afins.

O Vale de Chelas pode assim ser como que um "vale das artes", já que muitas galerias de artes e atelier procuram estes locais atendendo às tendências atuais de recuperação de grandes naves industriais conferindo-lhes uma função pluridisciplinar e com diversas valências, mantendo o carácter evocativos que decorre da ruínas e do eco rememorativo que assume aqui já um papel simbólico, mantendo-se a materialidade num estado primário.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença assídua de edifícios obsoletos na cidade de Lisboa, principalmente infraestrutura fabris abandonadas, levou-nos refletir sobre as mesmas, considerando-as imponentes a nível das suas estruturas, mas fragilizadas na memória da cidade.

A revitalização urbana do vale de Chelas é imprescindível, para a simbiose entre a revitalização das infraestruturas fabris e o espaço verde à procura da preservação da memória do lugar, do espaço rural e industrial.

Consideramos importante a intervenção no património devoluto e a readaptação para usos da contemporaneidade, de forma a reintegrá-los novamente na cidade.

“Há uma ideia peregrina que tem vindo a falhar. Tudo o que é património antigo tem que ser cultura, como se o moderno já não fosse cultura, portanto é uma espécie de determinismo que aquilo que é antigo tem que ser centros culturais, o problema é que nós estamos com excesso de instalações culturais. Pode parecer um pouco desagradável, mas acho que temos pouca cultura para esses centros culturais”³¹

EDUARDO SOUTO MOURA

31 Citação retirada do episódio Espaços&Casas 247, Convento Das Bernardas, entrevista ao Arquiteto Eduardo Souto Moura

A proposta para o complexo industrial da Tinturaria Portugália, procurou restabelecer a dinâmica no seu interior que é refletido no desenho da proposta como também exteriorizado pela forma do espaço urbano, com o propósito de estabelecer uma continuidade, de forma a impulsionar a sua vivência.

Por fim, a proposta torna possível, que o património industrial tenha capacidade para continuar a ser vivenciado, adaptando-o para diversos usos contemporâneos e com as mais diversas linguagens arquitetônica que podemos introduzir.

\

BIBLIOGRAFIA

V O L U M E S

AGUIAR, José. *Cor e Cidade Histórica: estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: FAUP, 2002

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Património*, Lisboa, Ed. 70, 2006

FOLGADO, Deolinda e **CUSTÓDIO**, Jorge. *Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999

GEHL, Jan. *Cidade para Pessoas*. São Paulo, 2013

JACOBS, Jane. *A vida e a morte das cidades*. São Paulo, 2000

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Colectiva*. Tradução: Paris, 1990

LEATHEBARROW, David. *Architecture Oriented Otherwise*. New York: Princeton Architectural Press, 2009

LOUÇÃO, Maria Dulce. *Habitar o Desabitado - Um Contributo para Arquitecturas de Interiores*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016

PORTAS, Nuno e **TRAVASSOS**, Nuno. *Políticas Urbanas II*, FCG, 2011

POLLAK, Michael, *Memória e Identidade Social*, Estudos Históricos, vol. 5, n. 10. Rio de Janeiro, 1992

TÁVORA, Fernando. *Da organização do espaço*. Porto: FAUP, 2006

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São

Paulo: DIFEL, 1983.

RUSKIN, John (1987). *Las siete lâmparas de la arquitectura*.
Barcelona: Alta Fulla (1ª edição 1849).

ARTIGOS

BRANDÃO, Ana Luísa; **BRANDÃO**, Pedro. *Do industrial ao pós-industrial: transição e diversidade urbana - lx/bcn*. Lisboa: IST, 2012

BRITO-HENRIQUES, Eduardo. *Arruinamento e regeneração do espaço edificado na metrópole do século XXI: o caso de Lisboa*; em EURE, vol.43, nº128, Janeiro 2017.

DESILVEY, Caitlin; **EDENSOR**, Tim. *Reckoning with ruins*, in Progress in Human Geography, 2013

DOMINGUES, Álvaro. *Ruínas Habitadas. Ruinofilia. Prespetivas Criticas*. Arqa Revista de Arquitectura e Arte, Abril 2014

DOMINGUES, Álvaro; **SAMPAIO**, Maria da Luz; **SEMEDO**, Alice; **SILVA**, Armando Coelho Ferreira da. *Introdução: actas do Colóquio de Museologia Industrial "Reconversão e Musealização de Espaços Industriais", Porto, 2002*". [S.l.]: Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003.

FOLGADO, Deolinda. *Património industrial. Que memória?*, 8ª Mesa Redonda de Primavera, Faculdade de Letras Universidade do Porto, "Conversar para quê?", Porto, 2005.

FOLGADO, Deolinda. "A Memória ao Negro" ou a salvaguarda como reduto da memória, em Estudos/Património nº6. Lisboa: DGPC, 2004

GRAÇA, João Luis Carrilho da. *Metamorfose em Jornal dos Arquitectos* N°206. Lisboa: OA, 2002

GUERRA, Isabel et al. *A Revitalização Urbana. Contributos para a Definição de um Conceito Operativo*; em Políticas Públicas de Revitalização: reflexão para formulação estratégica e operacional das atuações a concretizar no QREN; Lisboa, 2005

PONTE, Alexandre Quintela; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; PASCUAL, Jesus Garcia - "Considerações Teóricas Sobre Identidade De Lugar À Luz Da Abordagem Histórico-Cultural", ISSN 0103-7013, *Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 27, n. 59, p. 345-354, out./dez. 2009

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*, citado a partir de Adolfo Samyn Nobre, «Cercando a rede de memória: Estudo sobre a Construção de Identidade no Bairro Maré» *Cadernos de Sociomuseologia* , n. 33 . 2009

TELES, Gonçalo Ribeiro. *A Perca da complexidade da Paisagem Portuguesa*, em *Jornal dos Arquitectos* N°206. Lisboa: OA, 2002

SILVA, Gastão Brito e. *Portugal em Ruínas*. Lisboa : Fundação Manuel dos Santos 2014

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO/DOUTORAMENTO

FOLGADO, Deolinda. *A nova ordem industrial. Da fábrica ao território de Lisboa. 1933-1968*, Vol. I. Doutoramento em História, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2009

ARAGÃO, Carlos. *Da Saudade enquanto lugar*. Projeto Final de Mestrado, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, 2015

DOCUMENTOS ELETRÓNICOS

DILLON, Brian. *Fragments from a history of ruin*. Cabinet Magazine. (2005/2006)

Disponível em <http://www.cabinetmagazine.org/issues/20/dillon.php>.

Acedido a: 15 de Março de 2019

BORCHMEYER, Florian (2006) - *Havana - the new art of building ruins* Tradução e legendagem de RTP Produções. Berlim : KoppFilm. Documentário apresentado na RTP2.

Disponível em <https://www.dailymotion.com/video/x2cfjn>

Visualizado a 12 de Março 2019

MESTRE, Vitor. *Regeneração Urbana (Parte I)*. Patrimonio.pt para todos nós.

Disponível em <https://www.patrimonio.pt/single-post/2012/10/30/Regeneração-Urbana-Parte-I>

Acedido a 17 de Dezembro de 2018

SANTOS, Cecília Rodrigues dos; **ZEIN**, Ruth Verde. *Rápidas considerações sobre a preservação das ruínas da modernidade*. Arqutextos ISSN 1809-6298.

Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/12.135/3997>

Acedido a 5 de Dezembro de 2017

AAVV - Carta internacional sobre conservação e o restauro do monumentos e dos sítios (Carta de Veneza 1964). [Em linha]. Adoptada pelo ICOMOS em 1965. Comunica..o ao II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos,

Veneza, 25-31 Maio 1964. Veneza : ICOMOS, 1965. 5 p.

Disponível em WWW:<URL:hppt:ÄÄwww.international.icomos.org/
venicecharter2004/portuguese.pdf.

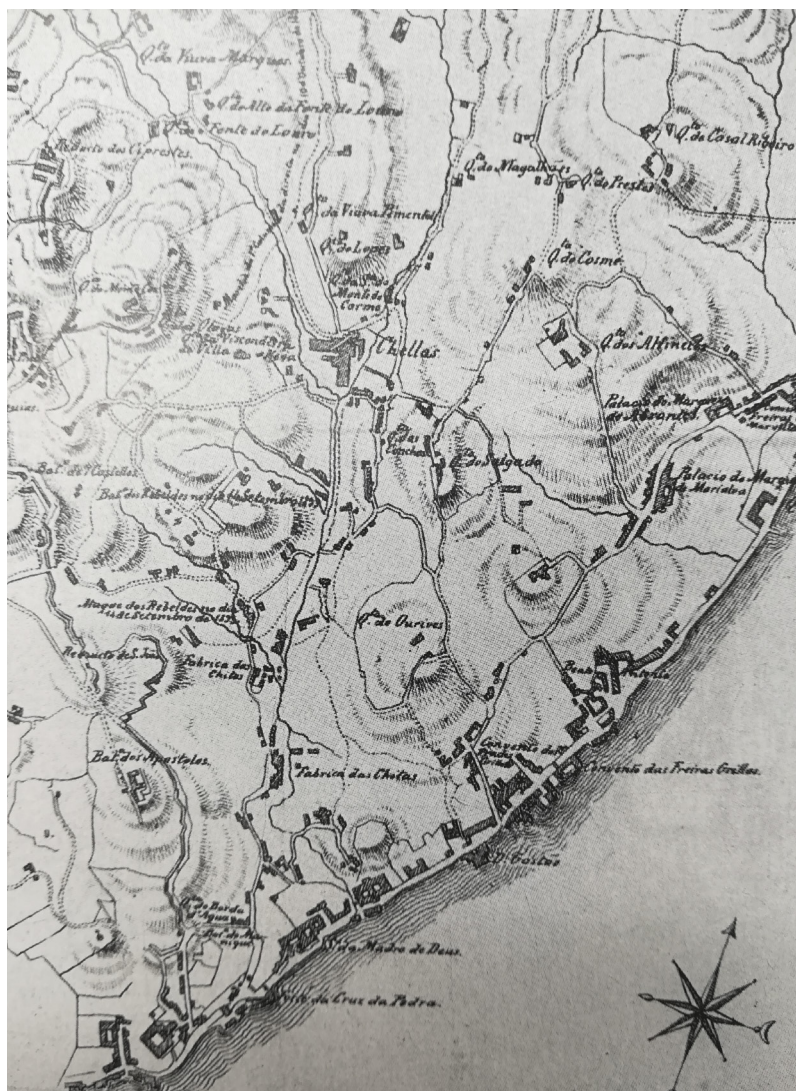
Acedido em Out. 2018

ANEXOS

- 1 . CARTOGRAFIA E DESENHOS DO ARQUIVO
- 2 . REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES
- 3 . CONVERSAS
- 4 . FOTOGRAFIAS ANTIGAS
- 5 . LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO
- 6 . ESQUISSOS DE PROCESSO
- 7 . MAQUETES
- 8 . PAINÉIS

1 . CARTOGRAFIA E DESENHOS DE
ARQUIVO



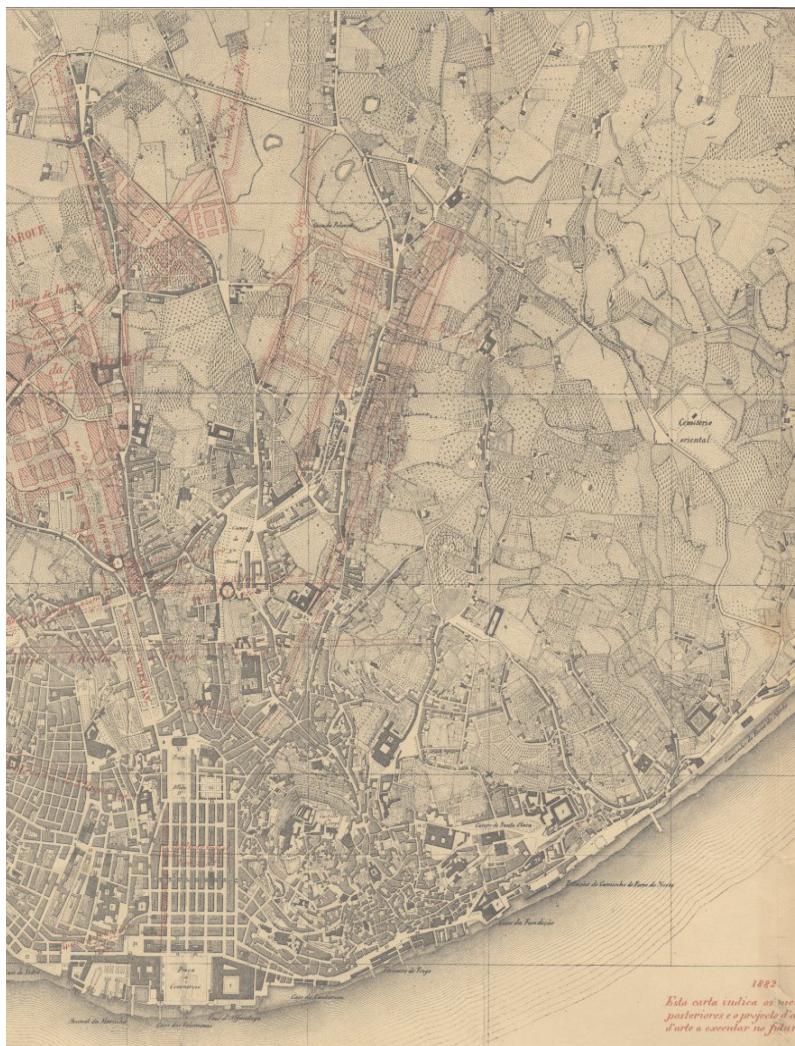




046. Planta do Vale de Chelas/
Xabregas .
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

045. Excerto da Carta de Filipe
Folque

045. Excerto da Carta de Filipe
Folque





046. Planta do Vale de Chelas/
Xabregas .
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

045. Excerto da Carta de Filipe
Folque

045. Excerto da Carta de Filipe
Folque

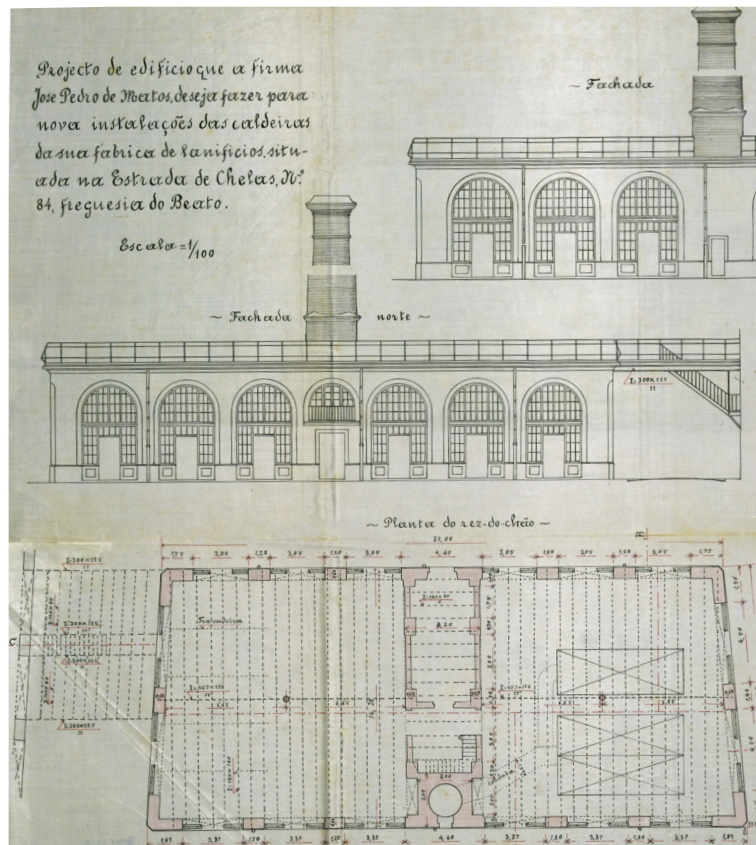


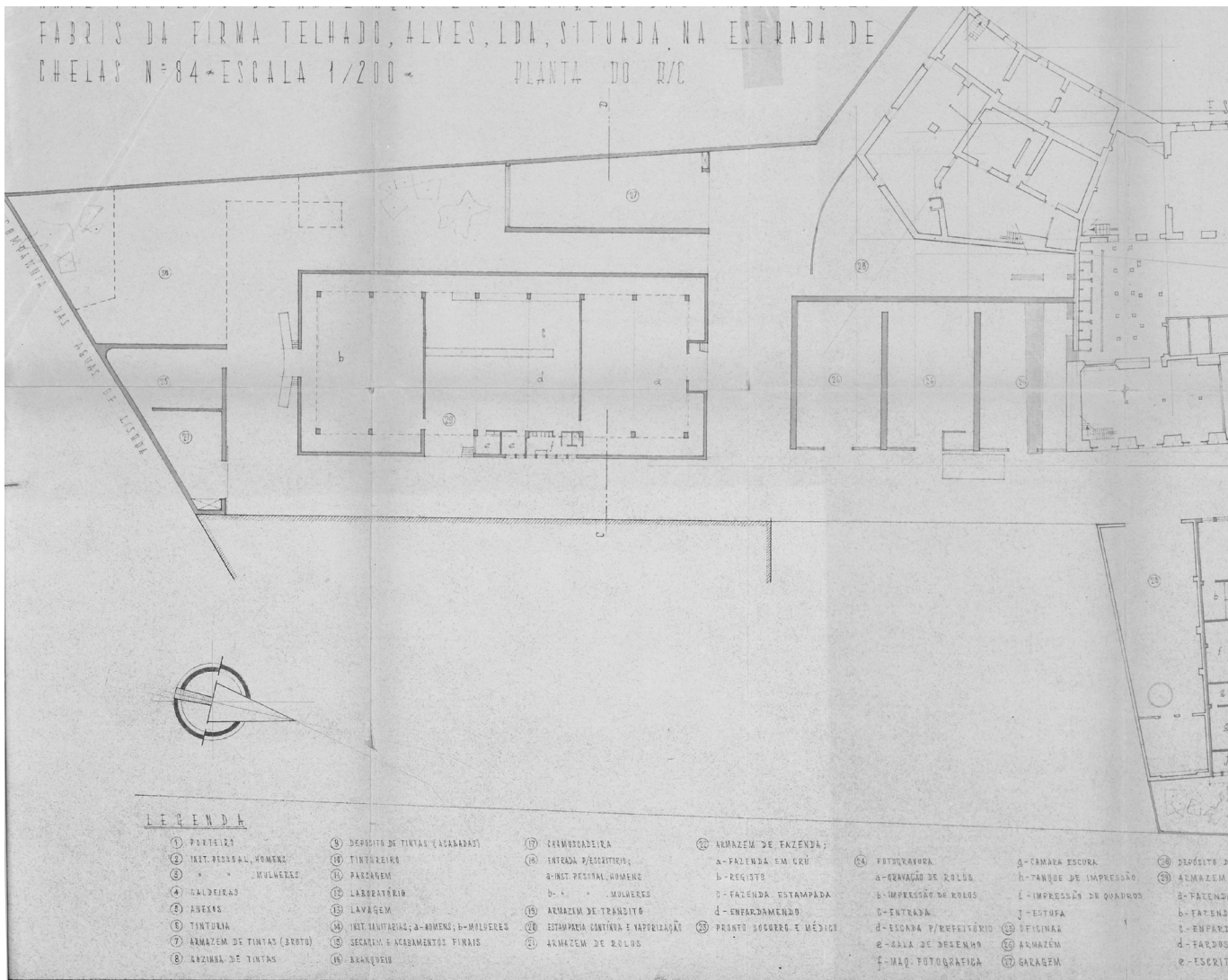
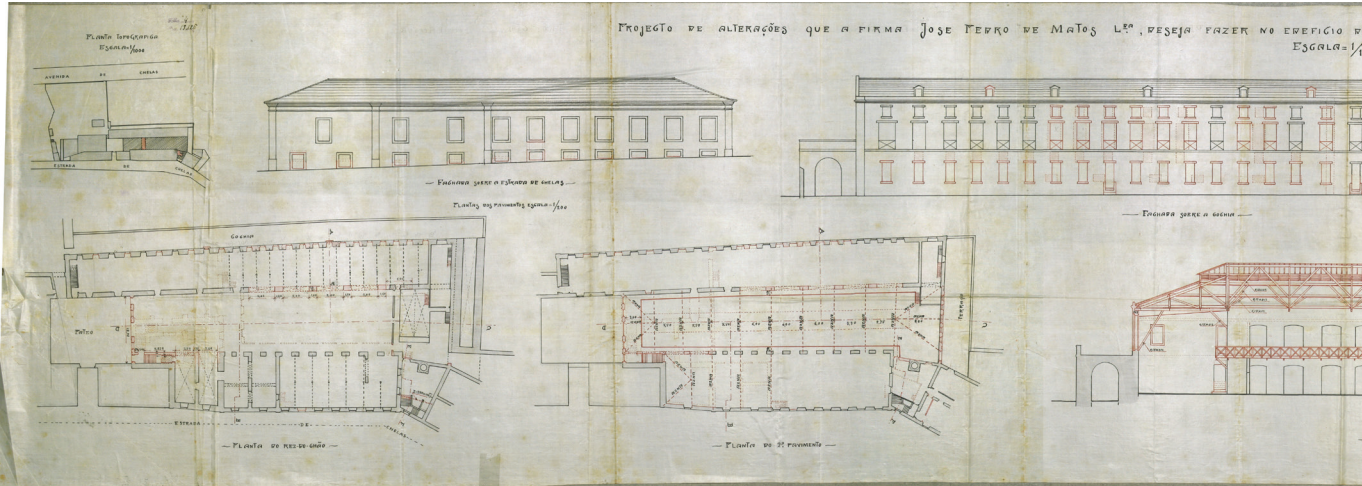


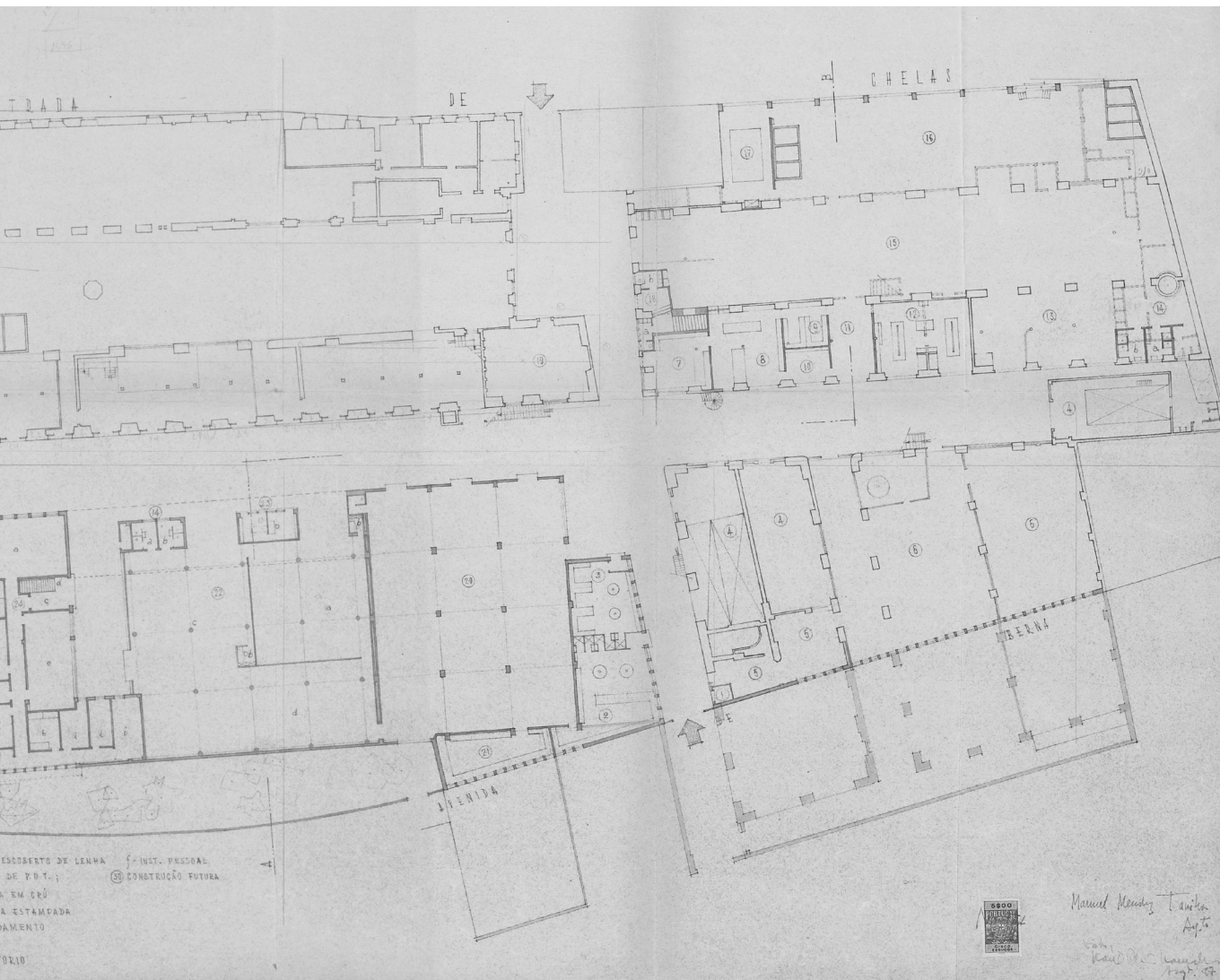
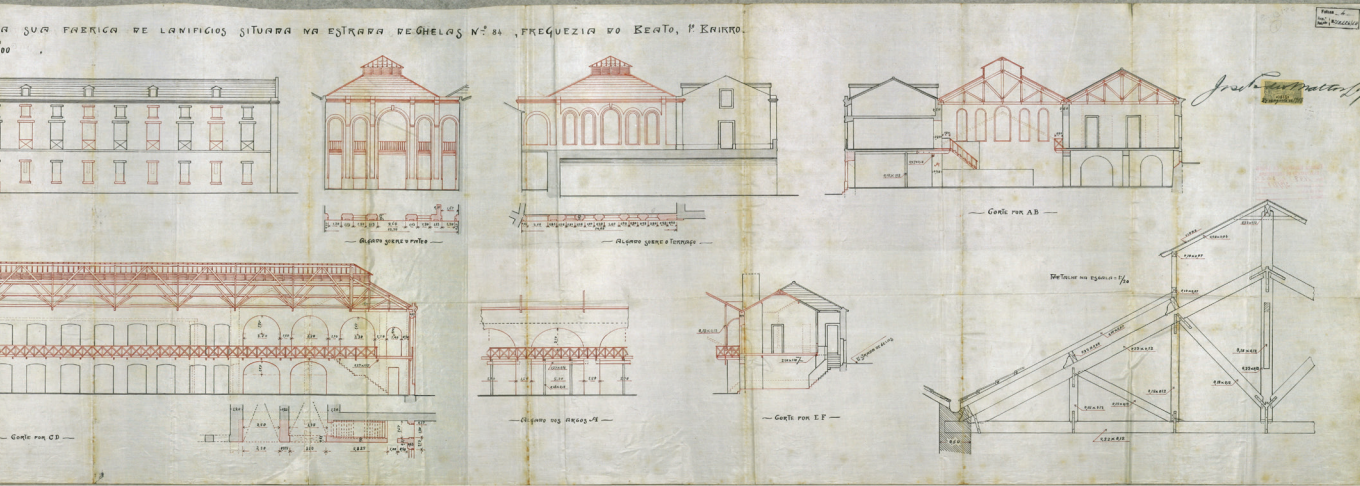


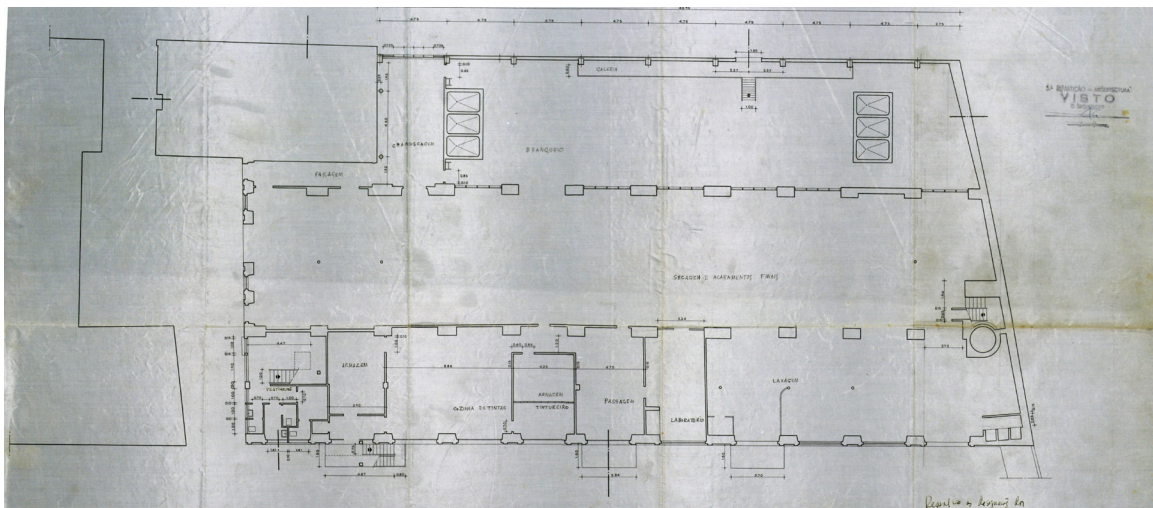
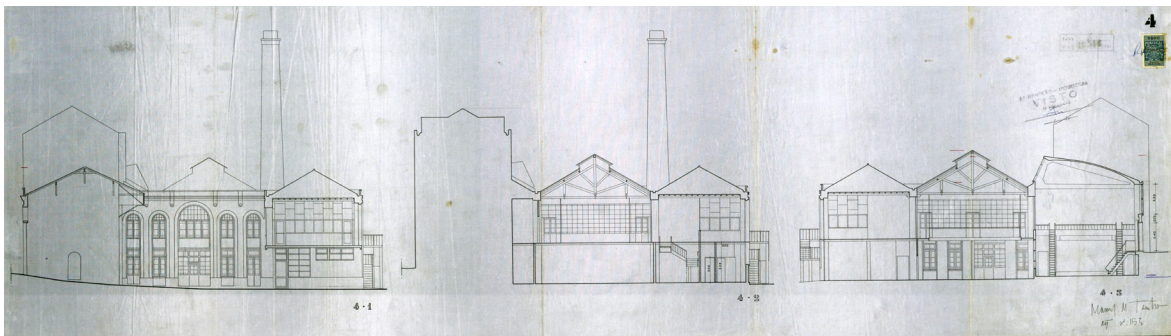
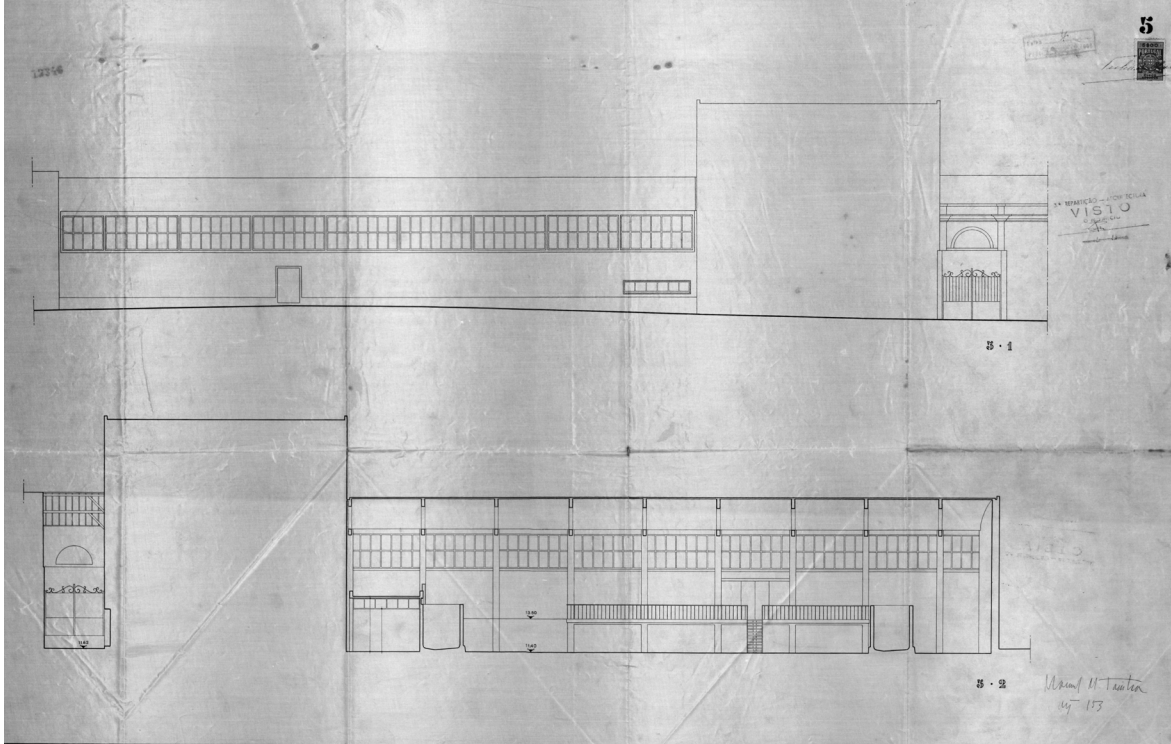


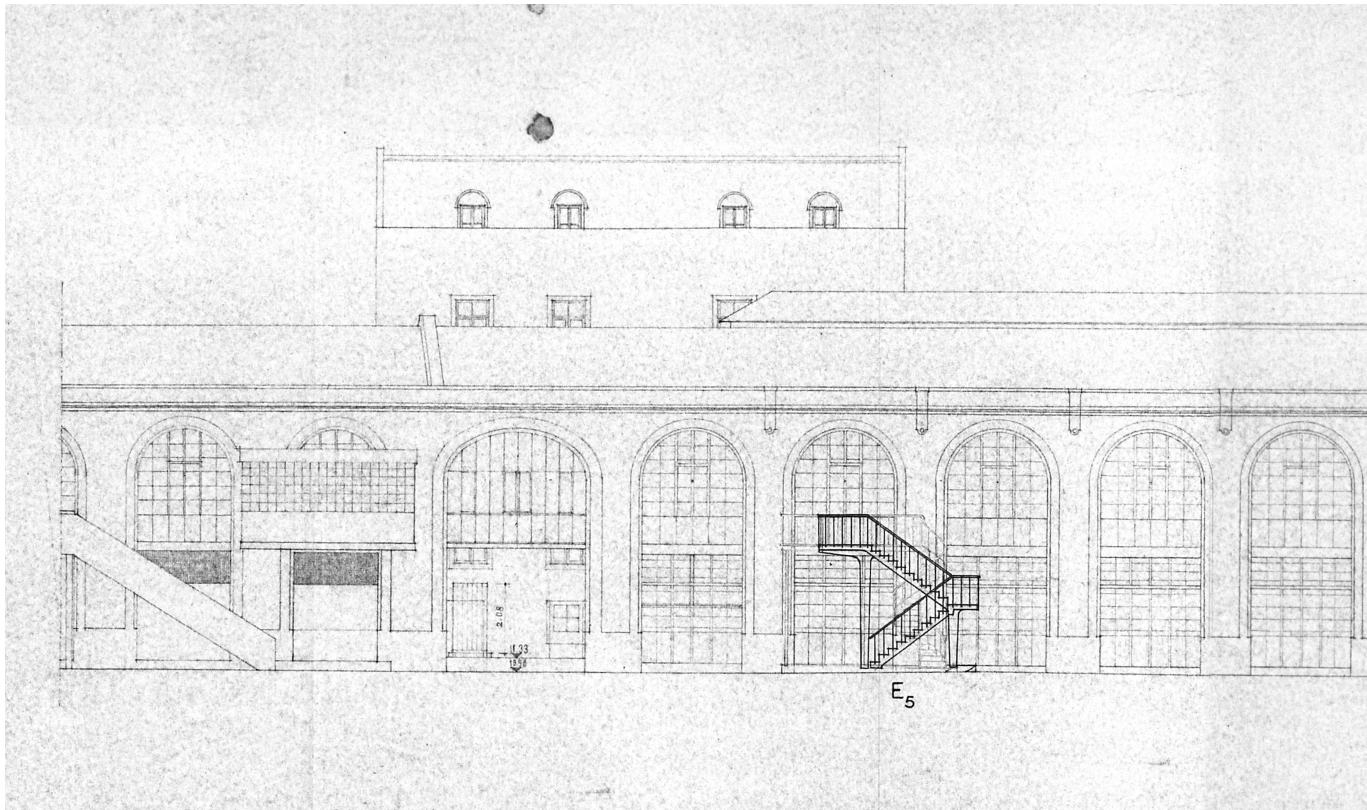


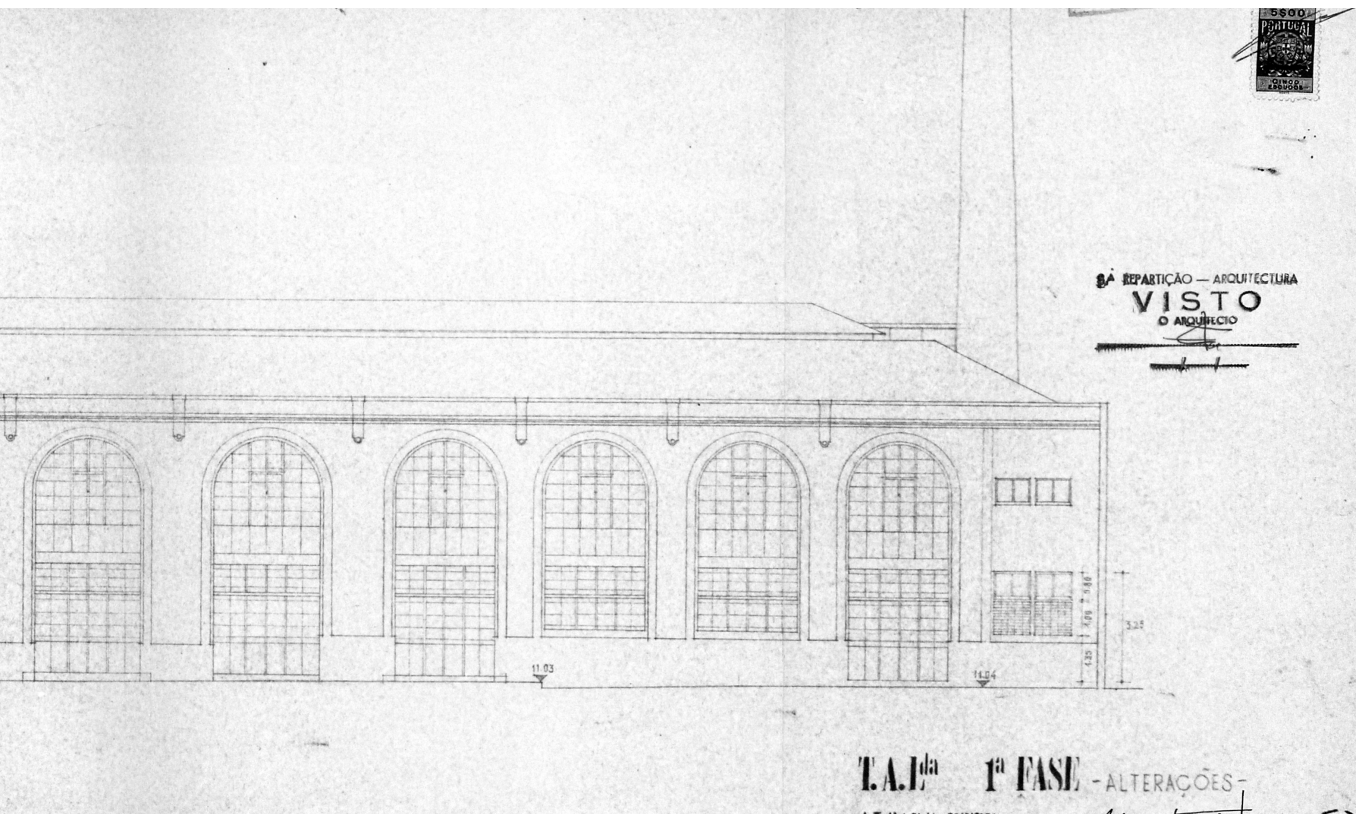












2 . REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ARQUIPÉLAGO -
CENTRO DE ARTES
CONTEMPORÂNEAS

Menos é Mais

Arquitectos + João

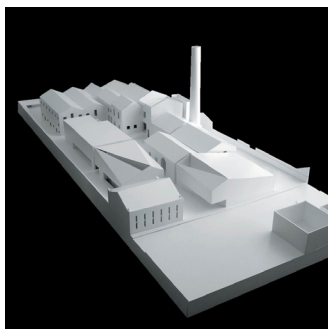
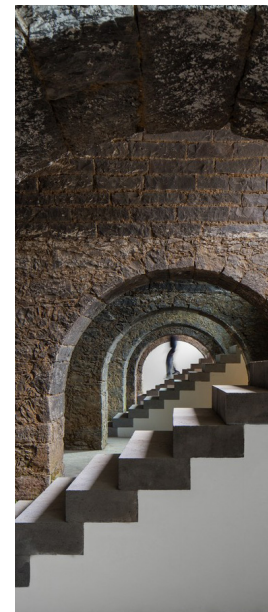
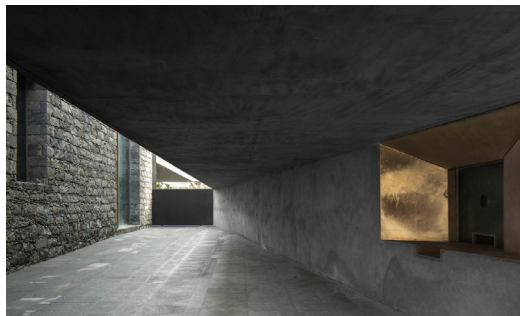
Mendes Ribeiro

Localização: Ribeira

Grande, Açores

Ano 2014

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/762180/arquipelago-centro-de-artes-contemporaneas-menos-e-mais-arquitectos-plus-joao-mendes-ribeiro-arquitecto?ad_medium=gallery

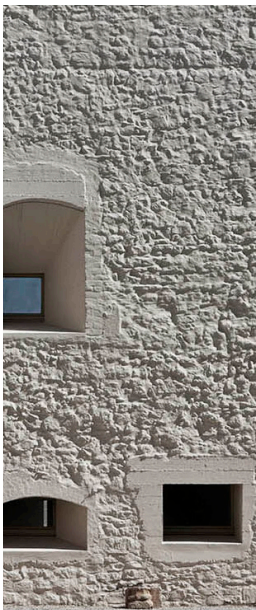




CONVENTO DAS
BERNARDAS

Eduardo Souto Moura
Localização: Tavira,
Algarve
Ano 2012

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura>



MATADERO - NAVE

16

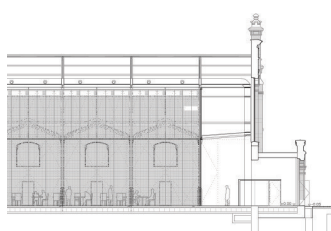
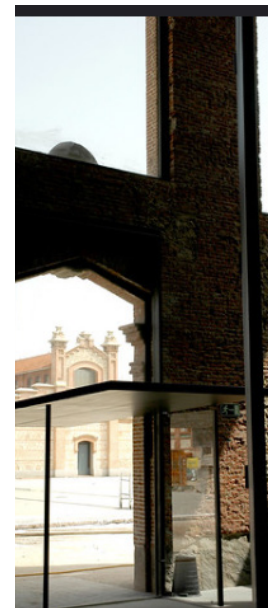
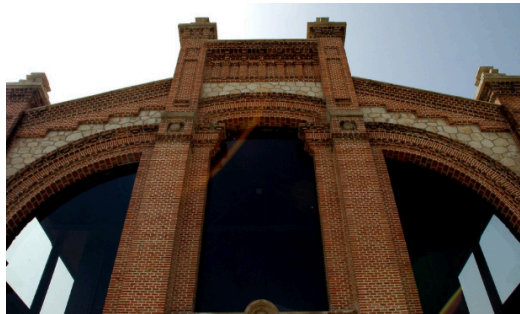
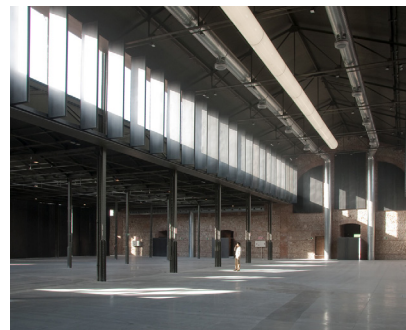
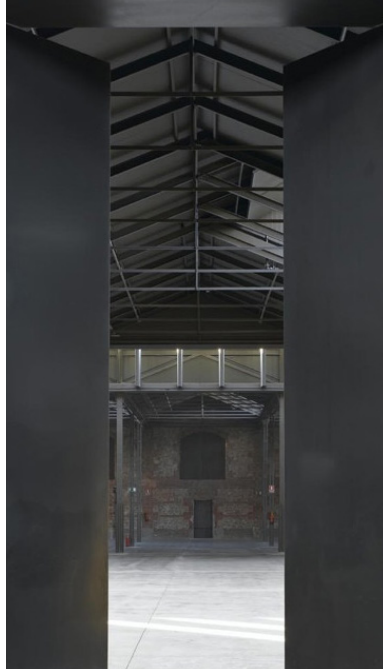
ICA ARQUITECTURA

Localização: Madrid,

Espanha

Ano 2007

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/5612915074/in/photostream/>
<https://www.archdaily.mx/mx/02-105564/nave-16-matadero-madrid-ica-arquitectura/512b7711b3fc4b11a700b9a5-nave-16-matadero-madrid-ica-arquitectura-corte>

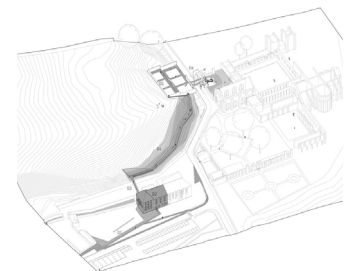




CENTRE DU VISITEUR
DANS LE MOULIN DE
L'ABBAYE

Binario Architectes
Localização:
Villers-la-Ville,
Bélgica
Ano 2016

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/802865/centro-de-visitantes-do-monasterio-de-villers-binario-architectes?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user



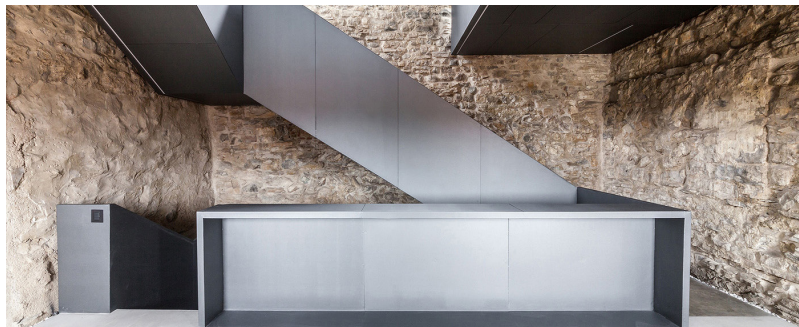
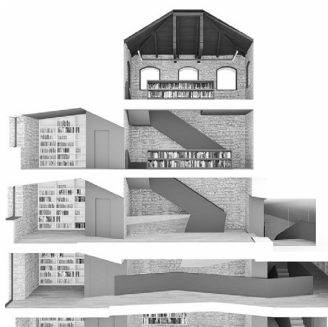
TORRE DEL BORGO

Gianluca Gelmini

Localização: Vila de
Bérgamo, Itália

Ano 2015

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/767461/torre-del-borgo-gianluca-gelmini>

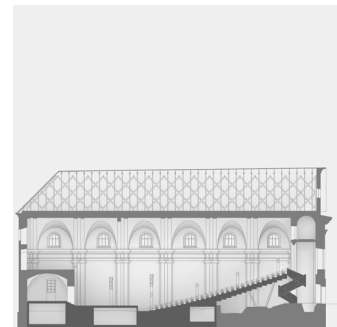




CENTRO DE ESPETÁCULOS
PTUJ

ENOTA
Localização: Ptuj,
Eslovênia
Ano 2013

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-153605/centro-de-espetaculos-ptuj-slash-enota?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user



HEDMARK MUSEUM

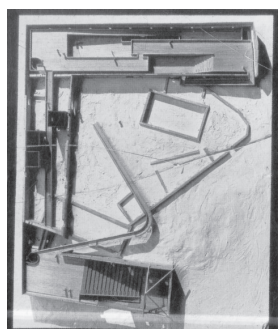
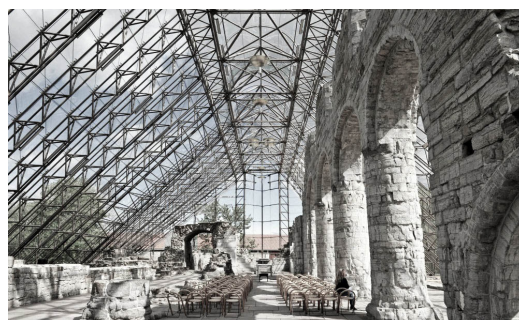
Sverre Fehn

Localização: Hamar,

Noruega

Ano 1967 a 2005

Fonte: <http://architecturenorway.no/stories/photo-stories/binet-hamar-09/>

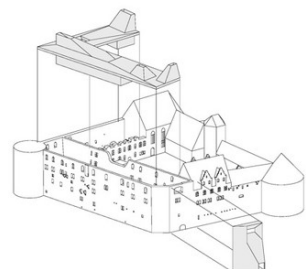




MUSEU DE ARTE
MORITZBURG

Nieto Sobejano
Arquitectos
Localização: Halle,
Alemanha
Ano 2008

Fonte: <https://www.archdaily.com/132838/moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos>
<http://www.nietosobejano.com/project.aspx?i=2#>



ESTAÇÃO DE
COMBOIOS DE
BURGOS

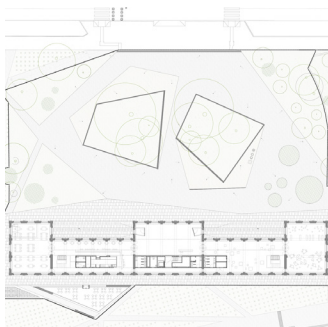
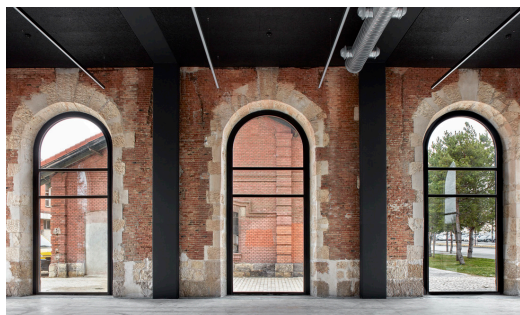
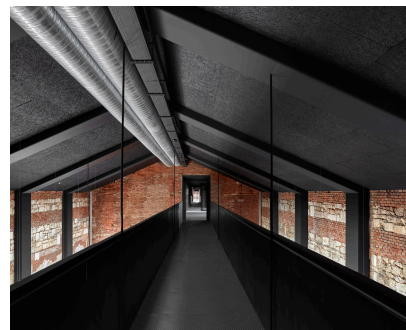
Contell-Martínez

Arquitectos

Localização: Burgos,
Espanha

Ano 2016

Fonte: https://www.archdaily.com/873855/burgos-railway-station-refurbishment-contell-martinez-arquitectos?ad_medium=gallery



3 . CONVERSAS

CONVERSA COM DOCENTES DA FAUL,

No dia 11 de Janeiro deste ano, procurou-se esclarecer algumas dúvidas sobre o que seria e era necessário ao design têxtil, quais são as etapas, os equipamentos, de forma a adquirir o máximo conhecimento nesta área. As dúvidas que suscitam quando se propõe um programa que não é comum, e também a falta de conhecimento na área, procurei ajuda junto dos Professores, Inês Sá Simões e o Mário Matos Ribeiro, ambos docentes na FAUL.

Uma conversa muito enriquecedora de onde surgiram novas ideias, o conceito inicial para o programa do projeto, de HUB de Design Têxtil, que a posteriori adquiriu o nome de FABLAB de Design Têxtil, sugestões para espaços interiores como a tecidoteca, que é neste caso é o "arquivo de criação" da própria fábrica, de forma a guardar exemplos do que se produz.

Todo o processo deste a transformação dos fios, os equipamentos necessários, ate ao produto final. Como também o esclarecimento de uma nova ERA digital que trás muitos progressos para a indústria têxtil.

Foi dado como exemplo a escola Sueca de Design Têxtil, mas a sua complexidade e dimensão sai da escala do projeto.

ENTREVISTA À ANA MARGARIDA SANTOS,
DESIGNER TÊXTIL

Conversa informal com a Designer Têxtil, Ana Margarida Santos, que fez a sua formação em Londres, atualmente trabalha no atelier do Alexander McQueen.

Esta conversa foi via internet, aconteceu dia 16 de Janeiro, com o intuito de explicar-me detalhadamente como funciona todo o processo do design têxtil.

Autora - Bem a ideia é a criação de um FABLAB de Design Têxtil, onde poderá haver pequena produção e tu como designer ou público em geral, poderás deslocar-te até lá e fazer algumas peças, quiça poderás dar formação para pessoas que são alheias a este mundo. Mas pela pesquisa que tive a fazer existem espaços destintos como a Oficina/Laboratório de Tecelagem, o Laboratório de Cor (Tinturaria e Estamparia), o Laboratório de costura, Oficina de Malharia e Laboratório de Acabamentos, agora não sei se é só isto o necessário, mas que eu gostaria de saber é quais as necessidades específicas dos espaços, que tipo de maquinaria é necessária, como é que são as zonas de trabalho e como é que estão interligadas, se existe uma sequência lógica de espaços para que tudo funcione?

MARGARIDA - Pelo que percebi queres saber como organizar um o espaço de um print studio? Quais são os processos de impressão

do Screenprint e impressão digital no tecido?

Eram ambas as funções, porque preciso de saber se existem especificações necessárias ao espaço para a sua realização.

MARGARIDA - Para o estúdio em si precisas de muito espaço. Terias uma cabinet para secar os ecrãs de screenprint, um lavatório para os lavar, máquinas de steam (usadas para alguma técnicas de impressão que requerem steaming - como imprimir com tintas ácidas), mesas de pelo menos 100cm de altura para a pessoas poderem imprimir, e o mais importante é uma cabine com extração para químicos tóxicos (onde normalmente se misturam as tintas). Muitas das tintas e processos envolvem produtos tóxicos por isso é mesmo crucial saberes que tintas tens no estúdio, usar luvas e as vezes máscaras.

Também tens que ter uma baking cabinet - para finalizar o Print e ter a certeza que não vai cair do tecido e também pode ser usada para Devoré - uma técnica onde imprimes com químicos que queima o tecido.

Para o digital Print podes ter uma máquina que imprime diretamente no tecido e também devias ter uma prensa de calor (que é usada para transferir imagens do papel para os tecidos, como polyester, ou técnicas como o Flock ou Foil.

A organização do espaço em si varia muito de estúdio para estúdio.

Mas isto são os instrumentos e espaços que a maioria têm e estas máquinas são

caras normalmente. No caso do screenprint podes fazer imensas técnicas, por isso depende do objetivo e do queeres fazer.

Já percebi que no screenprint é onde são precisos mais espaços específicos. Existe alguma especificação para o tingimento? Ou poderá ser tudo considerado um printinglab?

MARGARIDA - Para tingimento normalmente tens um dye bath, consiste numa "panela" grande, que vai a uma fonte de calor, para conseguir tingir os tecidos.

Esta bem, mas também vi que existem umas máquinas, com um tambor parecida as típicas máquina de lavar.

MARGARIDA - É necessário um espaço para lavar e um sítio onde seja possível secar os tecidos, uma drying rack.

Vamos lá ver se compreendi a lógica do processo para que seja possível implementar este programa. É necessário ter a zona de tecelagem para os fios, com teares, a zona de printing, e depois drying rack é tipo acabamento, uma zona de lavagem e tratamento final e caso seja possível uma zona de costura.

MARGARIDA - Sim, o drying rack é a máquina de baking para fixar o pigmento no tecido.

4 . FOTOGRAFIAS ANTIGAS



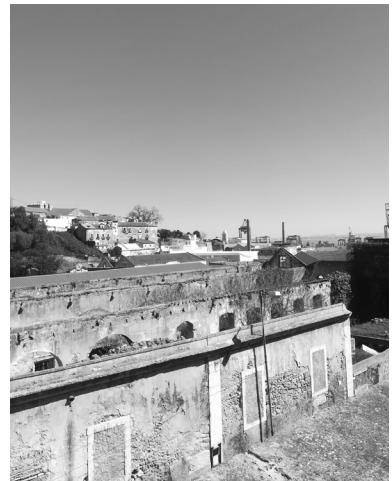
045. Fotografia da Estrada de Chelas. António Sachetti (1998)
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa





5 . LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

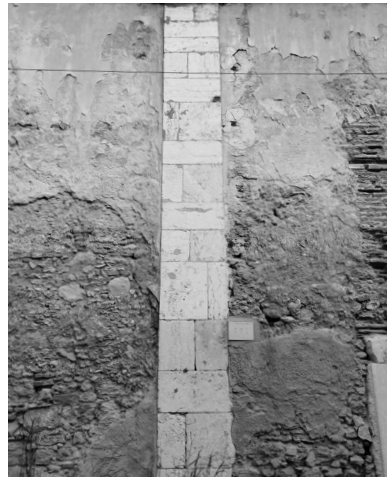




ESTRADA DE CHELAS



RUA GUALDIM PAIS

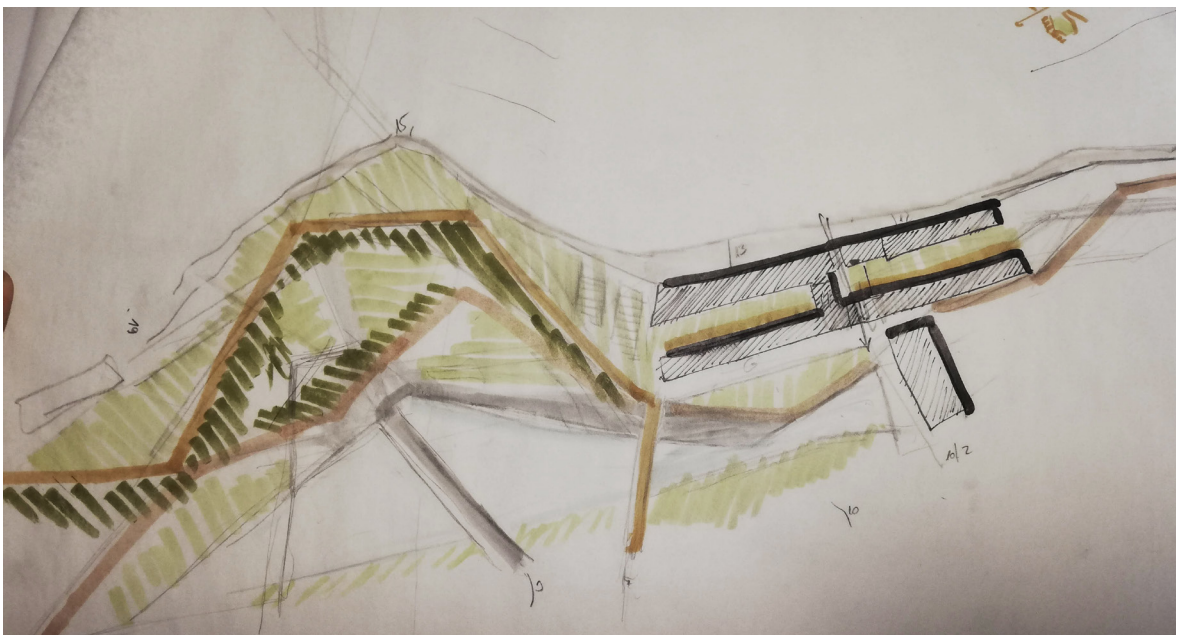


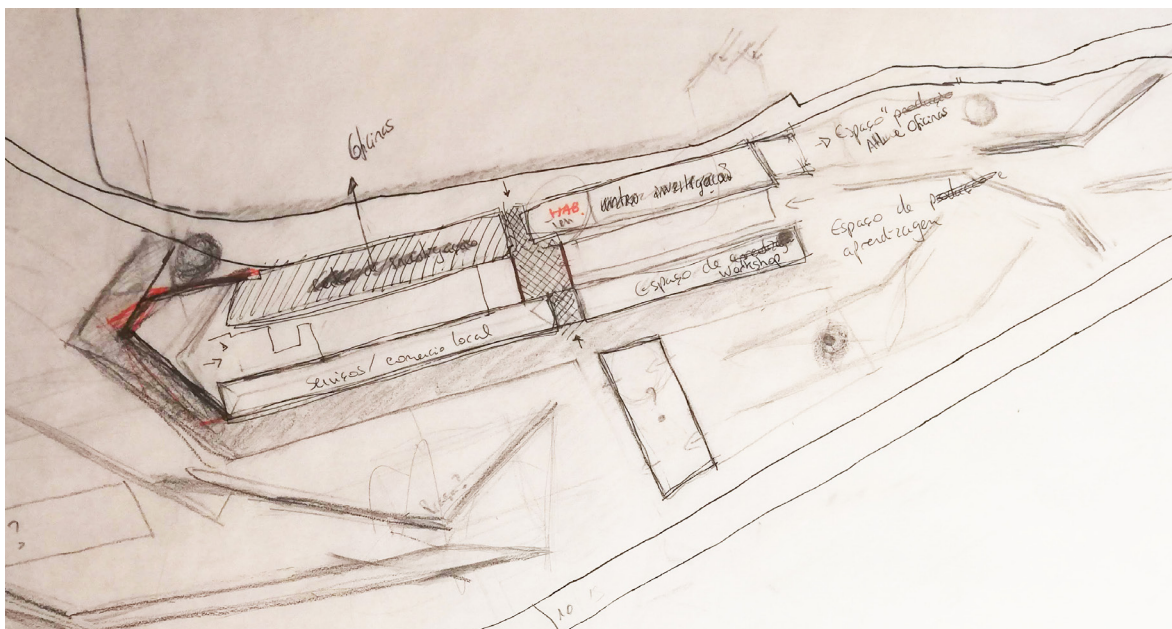
DETALHES

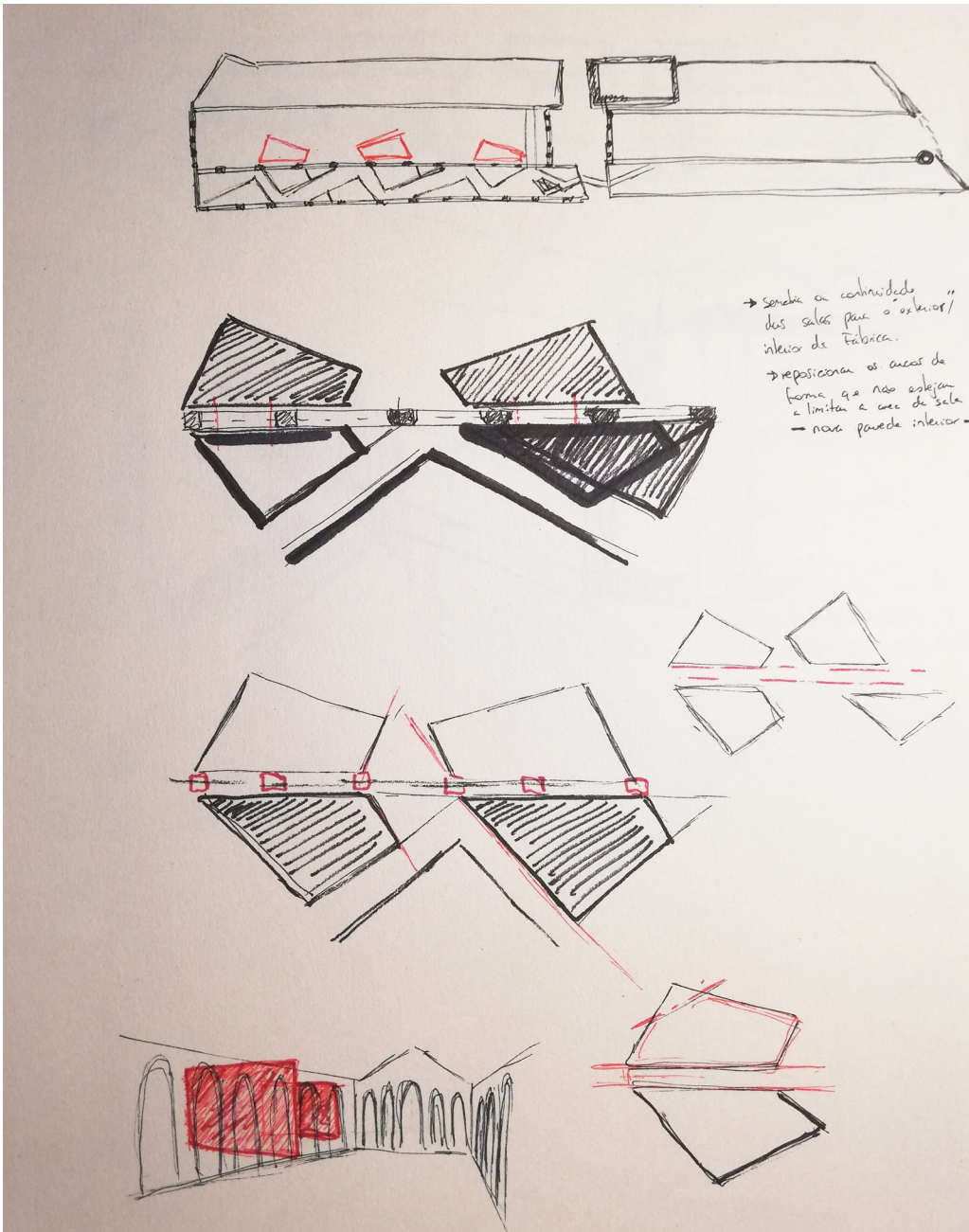


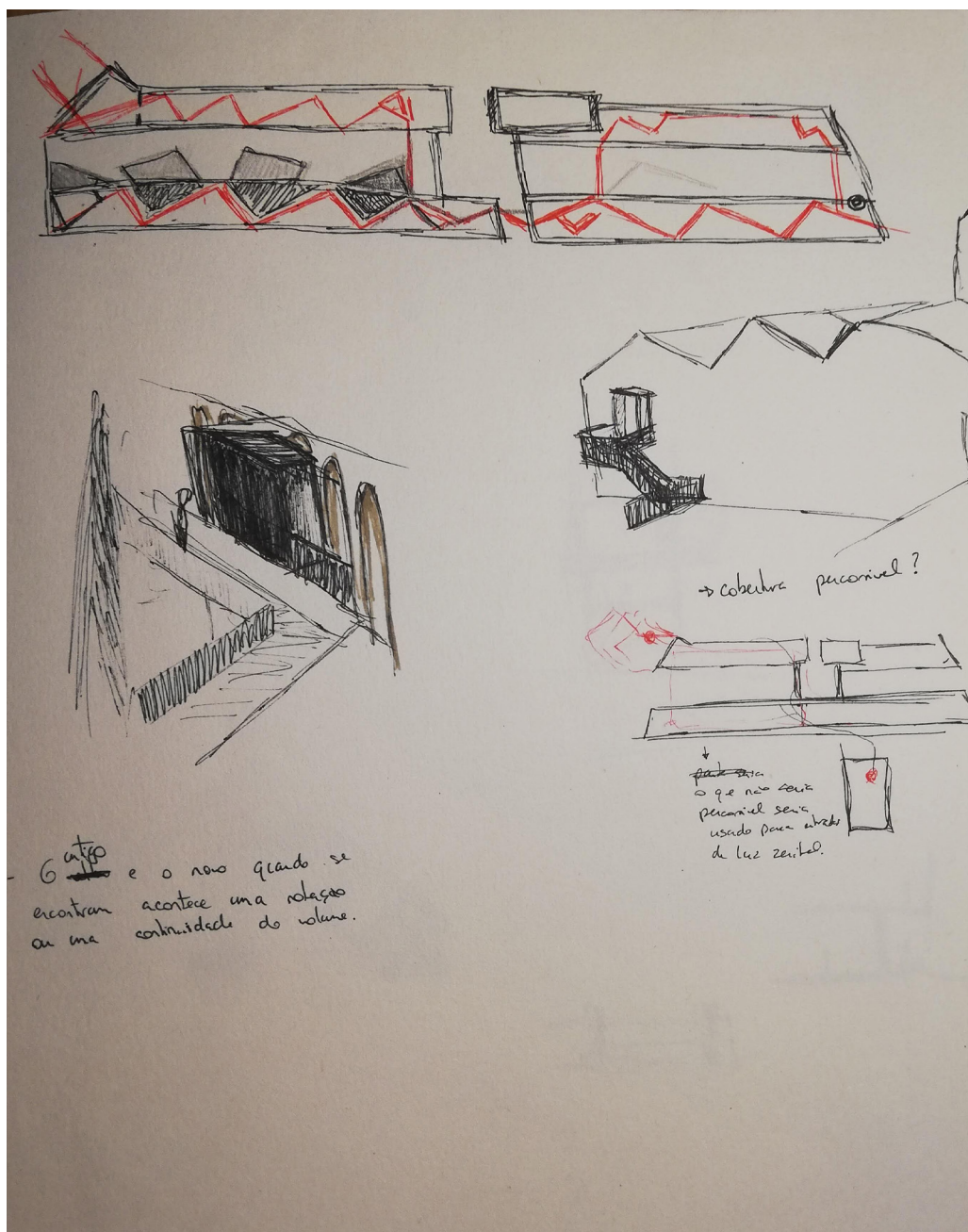
ENVOLVENTE

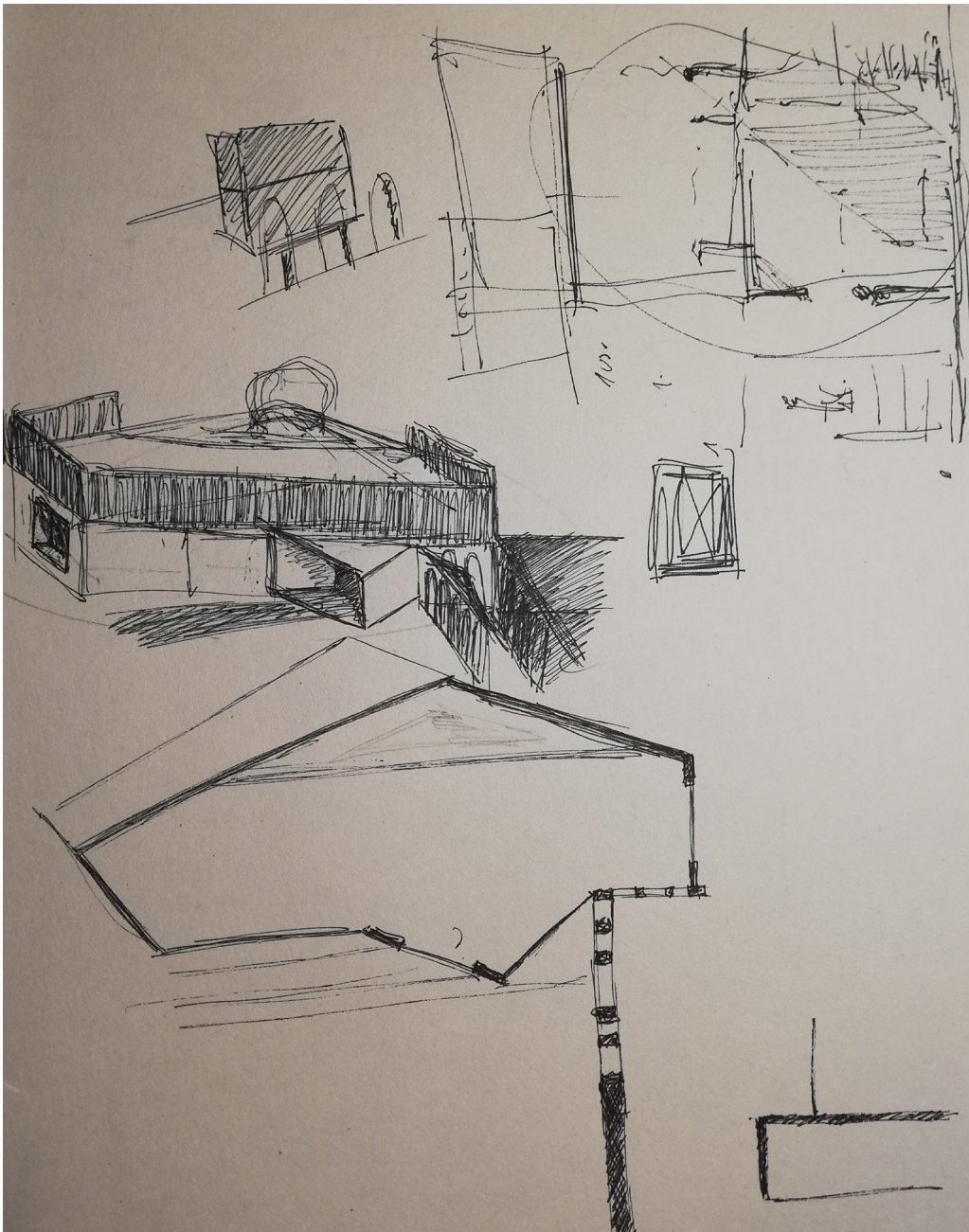
6 . PROCESSO

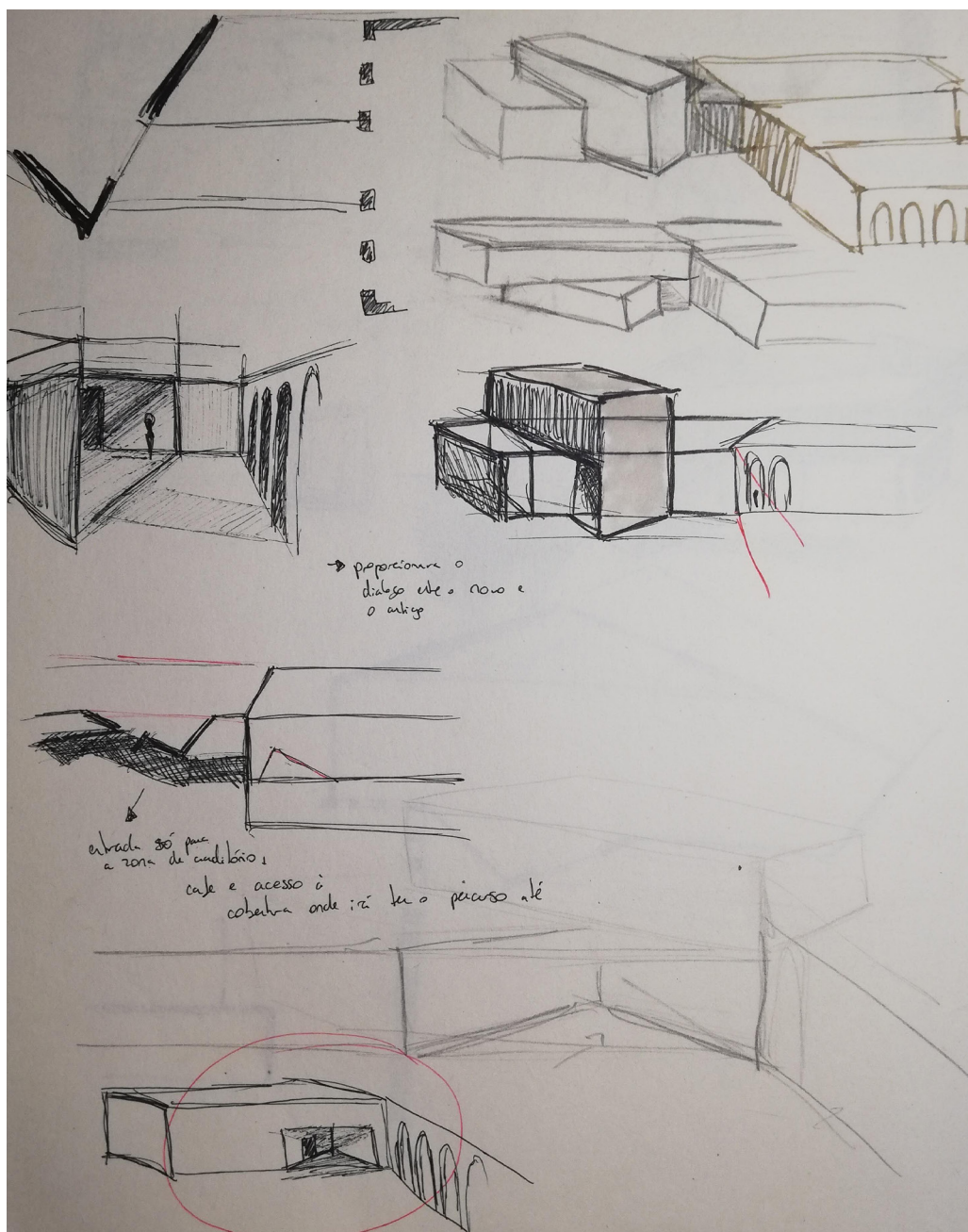


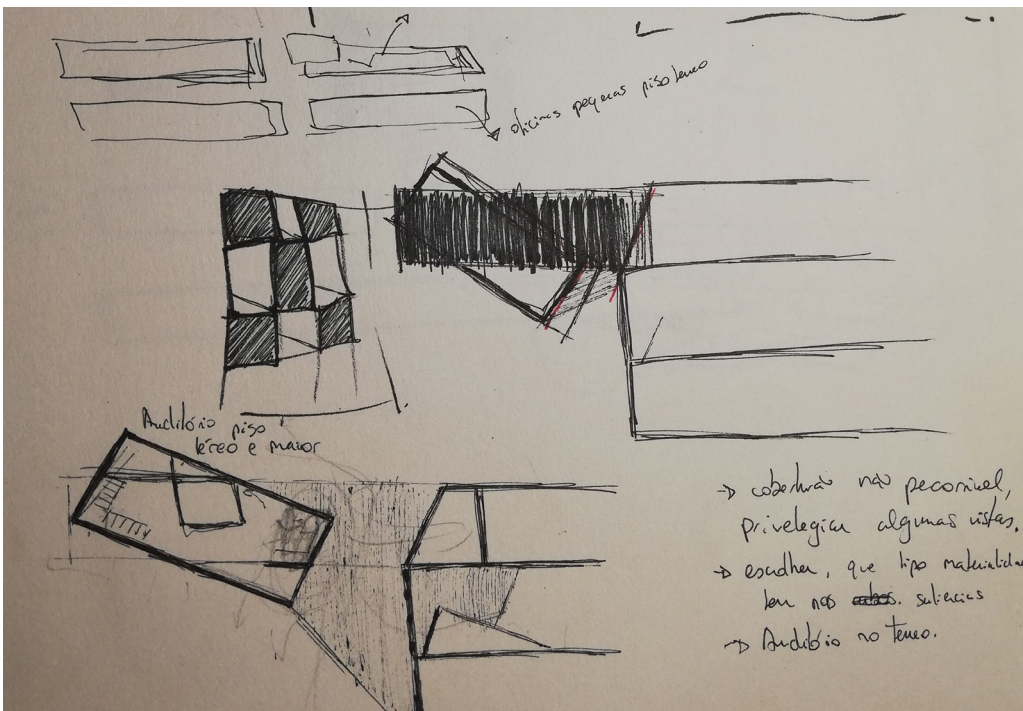
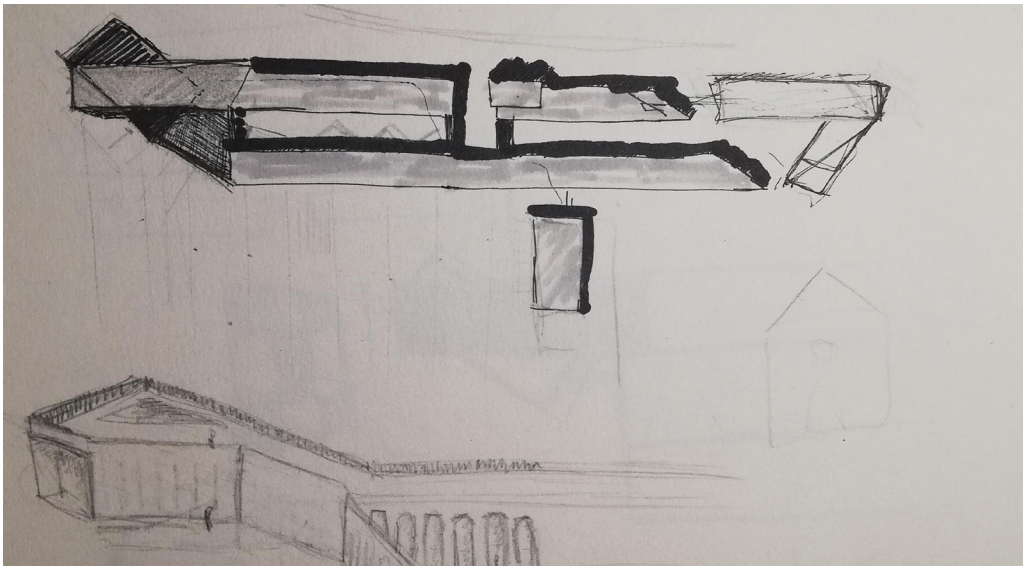


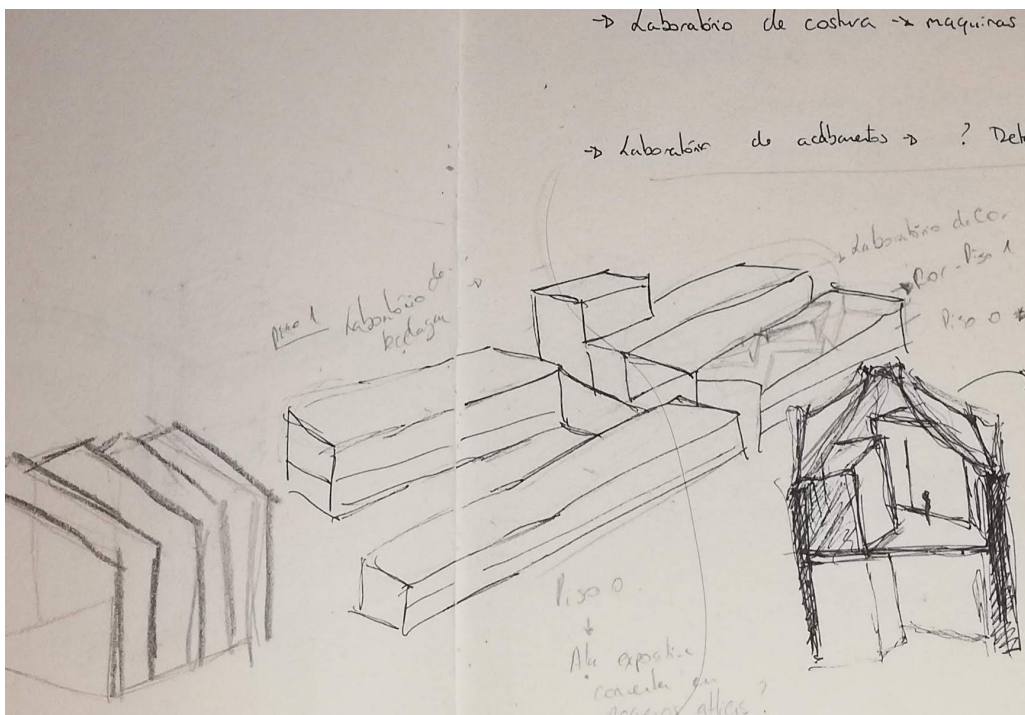


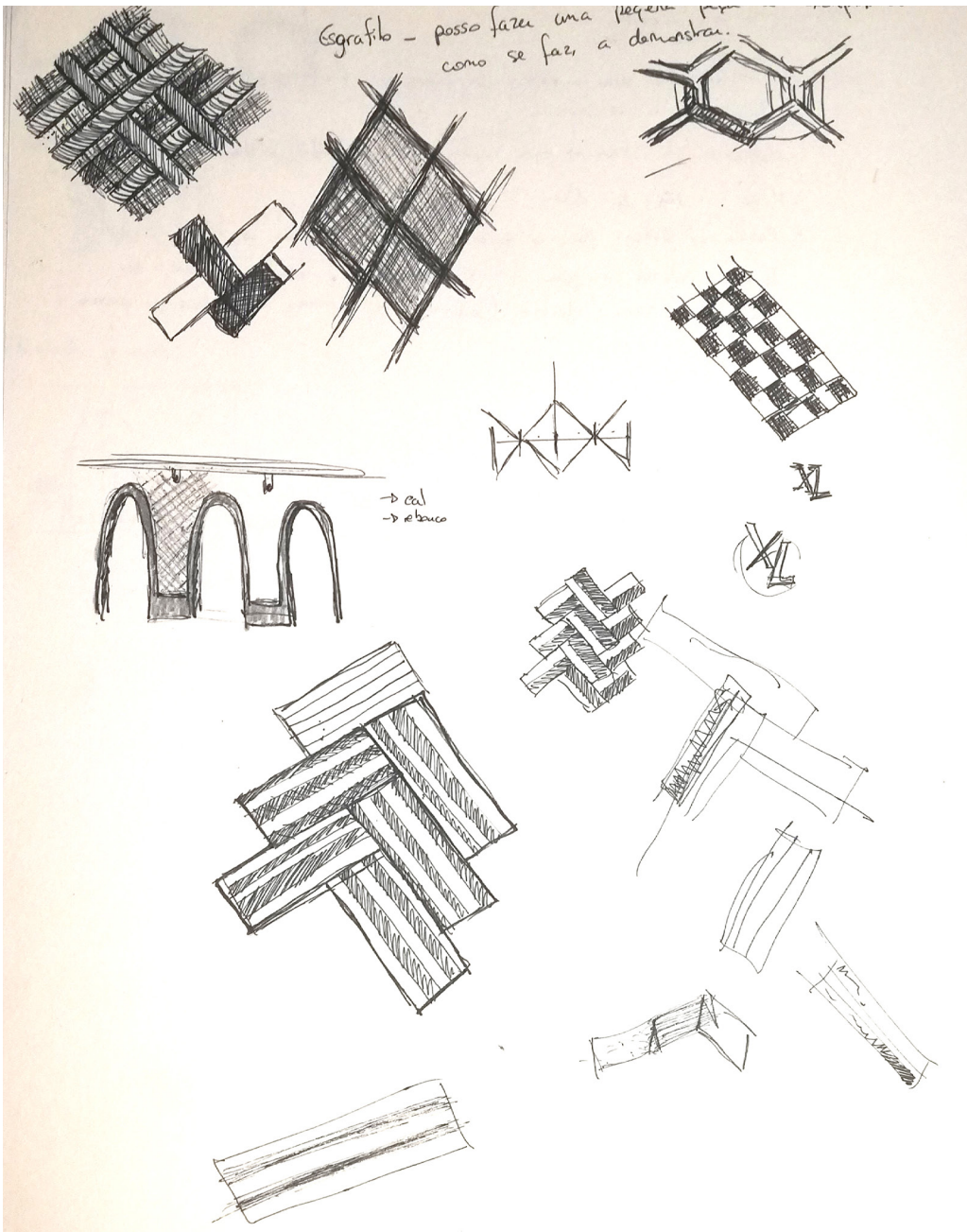


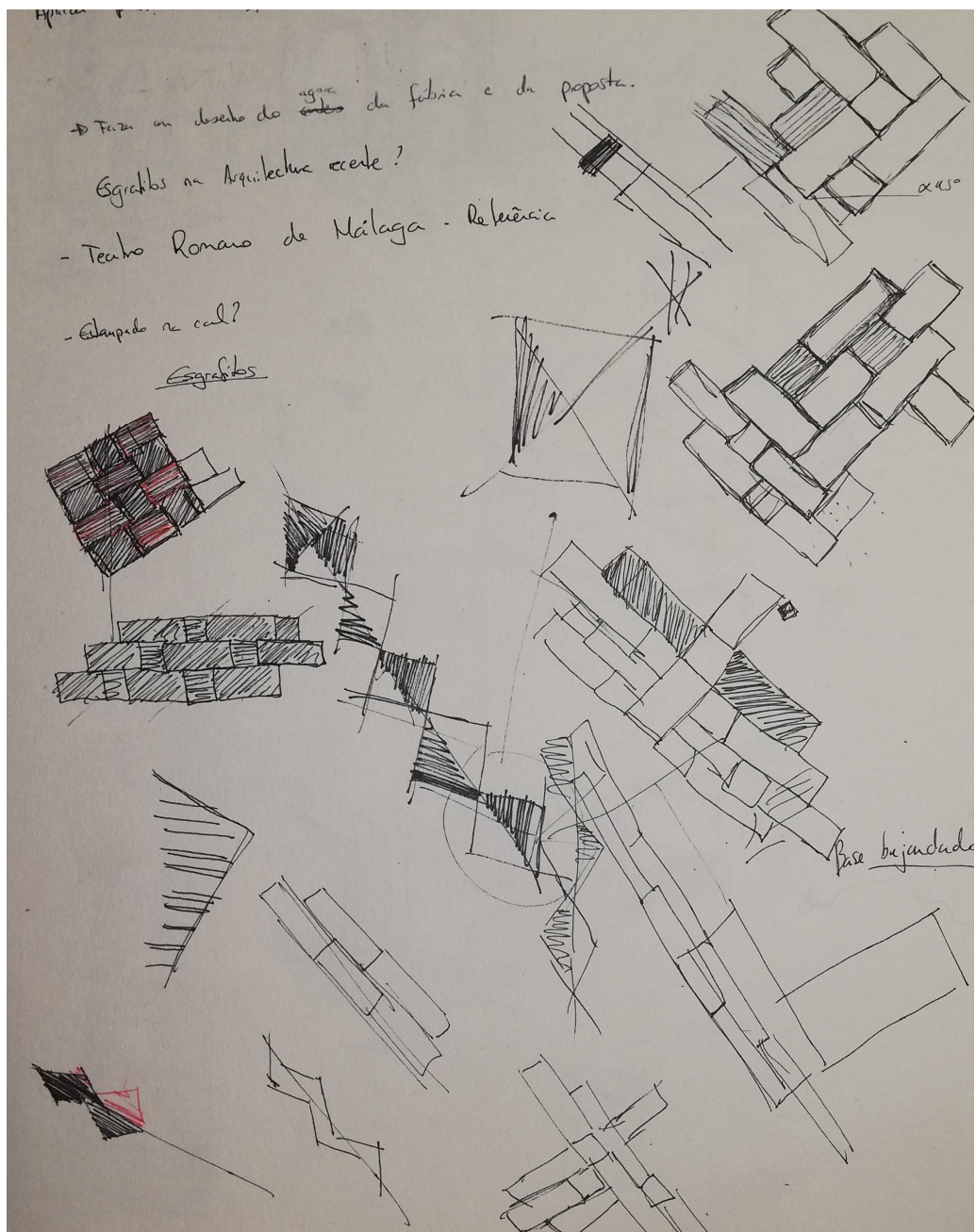


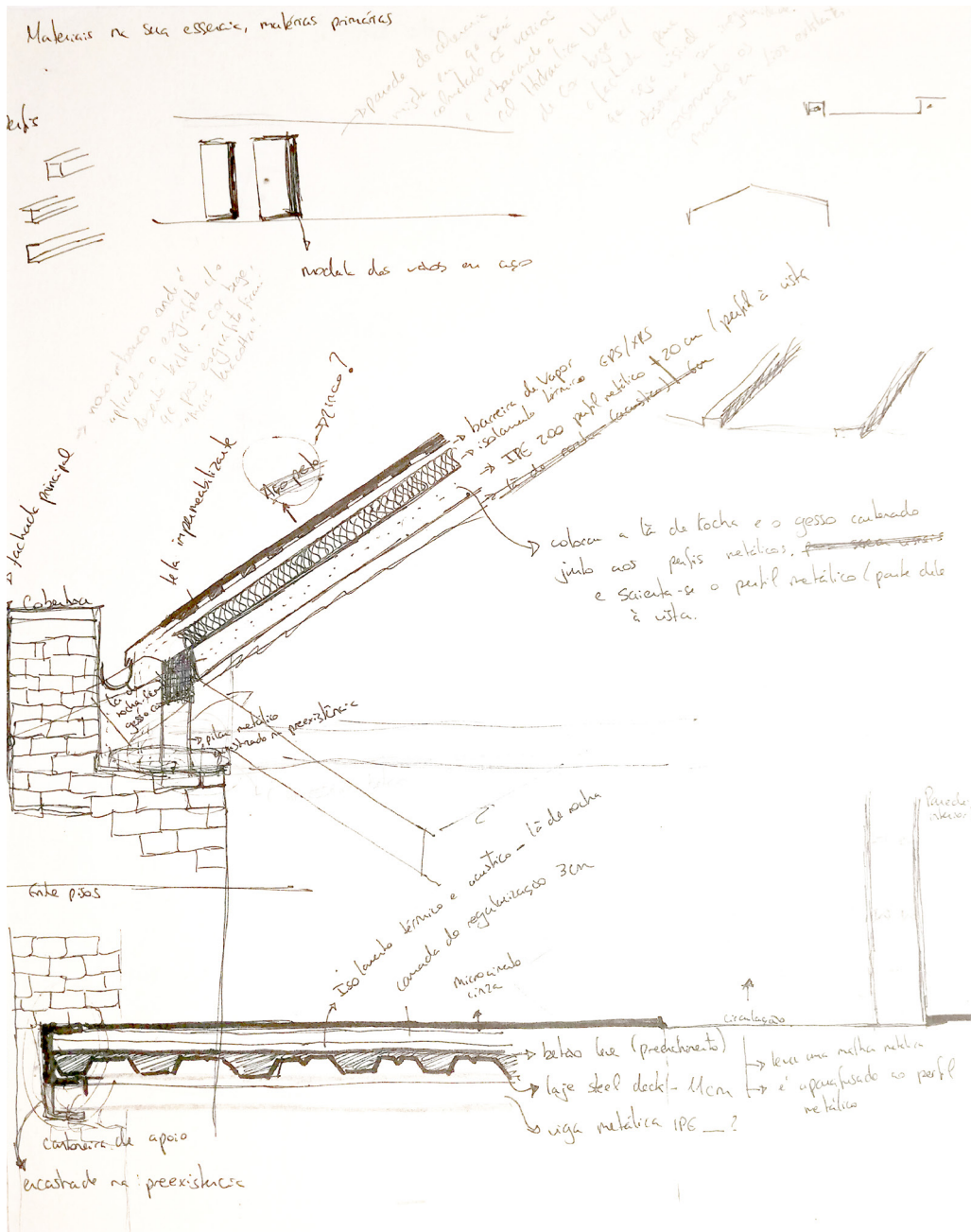


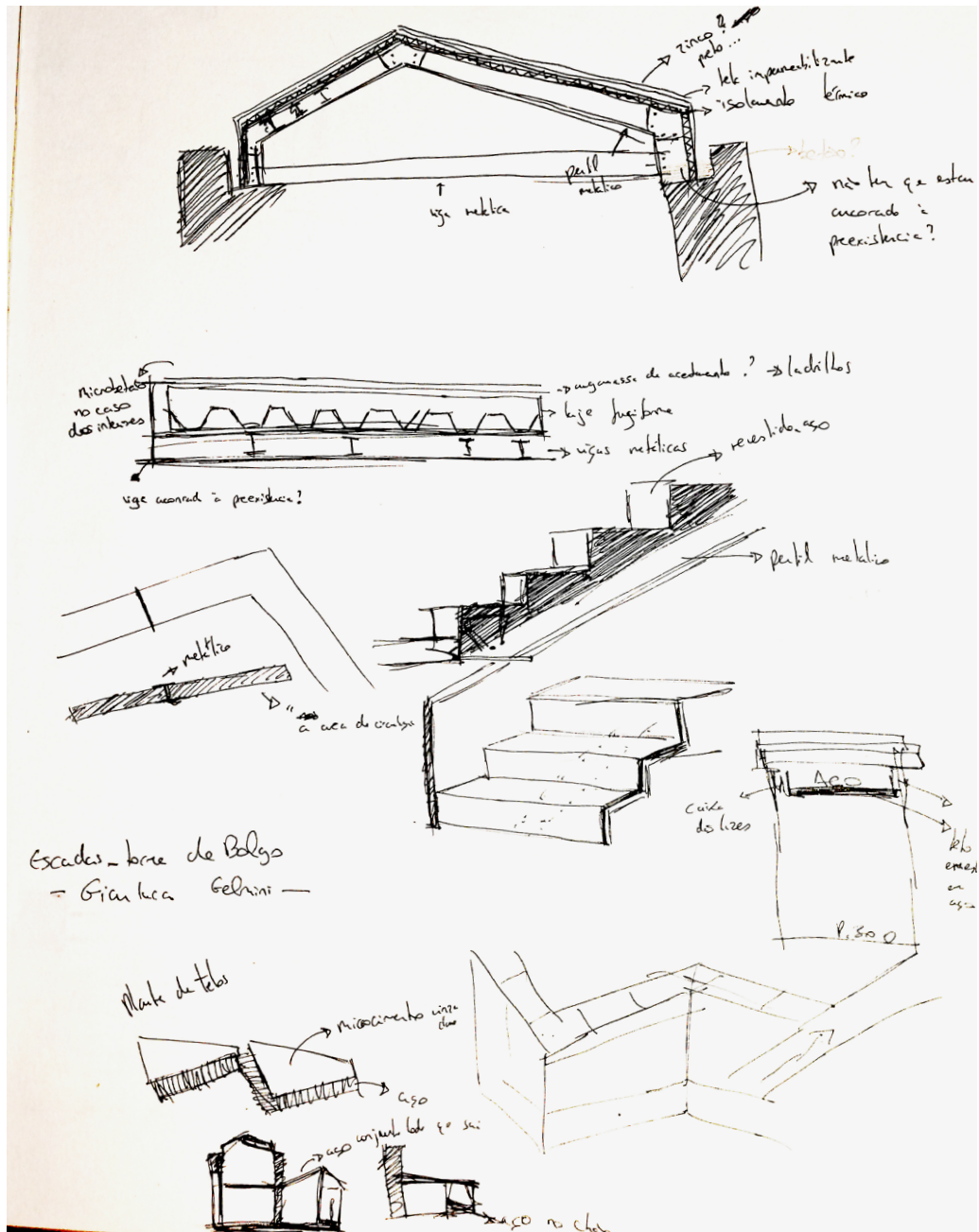










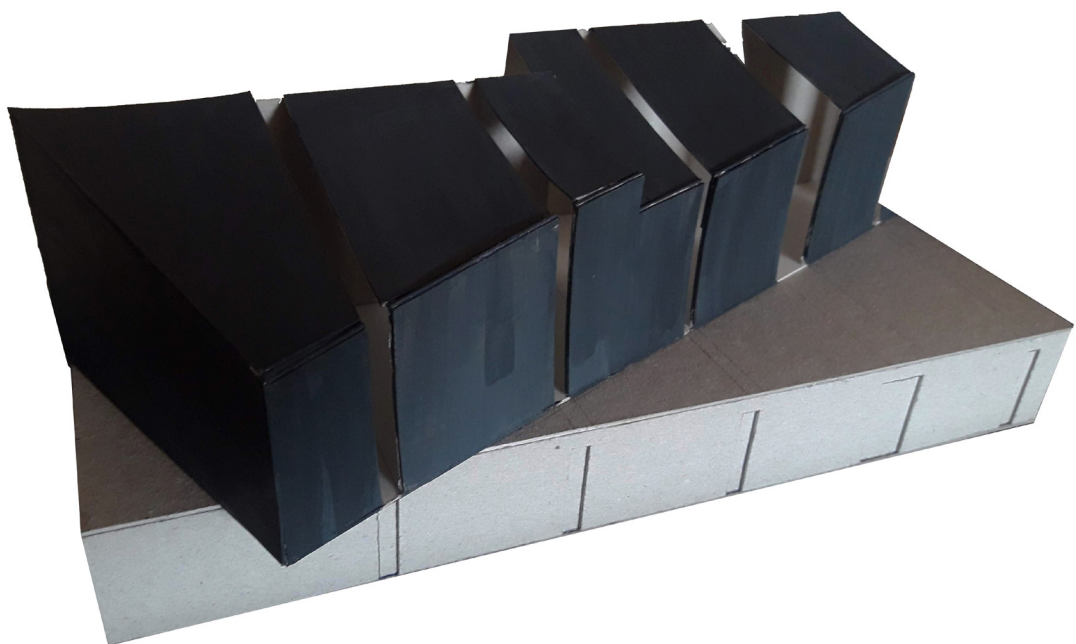
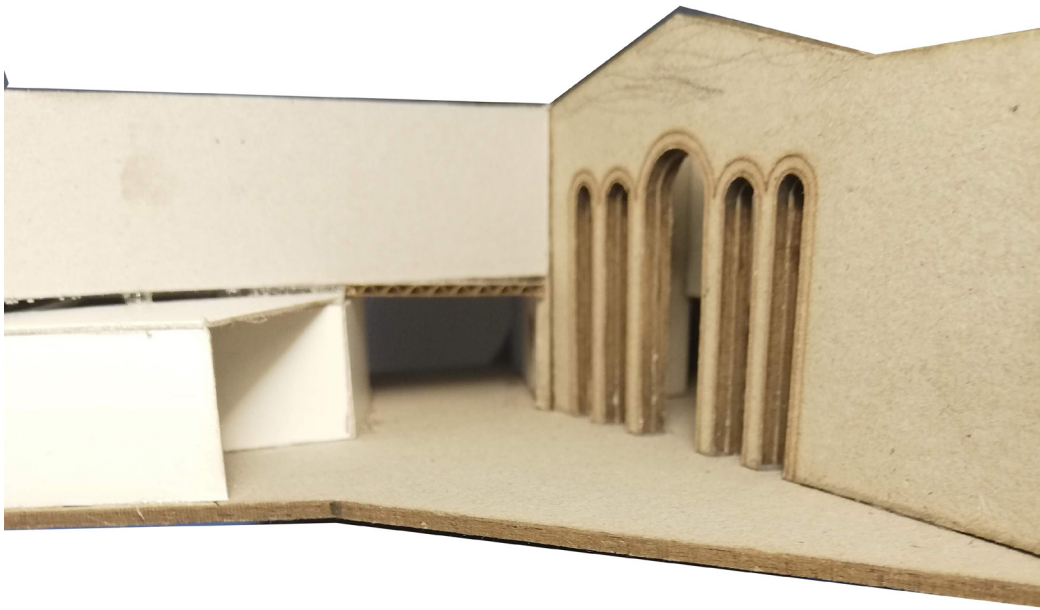


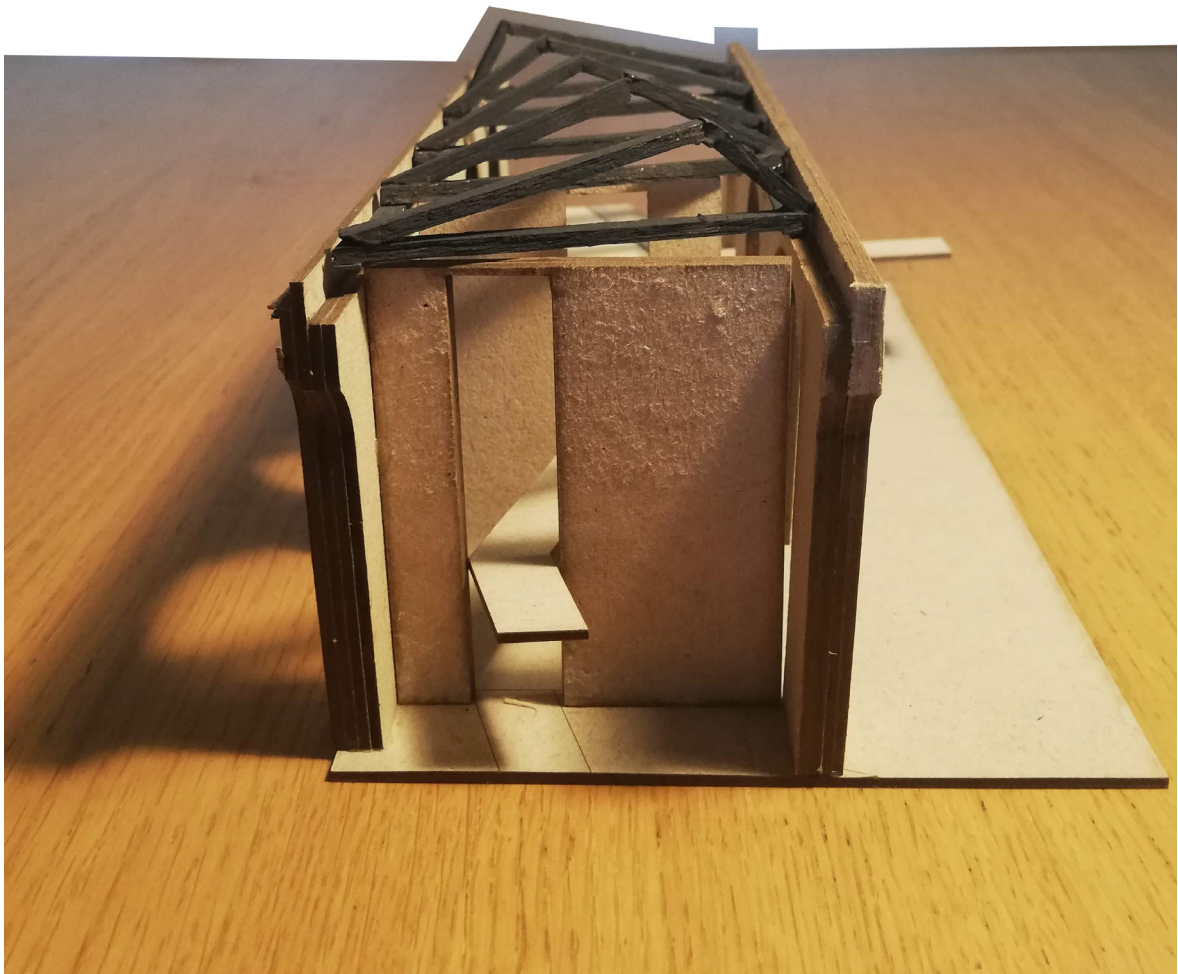
7 . MAQUETES

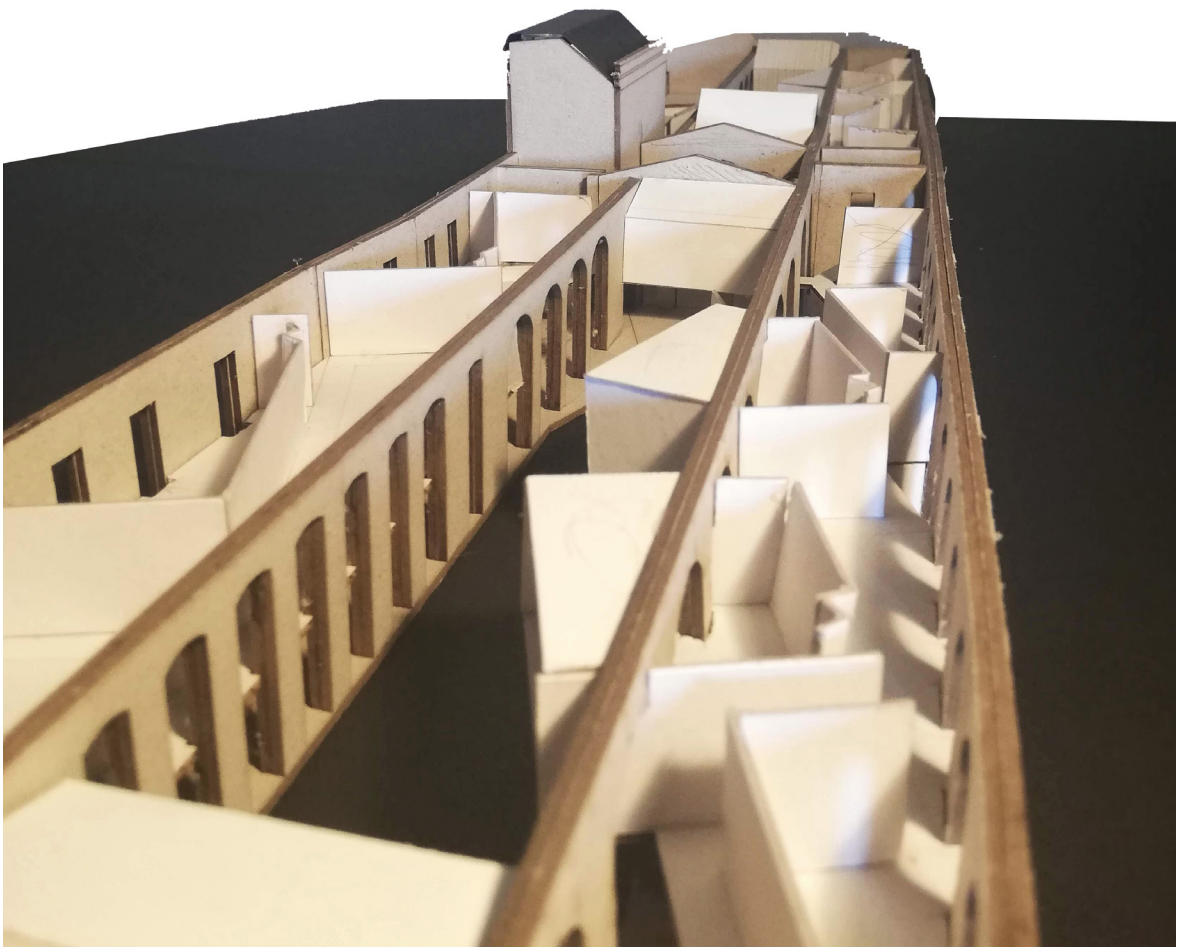


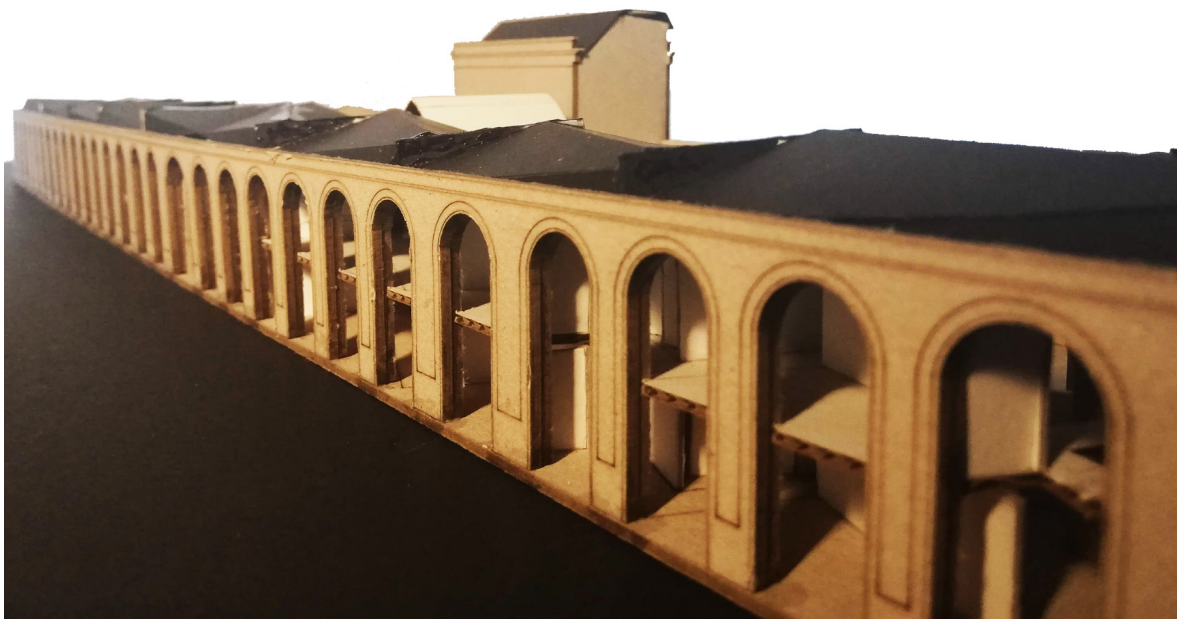




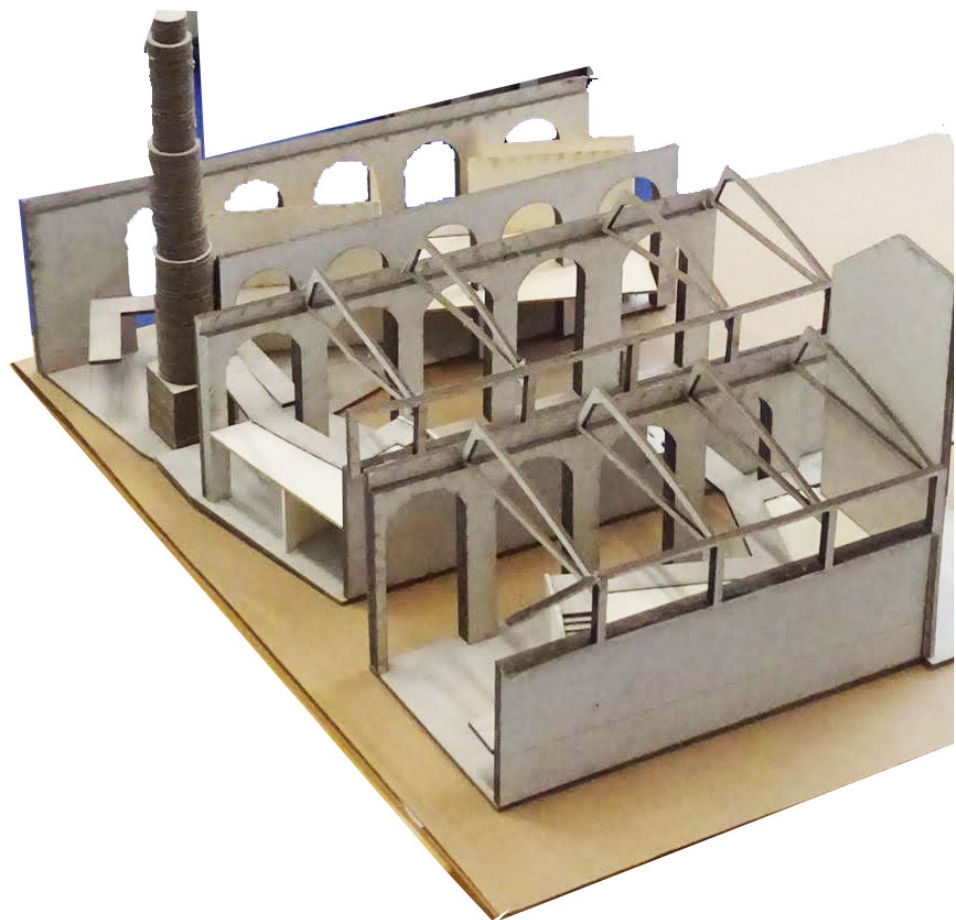














1 : 2000



1 : 500

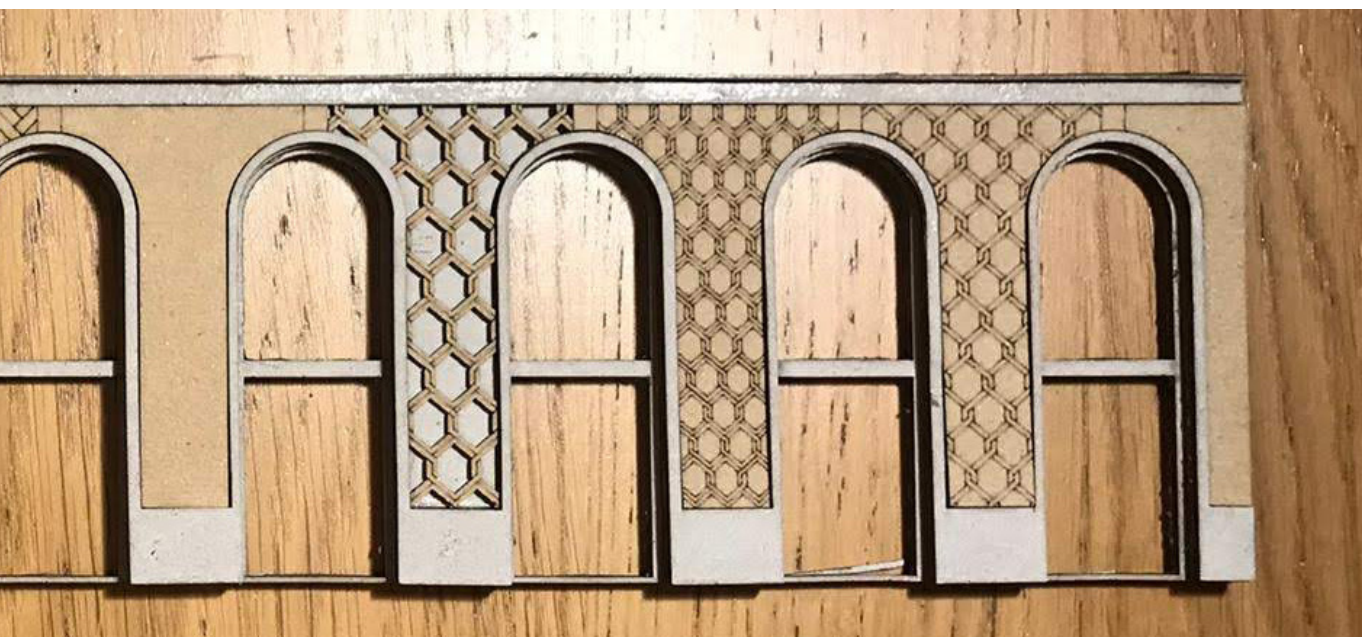


1 : 200









1 : 100



1 : 50









8 . PAINÉIS

